

# **COMPARATIVO ENTRE INGRESSOS E EGRESSOS DE PRODUÇÃO CULTURAL DA FACOM COM INGRESSOS E EGRESSOS DE GESTÃO CULTURAL DO IHAC: A FORMAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO DA CULTURA NA BAHIA<sup>1</sup>**

Buscamos nesse trabalho realizar uma análise do perfil dos ingressos e egressos do curso de Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura e da área de concentração em Políticas e Gestão da Cultura da Universidade Federal da Bahia, buscando compreender os processos de escolha e de qualificação dos futuros agentes atuantes neste campo em constituição.

## **A ORGANIZAÇÃO DA CULTURA**

Num contexto internacional, cada vez mais as funções na área da organização da cultura ficam evidentes e explícitas, como um agente dentro do campo e da dinâmica das profissões, e, neste sentido, os diversos programas acadêmicos têm contribuído para a profissionalização da prática dessa área, ao abandonar aos poucos o campo do empirismo e requerer uma maior sistematização de reflexões. Independente de problemas de conceituação, a organização da cultura é um campo ainda em processo de constituição que vem exigindo desses profissionais conhecimentos aprofundados sobre cultura e o domínio das práticas e técnicas inerentes ao seu universo de atuação.

Esse processo de profissionalização tem sido gradual e diferenciado em diversos países, e a formação aparece como um fator que contribui para a construção dessa identidade profissional. Uma primeira etapa do processo é a emergência de um campo de ação, quando temos, por exemplo, a criação dos primeiros cursos universitários nos

---

<sup>1</sup> Pesquisa coordenada pelo professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Leonardo Figueiredo Costa. A fase da pesquisa relacionada com a Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura contou com a parceria da professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Clélia Côrtes.

Estados Unidos na década de 1960. Temos ainda no mesmo período um marco fundador internacional no campo das políticas culturais, com a criação do Ministério de Assuntos Culturais da França, no comando de André Malraux, no ano de 1959. Processo que continuou com o descobrimento da necessidade de uma maior formalização desse campo de atuação, na busca de um maior reconhecimento social desse novo perfil de agente profissional.

As atividades da organização da cultura passaram a demandar a existência de agentes determinados e profissões especializadas. E neste contexto de necessidades surge a figura do profissional que inicialmente foi descobrindo a ocupação pela experiência cotidiana das práticas culturais, levado pelas circunstâncias e oportunidades criadas pelo novo ofício. Cria-se então um terreno mais propício para inserção de novos agentes que atualmente, mediante formação sistemática e reconhecimento de pares, apresentam-se à sociedade de forma mais direcionada e profissional. Com o surgimento de inúmeros estabelecimentos de arte e cultura bem como através da dinamização dos setores editoriais, cinematográficos, fonográficos e de patrimônio histórico, desenvolve-se um importante mercado para esse profissional.

A base desta constituição profissional se configura primeiramente através da sua prática, mas tendo em vista a sua profissionalização faz-se necessário trilhar um caminho em direção ao desenvolvimento dos aspectos da sua formação. A estruturação de práticas de formação precisa, por sua vez, da sistematização técnica/acadêmica do modo próprio de operação da área, já que para podermos definir uma identidade profissional neste meio é necessário identificar quais são os saberes/habilidades para esta atuação. Desse modo podemos avançar rumo a um maior reconhecimento deste campo.

## **A FORMAÇÃO**

Desde o ano de 1996, de forma pioneira no Brasil, a Universidade Federal da Bahia passou a oferecer o curso de Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura. Que curso seria esse? Que habilidades são desenvolvidas a partir

dessa formação? Até hoje os recém-ingressos no curso de produção cultural, como é comumente chamado, têm em mente essas dúvidas, pois são poucas opções de graduação plena nessa área no Brasil. Mas, felizmente, há um leque de oportunidades por detrás dessa nomenclatura, que de alguma forma participa de um movimento que busca profissionalizar o campo da organização da cultura – campo esse que congrega os profissionais atuantes na política, gestão ou produção culturais.

Atualmente uma das maiores carências detectadas em pesquisas das políticas culturais brasileiras têm sido a ausência de políticas de formação de pessoal em cultura (RUBIM, 2007a:32). Tal constatação aparece como problemática em uma circunstância contemporânea em que cada vez mais a cultura adquire centralidade, inclusive porque adquire uma dimensão transversal que a faz interagir e ter interfaces com os mais diversos campos sociais (RUBIM, 2007b).

Não é por acaso que a necessidade de políticas para a formação de pessoal de cultura tem sido uma reivindicação persistente em todas as conferências de cultura realizadas recentemente no país, sejam elas em âmbitos municipais, estaduais<sup>2</sup> e nacional<sup>3</sup>. Em tais conferências e em outros debates o tema da formação em cultura não

---

<sup>2</sup> Propostas resultantes da plenária da II Conferência Estadual de Cultura da Bahia: “criação e incentivo de cursos presenciais ou à distância, de formação nas expressões artístico-culturais de nível técnico, graduação e especialização (...). Criar, junto à Secretaria Estadual de Educação, uma proposta de lei para educação formal, visando a formação cultural (...), além da elaboração técnica, captação de recursos e gestão cultural”. <http://www.cultura.ba.gov.br/conferencia/conferencia-estadual/resultados> (acesso em 27/02/2008).

<sup>3</sup> Excertos dos eixos temáticos da 1ª Conferência Nacional de Cultura: “no caso brasileiro, encontramos em todos os níveis de governo órgãos responsáveis pela gestão cultural. É necessária uma maior interação, por exemplo, das empresas no sistema ‘S’, no planejamento de ações públicas no campo da cultura, tanto na produção, circulação e consumo de produtos culturais, quanto na formação e aprimoramento de produtores e agentes culturais (...). Como gerar as informações necessárias para um real conhecimento da cadeia produtiva da cultura? Como garantir um processo permanente de capacitação de gestores e produtores culturais? Como gerar um processo de profissionalização da gestão cultural também nos níveis superiores, com formação de especialistas para atuarem nas áreas de docência e de assessoramento? Como criar instrumentos de acompanhamento e avaliação das políticas estabelecidas?”. [http://www.cultura.gov.br/upload/Eixos\\_Tematicos\\_da\\_1\\_CNC\\_1132854375.pdf](http://www.cultura.gov.br/upload/Eixos_Tematicos_da_1_CNC_1132854375.pdf) (acesso em 27/02/2008).

só está sempre presente, como também ocupa permanentemente um lugar de destaque entre as demandas da sociedade.

A predominância das leis de incentivo à cultura no Brasil, em detrimento de uma intervenção mais atuante dos poderes públicos como atores ativos das políticas culturais nacionais e estaduais, inibiu ainda mais a preocupação com a formação de pessoal em cultura. A Lei Rouanet em 1995 reconheceu legalmente a existência do trabalho de intermediação de projetos culturais, inclusive com o ganho financeiro. Oficializou, de certo modo, a produção cultural no Brasil como uma função de organização da cultura através da elaboração de projetos, captação de recursos, administração de eventos etc. Mas enquanto plataforma política não buscou dar uma base para este possível campo em constituição. Logo em seguida temos a criação de dois cursos de graduação em produção cultural no Brasil (um no Rio de Janeiro e outro na Bahia), relacionados com uma demanda clara, no entanto pontuais nas suas atuações. O curso da Universidade Federal da Bahia apresenta a descrição que segue abaixo:

O profissional em Produção em Comunicação e Cultura, possuidor de um conhecimento teórico - analítico - informativo rico e abrangente da situação da cultura e da comunicação na contemporaneidade, com destaque para o panorama atual vivenciado no Brasil e na Bahia, realiza estudos e pesquisas na área de comunicação e cultura, além de planejar, produzir e realizar atividades culturais e comunicacionais, sob variadas formatações, sendo tais programas realizados diretamente pelos mídia, como “shows” inscritos em sua programação midiática ou não, ou programas realizados por terceiros, mas perpassados pela necessidade de efetiva interação com mídias.<sup>4</sup>

Podemos observar nesse trecho que a graduação busca contribuir não somente para a atividade prática dos futuros profissionais, como também para a sua visão acerca de temas como cultura, contemporaneidade, meios de comunicação, entre outros; possibilitando a formação de profissionais capazes de refletir sobre os contextos da área na qual posteriormente irão trabalhar.

---

<sup>4</sup>[http://www.facom.ufba.br/acad\\_ens\\_produ.html](http://www.facom.ufba.br/acad_ens_produ.html) (acesso em 18/02/2008).

Hoje temos cerca de 20 cursos de graduação plena e de graduação tecnológica na área de organização da cultura no Brasil, sendo que duas dessas experiências estão inseridas na Universidade Federal da Bahia: o curso de Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, e a área de concentração em Políticas e Gestão da Cultura. Depois de 16 anos de experiência dessa graduação pioneira ligada à Faculdade de Comunicação, tivemos a criação de uma área de concentração na Universidade Federal da Bahia, dessa vez no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). Esse curso apresenta a seguinte descrição:

A Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura é uma modalidade de especialização curricular capaz de conferir aos estudantes do Bacharelado Interdisciplinar (...) o domínio de habilidades e competências teóricas e aplicadas no campo da cultura, numa perspectiva inovadora de formação (...) que vai ao encontro das possibilidades de inserção profissional abertas contemporaneamente pelo campo da cultura. (...) O campo da cultura carece, enormemente, de profissionais que, com uma sólida e específica formação nas áreas de formulação, implementação e avaliação de políticas culturais e de gestão de instituições, empreendimentos e projetos culturais, possam atender tal demanda.<sup>5</sup>

Já desenvolvemos uma pesquisa com os egressos do curso da Facom entre 1999 e 2012, numa análise de inserção destes alunos no mercado de trabalho e as suas considerações sobre a formação. Agora pretendemos realizar uma pesquisa em relação aos ingressos, buscando ainda um comparativo entre os ingressos e egressos de dois cursos numa mesma área sendo sediados em unidades distintas da UFBA. Há diferenças no processo de escolhas desses alunos? Qual o conhecimento prévio desses estudantes sobre essa futura área de trabalho? Quais diferenças podemos perceber nesses dois cursos? Há diferenças intrínsecas nas terminologias empregadas de gestão e de produção culturais?

---

<sup>5</sup>[www.ihac.ufba.br/portugues/wp-content/uploads/2011/06/politicas-e-gestao-da-cultura.doc](http://www.ihac.ufba.br/portugues/wp-content/uploads/2011/06/politicas-e-gestao-da-cultura.doc) (acesso em 19/06/2012).

## **GESTÃO E PRODUÇÃO CULTURAIS NO BRASIL: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO**

No Brasil temos uma certa profusão/confusão de nomes na área da organização da cultura, e, muitas vezes, termos que poderiam exprimir situações diferentes no campo de trabalho são utilizados como sinônimos. “Uma das características dessa emergência recente e, por conseguinte, da ausência de tradição na conformação específica desse momento é a falta de sedimentação inclusive na sua nomeação” (RUBIM, 2008:52). Essa falta de diferenciação é um dos pontos que afeta a profissionalização, já que é necessário primeiramente reconhecer o que de novo traz a complexificação do setor cultural. Precisamos ir além das (in)definições que apresentam os termos “gestão” e “produção” como sinônimos de uma mesma atividade no campo da organização.

Gestão cultural é um termo relativamente recente no cenário cultural brasileiro. Pressupõe procedimentos administrativos e operacionais, mas não se resume a eles. Pressupõe também a gerência de processos no campo da cultura e da arte, mas vai além dele. Para melhor conceituarmos o campo da gestão cultural, podemos articulá-lo a ideia de mediação de processos de produções material e imaterial de bens culturais e de mediação de agentes sociais os mais diversos (RODRIGUES, 2009:77).

O sexto número da *Revista Observatório do Itaú Cultural* (2008) apresenta um especial sobre os profissionais da cultura e a formação para o setor. A primeira matéria, cujo título é *Os fazeres e os saberes dos gestores de cultura no Brasil*, busca traçar um perfil do gestor cultural: “um dos profissionais-chave do setor (...). Cabe a ele, entre muitas outras atribuições, promover a produção de bens culturais e facilitar a sua circulação, cuidando para que o acesso público a esses bens seja garantido” (REVISTA OIC, 2008:06). Através de entrevistas com pesquisadores e responsáveis por organizações culturais no Brasil, foi constatado que a formação desse profissional é uma necessidade que urge para o setor.

Não existe cultura sem seu momento organizativo. Mesmo determinadas manifestações culturais ditas espontâneas não podem se realizar sem organização. Mas esse caráter inerente e ‘natural’ talvez tenha obscurecido a imediata atenção com esse

movimento, que só recentemente emergiu como espaço de práticas e formulações (RUBIM, 2008:52).

São citadas algumas posições sobre as diferentes terminologias utilizadas no setor, como a de Albino Rubim, que “vê o gestor não como aquele que formula ou implementa diretrizes culturais, mas como o profissional que está à frente de projetos permanentes de cultura” (REVISTA OIC, 2008:10). Já “o produtor cultural (...) organizaria projetos específicos e descontinuados no tempo, dentro ou fora da esfera governamental” (REVISTA OIC, 2008:10). Pensamos que essa diferença talvez traga alguns problemas, quando refletimos a ação de produtores culturais em projetos que são continuados (com edições anuais, por exemplo), mas ainda não são considerados programas que atuam dentro de alguma diretriz maior. Talvez a diferenciação fique mais clara a partir dessa questão, do trabalho em programas (feito por gestores) e em projetos (feitos por produtores).

Já Maria Helena Cunha vê o produtor cultural<sup>6</sup> como “alguém que caminha de mãos dadas com o gestor, sob a sua coordenação” (REVISTA OIC, 2008:13). Essa visão tenta tratar a questão a partir de uma relação lado a lado (ao caminhar de mãos dadas), onde um coordena o outro. A produção pode estar, em alguns momentos, sob a coordenação da gestão, mas isso não marca necessariamente uma diferença fundamental das atuações. Cremos que a atuação na esfera micro não precisa, necessariamente, estar a todo o momento sob a batuta da esfera macro. Ou estaríamos sempre trabalhando num macro-determinismo?

“Pensar e planejar o campo da produção, circulação e consumo da cultura dentro de uma racionalidade administrativa é uma prática que pertence aos tempos contemporâneos” (CALABRE, 2008:66). Uma das dificuldades que temos para definir as profissões e as atividades culturais, e propor programas de formação e capacitação que

---

<sup>6</sup> A pesquisadora Maria Helena Cunha no seu livro *Gestão cultural: profissão em formação* expõe a noção do gestor cultural ao tratar os seus entrevistados, base para o seu trabalho de construção do campo cultural em Belo Horizonte (CUNHA, 2007). Entretanto, ao contrário da escolha da autora, alguns entrevistados fazem a opção nas suas narrativas pelo título de produtor cultural – o que dificulta a discussão sobre uma distinção entre as profissões.

respeitem as especificidades dessas atividades; é a atuação num “campo novo, com fronteiras fluidas” (CALABRE, 2008:66).

Temos alguns livros no Brasil que trazem informações sobre as atividades e a figura do produtor e/ou do gestor cultural (ALMEIDA, 1992; ALMEIDA, 1998; CESNIK e MALAGODI, 2001; CUNHA FILHO, 2002; RODRIGUES, 2002; LEITÃO, 2003; NATALE e OLIVIERI, 2003; OLIVEIRA, 2010), mas é o gestor cultural Rômulo Avelar, em seu livro *O Avesso da Cena: notas sobre produção e gestão cultural*, um dos autores que melhor exemplifica a relação de diferenças e semelhanças de atuação entre os profissionais da produção e os que estariam ligados a gestão. Segundo Avelar, produtor cultural é o profissional que “(...) cria e administra diretamente eventos e projetos culturais, intermediando as relações dos artistas e demais profissionais da área com o Poder Público, as empresas patrocinadoras, os espaços culturais e o público consumidor de cultura” (AVELAR, 2008:52); enquanto o gestor cultural é o profissional que:

(...) administra grupos e instituições culturais, intermediando as relações dos artistas e dos demais profissionais da área com o Poder Público, as empresas patrocinadoras, os espaços culturais e o público consumidor de cultura; ou que desenvolve e administra atividades voltadas para a cultura em empresas privadas, órgãos públicos, ONGs e espaços culturais (AVELAR, 2008:52).

Segundo Avelar (2008), o produtor age enquanto posição central do processo cultural, atuando como o grande mediador entre os profissionais da cultura e os demais segmentos. “Nessa perspectiva precisa atuar como ‘tradutor’ das diferentes linguagens, contribuindo para que o sistema funcione harmoniosamente” (AVELAR, 2008:50). Ao gestor também caberia o papel de interface entre diferentes profissionais, no entanto, de acordo com os diagramas apresentados, o gestor pode ainda estar presente no interior de outras instituições, contexto no qual ele é o responsável por alguma área privada de patrocínio a cultura ou por algum espaço cultural. Ainda de acordo com Avelar (2008), produção e gestão culturais são atividades essencialmente administrativas, verbo presente em ambas as definições que foram abordadas pelo autor.



## **FORMAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL NA UFBA: UMA ANÁLISE DOS ALUNOS EGRESSOS**

Fernanda Souza

Jonas Nogueira

Leonardo Costa

Ugo Barbosa de Mello

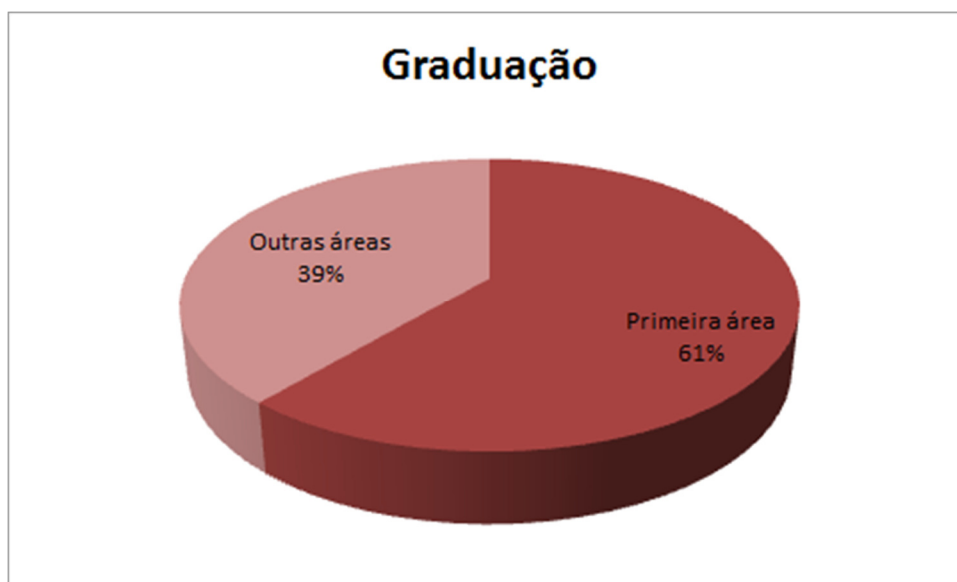
As instituições que trabalham com formação na área precisam reconhecer que a sua iniciativa é crucial para a profissionalização da organização da cultura. E, para empreender esforços neste sentido, uma das alternativas metodológicas que se colocam é a análise dos alunos egressos dessas instituições. Traremos neste capítulo uma atualização das informações organizadas primeiramente no trabalho de conclusão de curso intitulado de autoria de Ugo Barbosa de Mello (2009), com os dados das últimas turmas formadas entre 2009 e 2012. Nessa investigação daremos continuidade ao questionário utilizado na primeira etapa, e prosseguiremos na análise de inserção destes alunos no mercado trabalho.

O questionário aplicado aos egressos do curso de Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, entre os semestres de 2009.1 e 2012.1, se divide em sete partes, além dos dados de informações pessoais.

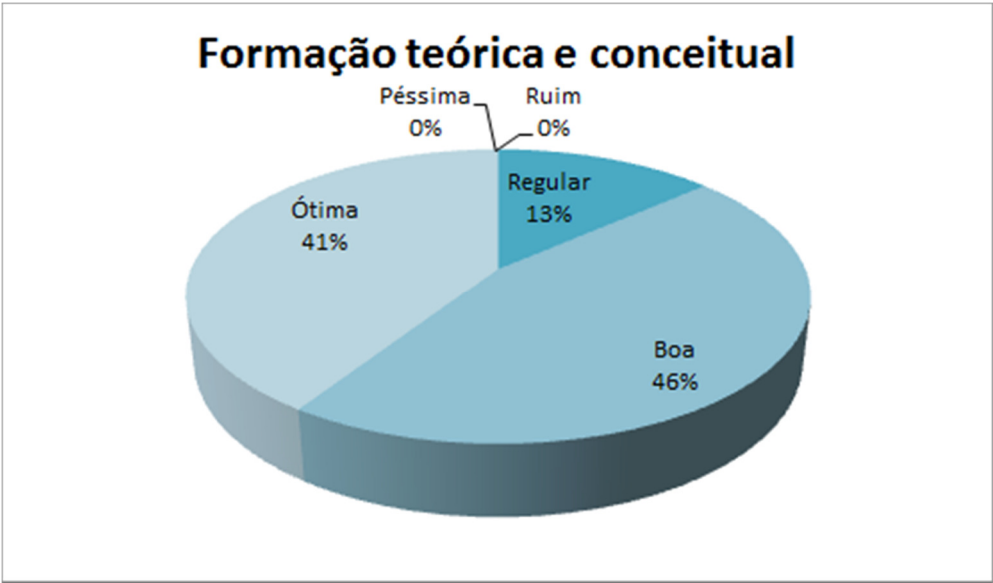
No primeiro momento, onde o tema central é a graduação, os egressos responderam sobre o curso e as disciplinas em específico e qual contribuição tiveram para a sua formação, levando em consideração as formações teórica e conceitual, analítica e informativa, técnica e política da Faculdade de Comunicação.

Anterior as disciplinas, os alunos formados deveriam responder se aquele curso seria sua primeira graduação ou se já haviam cursado alguma outra faculdade e nos informar sua cidade e estado de naturalidade. Uma maioria de 61% disse ter cursado sua primeira graduação, enquanto que os 39% restantes vieram das mais variadas áreas, mas

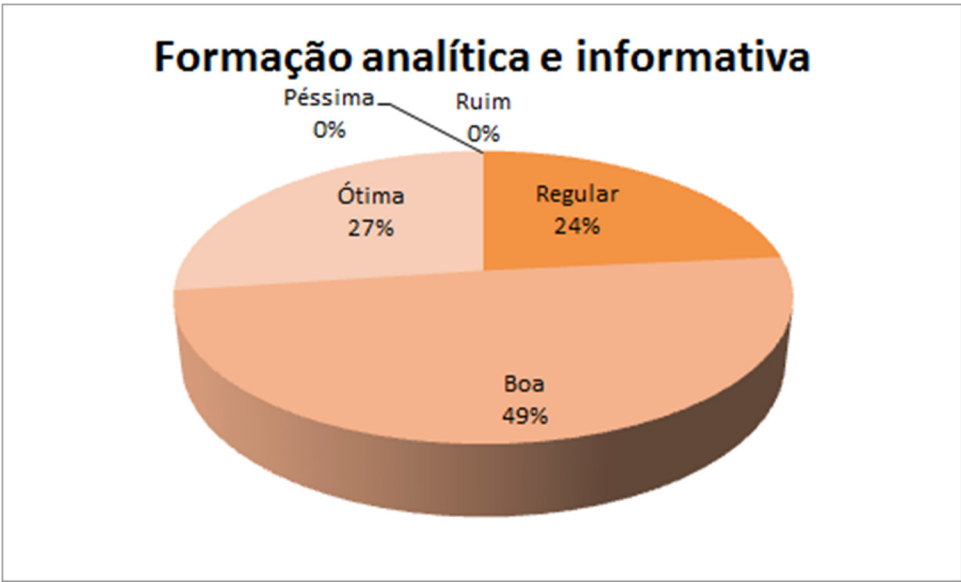
a sua maioria são oriundos de cursos na área de comunicação ou humanas. Em relação a naturalidade, 11,2% responderam que são de outro estado, demonstrando então, um número considerável de pessoas que saem de sua origem em busca dessa formação e demonstrando também uma tendência da Bahia se tornar um dos principais pólos de formação em Produção Cultural do Brasil.



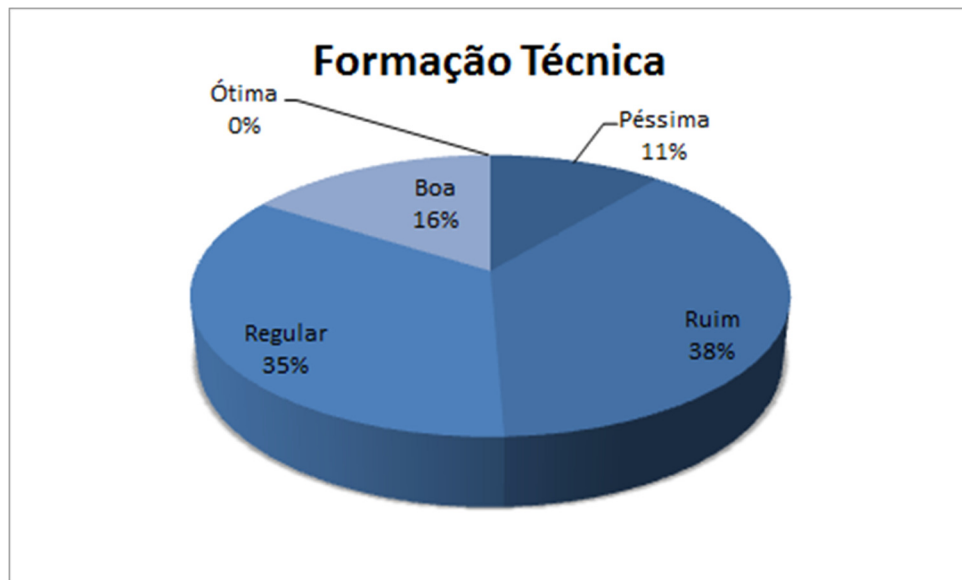
Levando em consideração a formação teórica e conceitual, 46% a consideram boa, 41% avaliaram-na como ótima, totalizando um percentual de 87% de alunos que sentem-se contentes com a formação teórica e conceitual oferecida. Apenas 13% a julgam como regular e nenhum dos que responderam acreditam que essa formação seja ruim ou péssima.



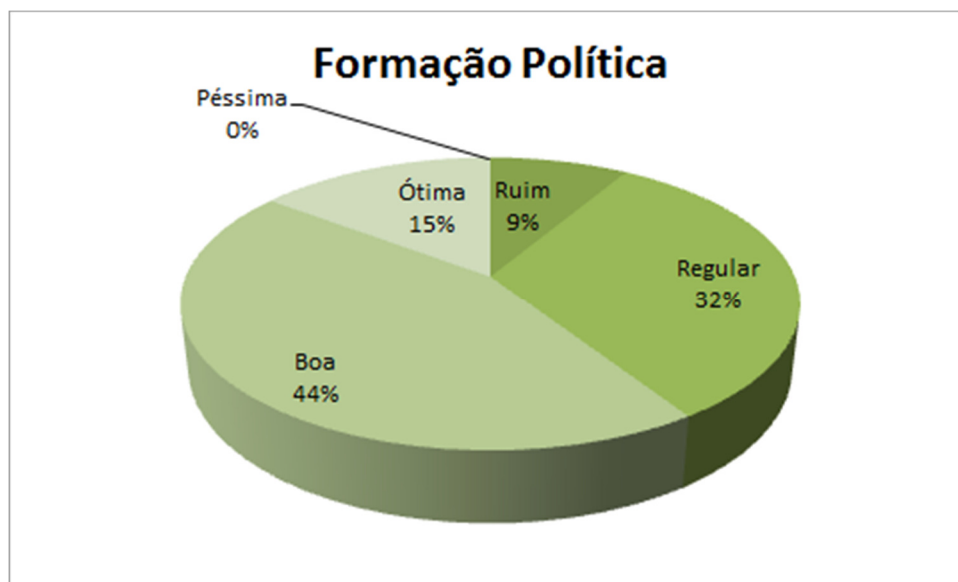
Partindo para a formação analítica e informativa, a avaliação ainda é positiva, já que 49% acreditam ser uma boa formação, 27% avaliam como ótima e apenas um percentual 24% avalia como regular. O que totaliza um percentual de 76% de alunos satisfeitos com a formação analítica e informativa proporcionada pelo curso.



A formação técnica do curso não é vista de maneira satisfatória pelos egressos. Um percentual de 38% avaliam como ruim, 35% acreditam ser regular, 11% péssima, dos satisfeitos restam 16% que acreditam ser boa a formação, mas nenhum dos pesquisados avaliam essa formação como ótima, totalizando um percentual de 84% de alunos descontentes. Podemos apontar neste momento uma discussão que persiste no interior de um bacharelado, que seria a formação referente às técnicas futuras que serão empregadas por estes profissionais no mercado de trabalho. Aqui colocamos como questão, se seria importante repensar o currículo do bacharelado focando mais nos aspectos técnicos, ou se isso caberia a algum outro tipo de formação, em outro nível, como um curso tecnológico ou técnico na área?

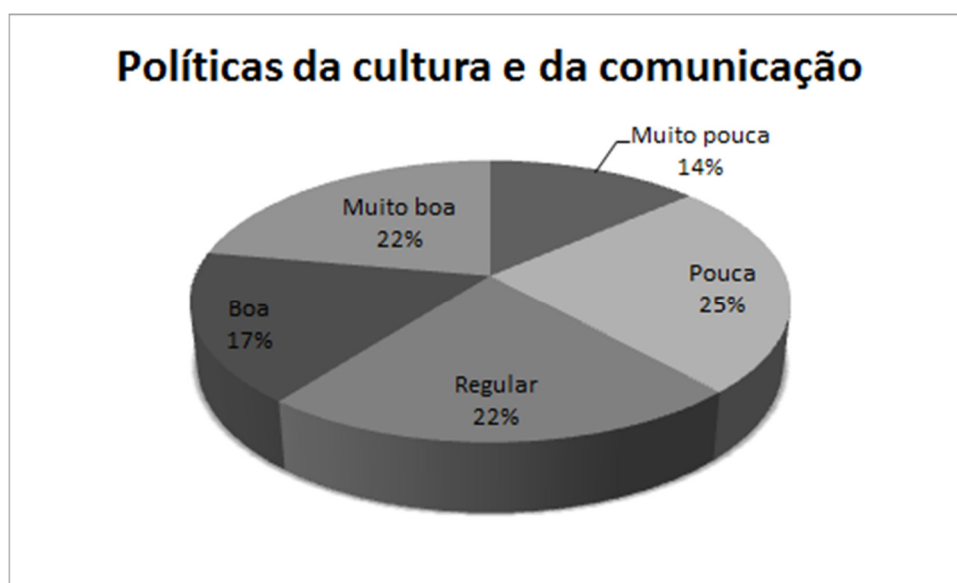


Por último, a formação política volta para um balanço positivo, totalizando 59% de egressos contentes com sua formação política, sendo que 44% acreditam ser boa e 15% ótima, restando um percentual de 32% de alunos que acreditam ser regular e apenas 9% avaliam como ruim.



A terceira parte da pesquisa faz um questionamento mais específico e pede uma avaliação das disciplinas cursadas ao longo da graduação e o quanto ela contribuiu para a formação do egresso. A primeira delas é Políticas da Cultura e da Comunicação, com um percentual de 25% que acreditam que sua contribuição foi pouca, 22% acreditam ter sido regular e 14% muito pouca. Satisfeitos com a contribuição da matéria, restaram 38% dos alunos, 22% julgam como muito boa e 17% como boa. A matéria Marketing Cultural tem um balanço positivo, totalizando uma percentagem de 51% que acreditam na contribuição da matéria, sendo que 25% acreditam que foi boa e 26% muito boa. 20% acreditam ter sido regular, 23% pouca e 6% muito pouca. A Oficina de Produção Cultural apresenta um dos melhores resultados dentre as matérias, 64% dos pesquisados estão satisfeitos com a contribuição, dentre eles os que julgam boa (33%) e muito boa (31%). O percentual insatisfeito soma um total de 36%, dentre os que acreditam ser regular (24%), pouca (7%) e muito pouca (5%). A Oficina de Análise de Públicos e Mercados Culturais foi avaliada de forma muito boa (31%) e boa (29%) pela maioria, 20% acreditam ter sido regular a contribuição, 15% como pouca e 5% muito pouca. A Assessoria de Comunicação mantém-se no mesmo de padrão das anteriores, satisfeitos

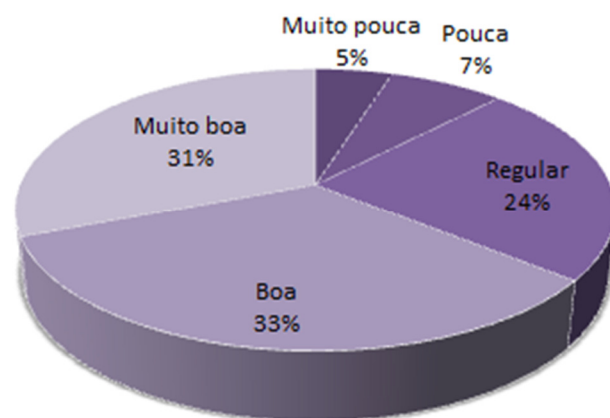
com a matéria somam 58% dos egressos, dentre eles que acreditam ter sido muito boa (26%) e boa (32%) a contribuição. Regular são 27%, pouca 9% e muito pouca 6%. A Oficina de Planejamento e Elaboração de Projetos Culturais, apesar de ser importante para tentar suprir a deficiência de formação técnica apresentada pelos alunos, não foi tida como grande contribuição dentre as matérias, com uma percentagem de 64% de insatisfeitos, dentre eles que acreditam numa contribuição regular (26%), pouca (22%) e muito pouca (16%). Remanescentes somam 37%, com uma contribuição boa (17%) e muito boa (19%). A oficina de Gestão Cultural divide opiniões, 20% acreditam ter sido muito boa a colaboração, 27% boa, 25% regular, 17% pouca e finalmente 11% muito pouca. Nessa análise, como as perguntas tinham caráter fechado, não podemos avaliar especificamente quais foram os problemas enfrentados pelos alunos no decorrer do curso. Podemos levantar aqui a hipótese de docentes não qualificados para ministrar determinados conteúdos, tendo em vista o histórico dessa formação na UFBA, que apenas a partir de 2010 (a pesquisa conta com egressos de 2009 a 2012) o curso de Produção Cultural passa a contar com um corpo mais efetivo de docentes, tendo sido realizado quatro contratações entre 2010 e 2011 (até então, só tinham sido feitas duas contratações entre 1996 e 2009). A maior parte das disciplinas específicas do curso, até então, eram ministradas por professores substitutos.



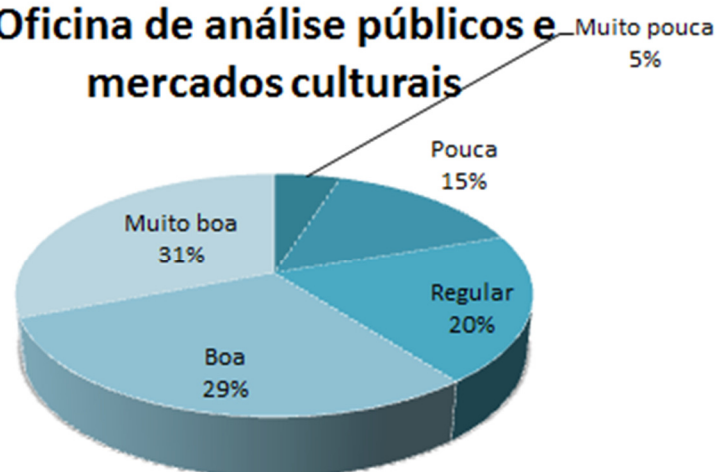
## Marketing Cultural



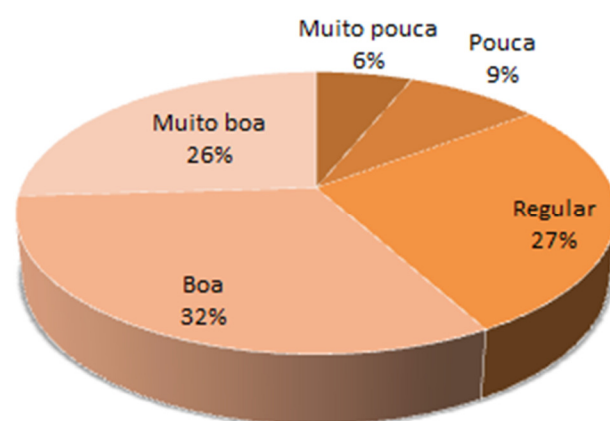
## Oficina de Produção Cultural



### Oficina de análise públicos e mercados culturais

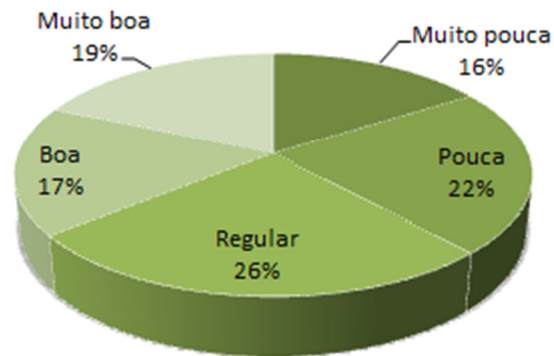


### Oficina de assessoria de comunicação

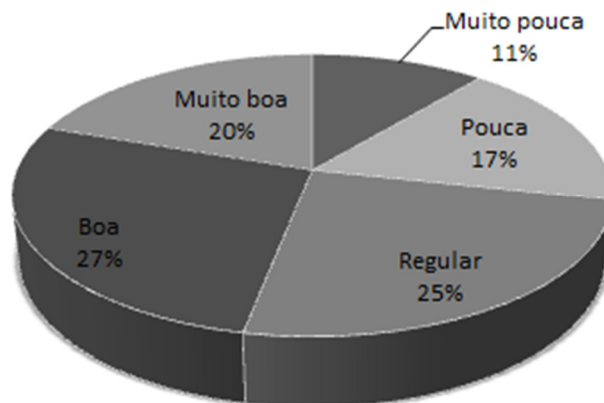




### Oficina de planejamento e elaboração de projetos culturais

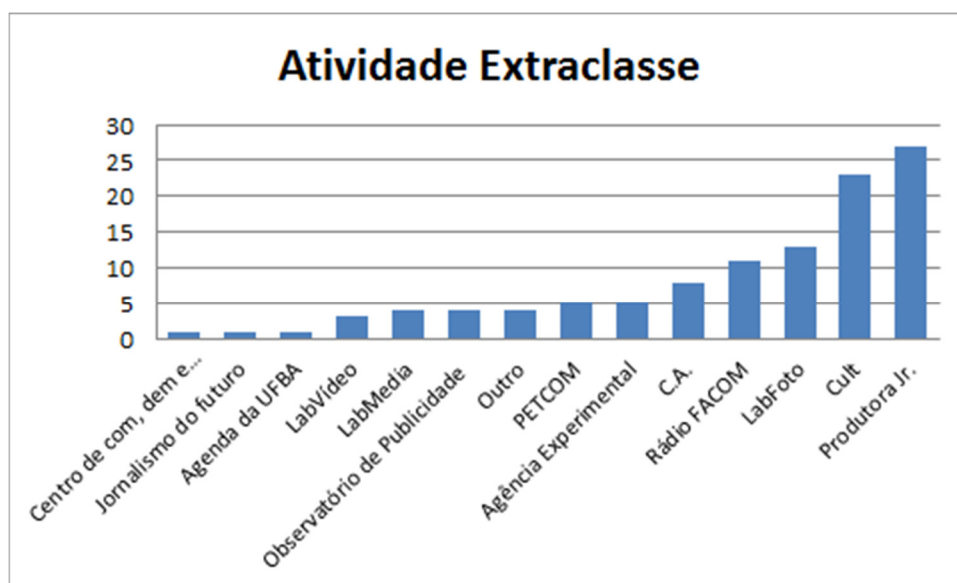


### Oficina de gestão cultural



Após avaliação das matérias, segue uma abordagem a respeito de atividades extraclasse que os alunos pudessem ter realizado ao longo de sua graduação. Na FACOM eram muitas as possibilidades, dentre elas: C.A., Produtora Jr., PETCOM, Rádio Facom, LabFoto, Agência Experimental, LabMedia, LabVídeo, CULT, Observatório de Publicidade em Tecnologias Digitais, Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania,

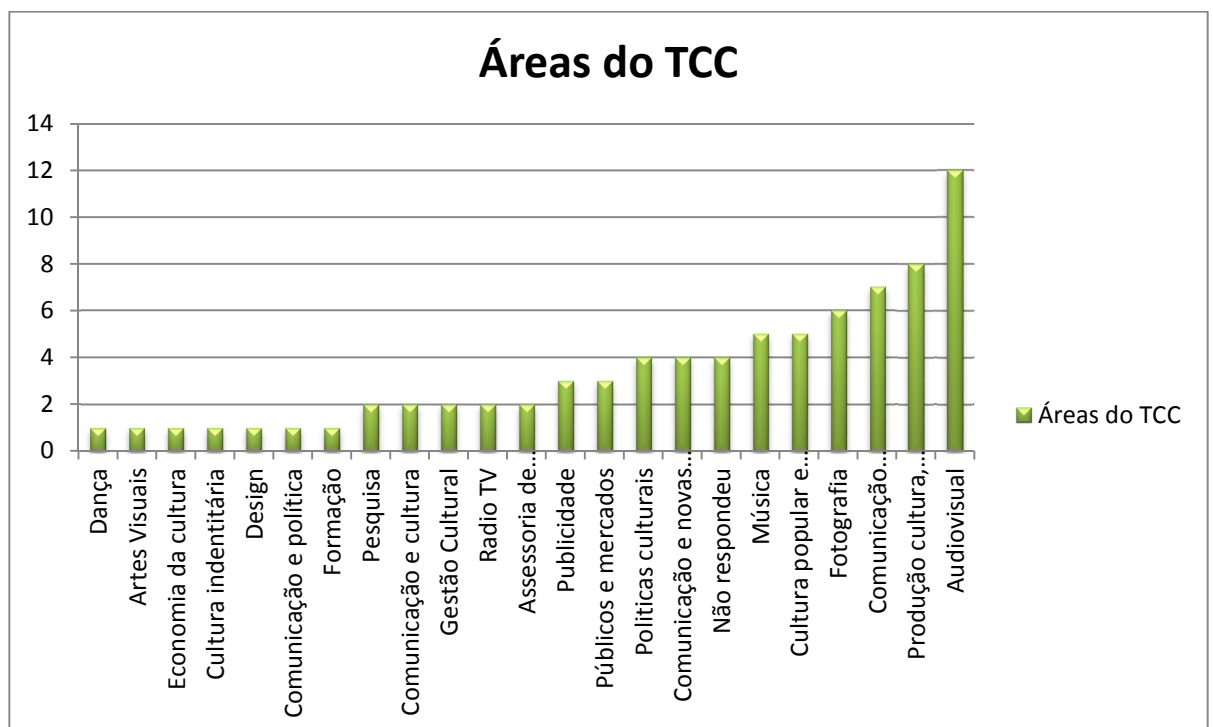
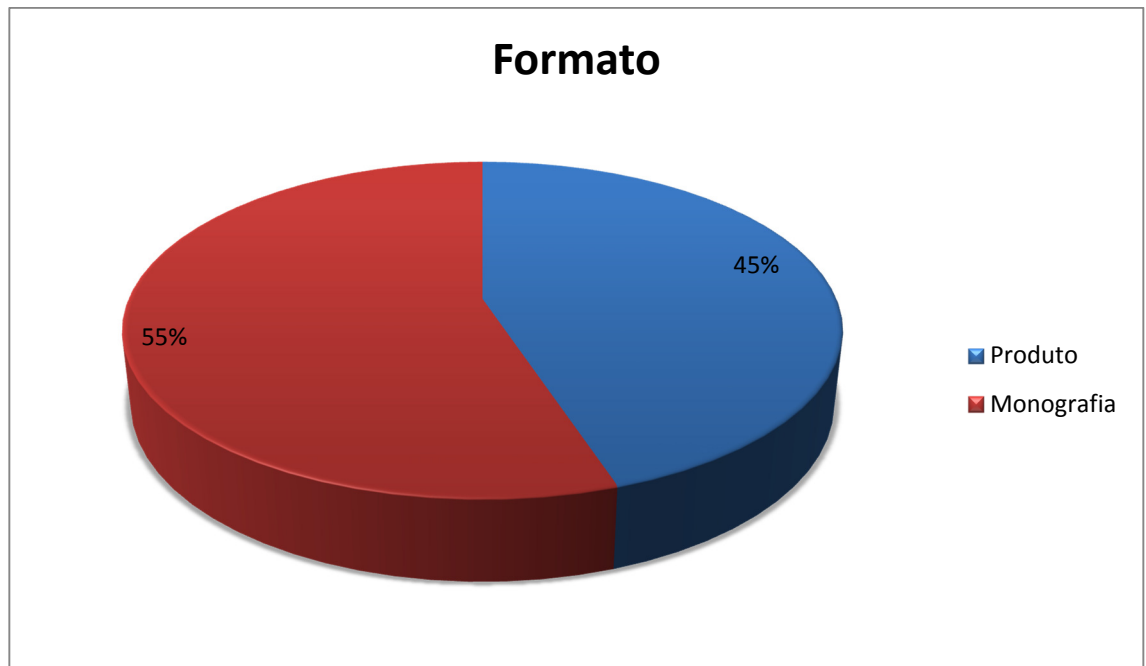
Jornalismo de Futuro e Agenda de Arte e Cultura da UFBA. O CULT e a Produtora Jr. lidaram a percentagem com 76% da participação de alunos, 44% na Produtora e 32% no CULT. Desses egressos, 48% participaram de grupo de pesquisa, dentre esses 30,7% como bolsistas e 69,2%, aproximadamente, como voluntários, sendo que um dos pesquisados não respondeu a essa opção de função no grupo de pesquisa.



Ainda nas atividades extraclasse, temos uma avaliação das áreas de estágio que normalmente são ocupadas pelos estudantes de Produção Cultural da FACOM, eles poderiam escolher mais de uma opção, portando a somatória pode ultrapassar 100%. As áreas oferecidas na pesquisa como opção são: Elaboração e Planejamento de projetos Culturais, com 26% de ocupação, Produção Executiva em Projetos Culturais, com liderança de 37% do percentual total, Produção de Eventos (24%), Marketing Cultural (13%), Gestão Cultural (19%) e Assessoria de Comunicação também na liderança de ocupação com 37%.



No tópico cinco, referente ao trabalho de conclusão de curso (TCC), foi perguntado qual o formato escolhido para a confecção do mesmo, 55% responderam que fizeram monografia sendo respectivamente que 45% fez produto. Algumas das áreas citadas dos trabalhos foram, publicidade, comunicação organizacional, tradição oral, patrocínio cultural, produção cultural e música, política cultural, dentre outros.



Na parte seis do questionário o foco é dado para as experiências de trabalho profissional do egresso. Foi perguntado se o entrevistado trabalha na área de Comunicação – Produção Cultural. Na resposta 63% disseram que sim, e 37% responderam que não. Como complemento desta questão era perguntado sobre a empresa ou instituição de trabalho, a área de atuação do entrevistado e o cargo/função que ele

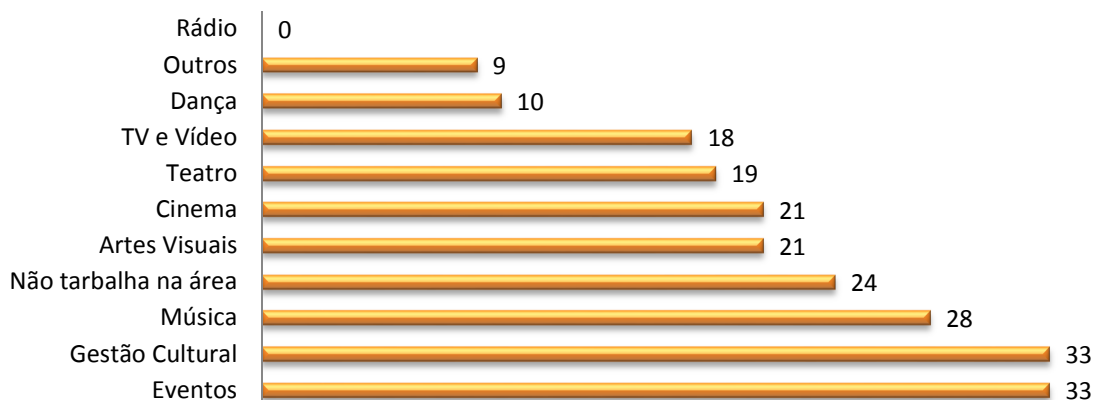
executa, muitos egressos estão atuando em instituições como órgãos e espaços culturais ligados ao governo, empresas de comunicação e empreendimentos próprios, como produtoras.



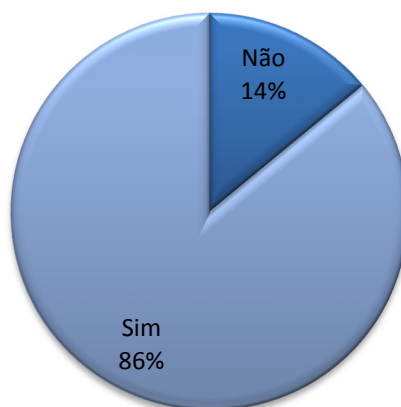
Ainda no tópico experiências de trabalho profissionais os egressos foram questionados sobre as especialidades na área de produção em comunicação e cultura que atuam. Como reflexo da questão anterior a grande maioria dos entrevistados atuam na gestão cultural ou na produção de eventos 33%, sendo seguidos por música (28%), cinema (21%), artes visuais (21%), teatro (19%), TV e vídeo (18%) e dança (10%) respectivamente. No entanto uma parcela considerável, 24% dos entrevistados não atuam na área, o que acaba por impactar diretamente na resposta da próxima questão. “O curso contribuiu para o trabalho na área cultural?”, 86% disseram que sim, e 14% disseram que não havia contribuído.

## Especialidades na área de produção em comunicação e cultura que você atua:

■ Especialidades na área de produção em comunicação e cultura que você atua:



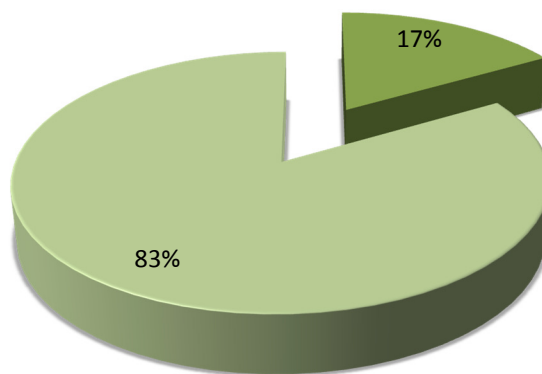
## O curso contribuiu para o trabalho na área cultural?



O tópico sete é destinado a pós-graduação. Os egressos foram perguntados se haviam feito ou se estavam cursando alguma pós-graduação. A maioria dos entrevistados responderam que não (56%), enquanto (41%) responderam que sim, sendo consecutivamente questionados qual o nível da pós-graduação. 85% fizeram especialização, 15% mestrado e nenhum dos entrevistados havia feito doutorado ou pós-doutorado (dado o curto tempo desses egressos terem se formado – a partir de 2009).

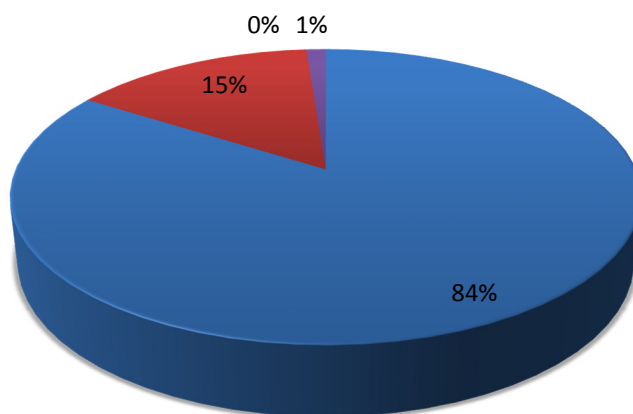
## Já fez ou está cursando Pós-graduação?

■ Não ■ Sim



## Nível:

■ Especialização ■ Mestrado ■ Doutorado ■ Pós-doutorado





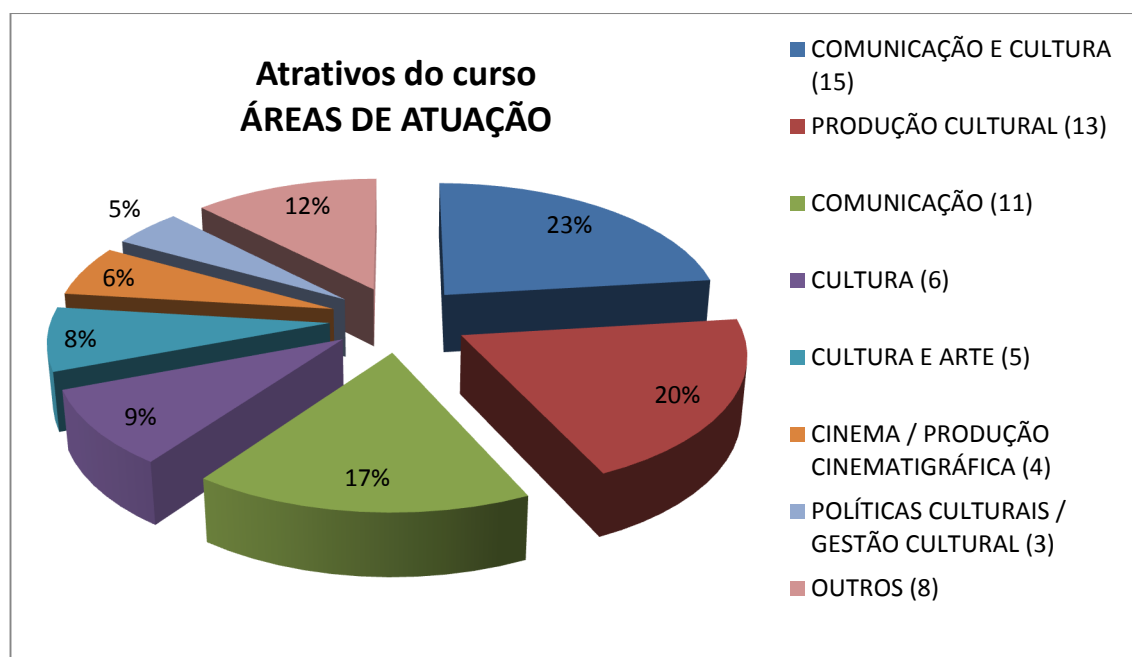
Ao serem perguntados sobre a empresa ou instituição em que trabalham, confirmando os dados relativos à área de atuação, algumas instituições públicas foram citadas nas respostas dos egressos como a Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), a Secretaria de Cultura do Estado (SECULT), o Ministério da Cultura, aparelhos culturais e programas do estado como o MAM, Cidade do Saber e o Programa de Inclusão Digital do Governo Federal. Outras instituições também foram citadas como o Instituto Aliança Francesa, Tão Interativa, SESI Rio Vermelho e empresas como a Chá das Quatro Produções, Propeg, P55, Checklist Soluções, Groove Bar e artistas como a banda Retrofoguetes e Canto dos Malditos.

No questionário de pesquisa apresentado ao público de alunos egressos do curso de Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, havia ainda seis espaços para resposta do tipo aberta, subjetiva, sendo cinco delas questões e um espaço para informações adicionais. Abaixo apresentamos de forma descritiva e em



gráfico a compilação dessas informações nas categorias que surgiram a partir das respostas dos entrevistados.

No primeiro item de pergunta subjetiva do questionário (2.4.1<sup>7</sup>) a questão se referia a qual (ou quais) características ou fatores do curso que tinham atraído o estudante no momento de escolha do mesmo. O número de 59 alunos, de um total de 81 entrevistados, responderam essa questão. Ao observar os textos verificamos que a maioria se referia nas respostas as possibilidades de campos de atuação que o curso poderia proporcionar. Outro aspecto destacado foi a instituição/unidade onde o curso é ofertado. Vejamos no gráfico a seguir, que considera o número total de menções (65) feitas:



Como é possível verificar no gráfico acima, os quatro primeiros itens mencionados pelos entrevistados destacam como um atrativo para o curso a possibilidade de inserção nas áreas de comunicação e cultura (15), de forma relacionada, na produção cultural (13) propriamente dita, ou nos campos da comunicação (11) e da cultura (6),

<sup>7</sup> A pergunta contida no questionário foi apresentada da seguinte forma: “2.4.1 O que lhe atraiu nele?”, se referindo ao curso.

isoladamente. Portanto, 69% das menções de aspectos atrativos destacados para a escolha do curso se referiram a possibilidade de entrada no campo de trabalho para o qual o curso se propõe.

Nessa perspectiva destacamos três respostas de entrevistados sobre a questão:

Queria fazer um curso de comunicação e a mescla desta com cultura me interessava muito na época. Quando fui prestar o vestibular pesquisei no site da Faculdade de Comunicação da UFBA sobre o curso de Produção Cultural (informação por resposta escrita).

A ideia de fazer Comunicação sempre me atraiu. Também gostava de administração e sempre tive um espírito empreendedor. Quando descobri que tinha um curso dentro da Comunicação que se relacionava com a Produção Cultural, pesquisei mais (li matérias de jornal, internet, guias de estudante, etc.) e decidi que essa seria uma boa forma de unir empreendedorismo, comunicação e cultura (informação por resposta escrita).

Me atraiu o fato de ser um curso de Comunicação que tinha foco em produções culturais. Sabia que queria Comunicação, mas não queria Jornalismo. Então era um curso com perfil de planejamento e execução, oportunidade de trabalhar com cultura e expressões artísticas (informação por resposta escrita).

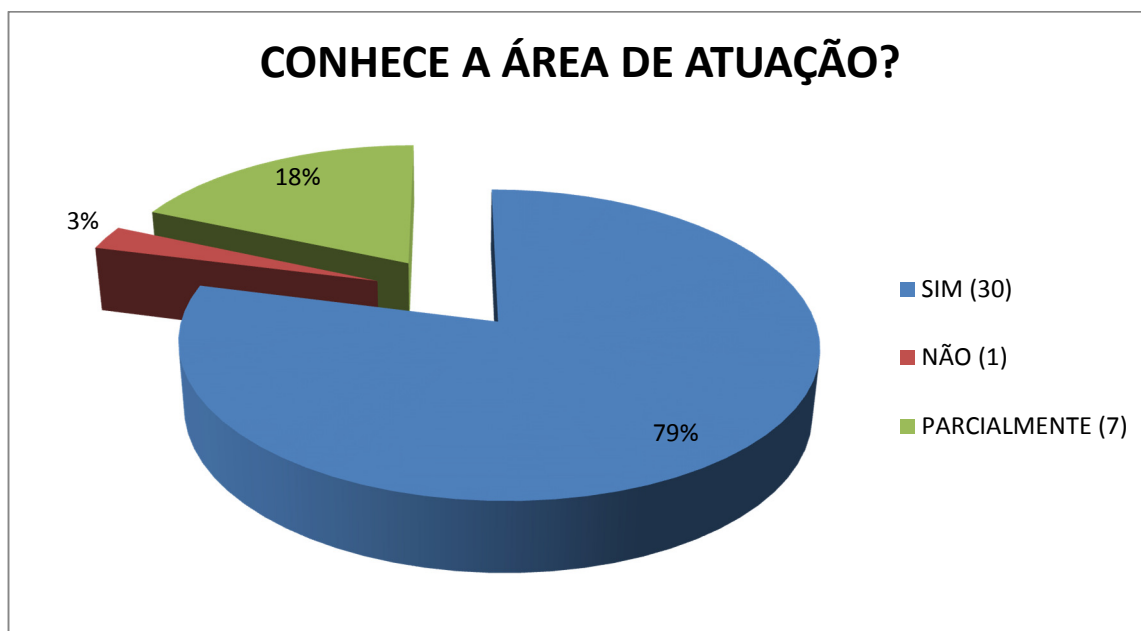
As falas destacadas evidenciam as informações verificadas pelas porcentagens do gráfico, discutidas acima, além de relacionar o campo de atuação proporcionado pelo curso com, por exemplo, o empreendedorismo, a administração, o planejamento e execução. Os entrevistados entendem, portanto, que estas são características importantes para o profissional que atua no campo organizativo da cultura e da comunicação.

Na ocasião da segunda pergunta subjetiva (2.4.2<sup>8</sup>) os entrevistados foram abordados sobre o conhecimento deles sobre a área de atuação no momento da escolha do curso. Aqui tivemos a participação de 40 alunos que preencheram essa lacuna, um total de aproximadamente 50% do universo total da pesquisa. A maioria das respostas se restringiu a “sim” ou “não”. Alguns disseram conhecer as possibilidades de atuação de

---

<sup>8</sup> A pergunta contida no questionário foi apresentada da seguinte forma: “2.4.2 Você acha que já conhece a área de atuação?”.

forma parcial, por acreditar na diversidade de atuações possíveis. Vejamos no gráfico abaixo:

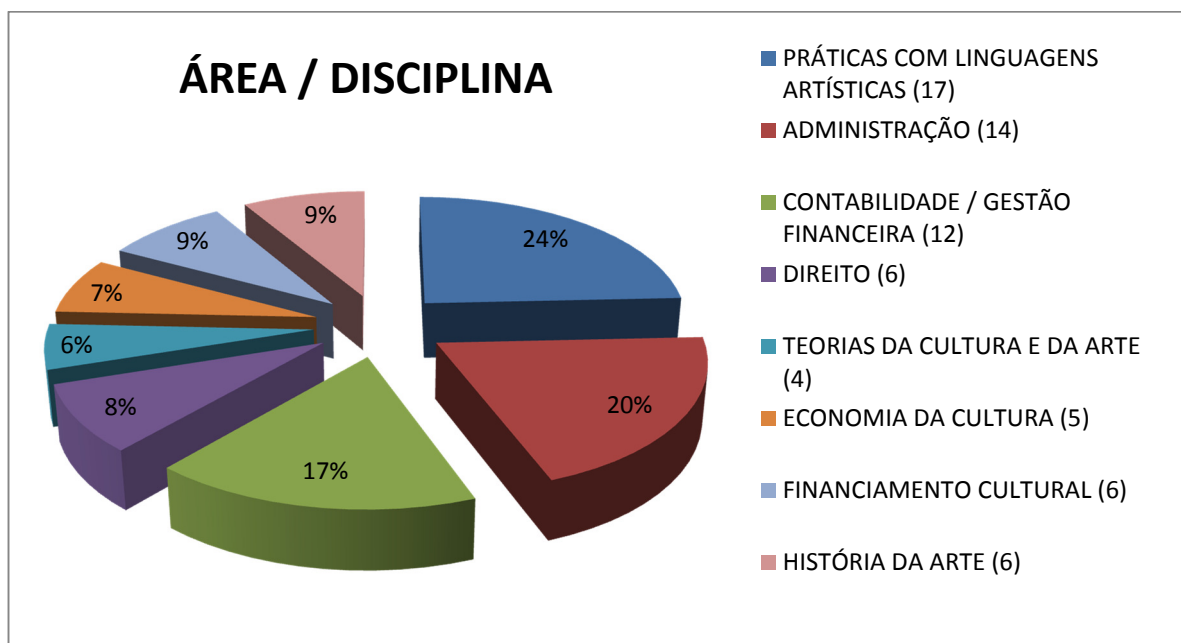


É importante ressaltar que os entrevistados mencionaram que a experiência formativa proporcionada pelo curso fez com que o entendimento e conhecimento das possibilidades de atuação fossem ampliados e melhor compreendidos. Outras respostas mencionaram também que a área de atuação é dinâmica e que as possibilidades de atuação podem se modificar, surgir e se transformar. É o que sugere a colocação destacada abaixo:

Acho que seria muita pretensão da minha parte dizer que já conheço a área de Produção Cultural (como um todo), pois mesmo com base fornecida pela academia, o contexto de atuação do profissional de cultura muda constantemente. A área de atuação do produtor cultural, diferente do que se imaginava ao ingressar na faculdade, não é pré-determinada, mas exige criatividade e empreendedorismo para ser descoberta (informação por resposta escrita).

A terceira pergunta aberta do questionário (2.7) dizia o seguinte: “Se você pudesse indicar uma disciplina que falta para o curso de Comunicação com habilitação em

Produção em Comunicação e Cultura qual seria? Ou que área abarcaria?”. Vejamos as compilações para este quesito no gráfico abaixo:



Como evidenciado no gráfico acima, os três itens com maior porcentagem se referiam a disciplinas e áreas que abarcassem práticas com linguagens artísticas (17), administração (14) e contabilidade/gestão financeira (12). Quanto ao primeiro item, foram mencionadas as diversas linguagens artísticas, tais como, teatro, dança, música, artes visuais, literatura, dentre outras, ressaltando a importância do curso oferecer mais disciplinas de teor prático e técnico. Conhecimentos de cunho administrativo, empresarial, contábil e financeiro também foram destacados como conhecimentos importantes de serem ofertados na proposta curricular do curso. Essa pergunta se reflete, de algum modo, na questão já apresentada anteriormente, na qual os egressos criticavam a falta de uma formação técnica no curso.

Foram mencionados, também, como sugestão de disciplinas a Economia da Cultura, Financiamento Cultural, História da Arte, Teorias da Cultura e Teorias da Arte. Conhecimentos na área de Direito também foram elencados, sugerindo o aprendizado de direito autoral, propriedade intelectual e/ou direito cultural.

Algumas outras disciplinas sugeridas através de nomenclaturas ou áreas foram: Oficina de Produção em Rádio e TV; Produção Musical; Produção Teatral; Produção em Cinema; Produção de Dança; Produção Editorial; Comunidades Tradicionais e Patrimônio; Edição de Imagem e Programação Visual; Novas Formas de Produção; Produção Colaborativa; Empreendedorismo e Sustentabilidade em Cultura; Gestão de Equipamentos Culturais; Comunicação Corporativa; Lazer e Esportes; Cultura Digital; Produção Promocional e Produção Publicitária; Crítica Cultural; Patrimônio Cultural e Memória Social; Estatística; e Educação.

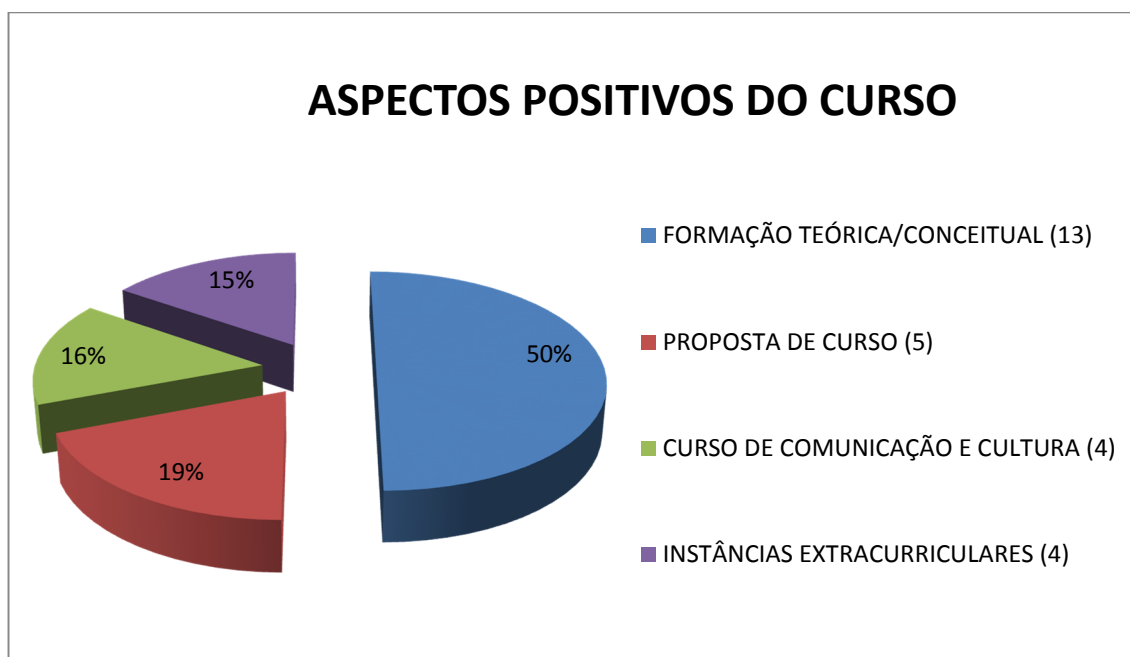
Uma das demandas observadas nas respostas dos entrevistados, e evidenciada em parte no gráfico acima, é sobre a interlocução do curso com as áreas e conhecimentos de outras unidades da universidade, onde notadamente as de artes aparecem com mais recorrência. De um modo geral, há um entendimento sobre a necessidade da formação em Produção Cultural encarar aspectos multidisciplinares. Sobre essa questão destacamos as seguintes respostas:

Não irei propor disciplinas, mas acho que poderia se pensar em facilidades para que mais alunos possam pegar matérias em outras unidades da UFBA onde se possa ter maior contato com o lado prático da produção e dar certo direcionamento específico à sua formação, já que isto não é algo ao qual o nosso curso se propõe fazer (informação por resposta escrita).

Penso que o currículo do curso de Produção Cultural necessita ampliar o conhecimento acerca das diversas linguagens artísticas. Além de abordar o audiovisual (com disciplinas de vídeo e fotografia), seria muito importante para o curso disciplinas como História da Arte e noções sobre o funcionamento de espetáculos de música, dança, teatro. Esse conhecimento poderia, inclusive, favorecer a integração da Faculdade de Comunicação com outras unidades de ensino da UFBA como: Belas Artes, Dança, Teatro, etc. Uma outra disciplina que ajudaria (e muito) os estudantes seria Leis de Financiamento à Cultura, pois muitos produtores acabam aprendendo a lei na prática e sem um exercício de reflexão (informação por resposta escrita).

No item de número 2.8 do questionário de pesquisa o entrevistado poderia discorrer ao fazer uma avaliação de forma geral ou ressaltando aspectos específicos do curso. Foram identificados tanto aspectos positivos quanto aspectos negativos nas

opiniões dos sujeitos que optaram por atender essa pergunta, como é possível verificar nos gráficos abaixo:



Os aspectos positivos evidenciados pelas respostas dos que fizeram uma avaliação do curso se ativeram a formação teórica e conceitual ofertada e possibilitada pelo curso (13), a proposta do curso e o fato de ser dentro da área de comunicação e cultura (9), além da valorização das diversas instâncias de atividades extracurriculares existentes na faculdade.

Sobre a formação teórica e conceitual oportunizada pelo curso, destacamos as seguintes respostas, que também apontam mais uma vez a falta de conhecimentos práticos e técnicos como um aspecto a ser readequado:

A formação teórica da Facom só faz sentido quando a gente cai no mercado, não somos apenas meros produtores conhecedores da técnica, entretanto, acredito que deveria ter mais incentivo a pegar disciplinas eletivas que pudesse complementar a formação técnica (informação por resposta escrita).

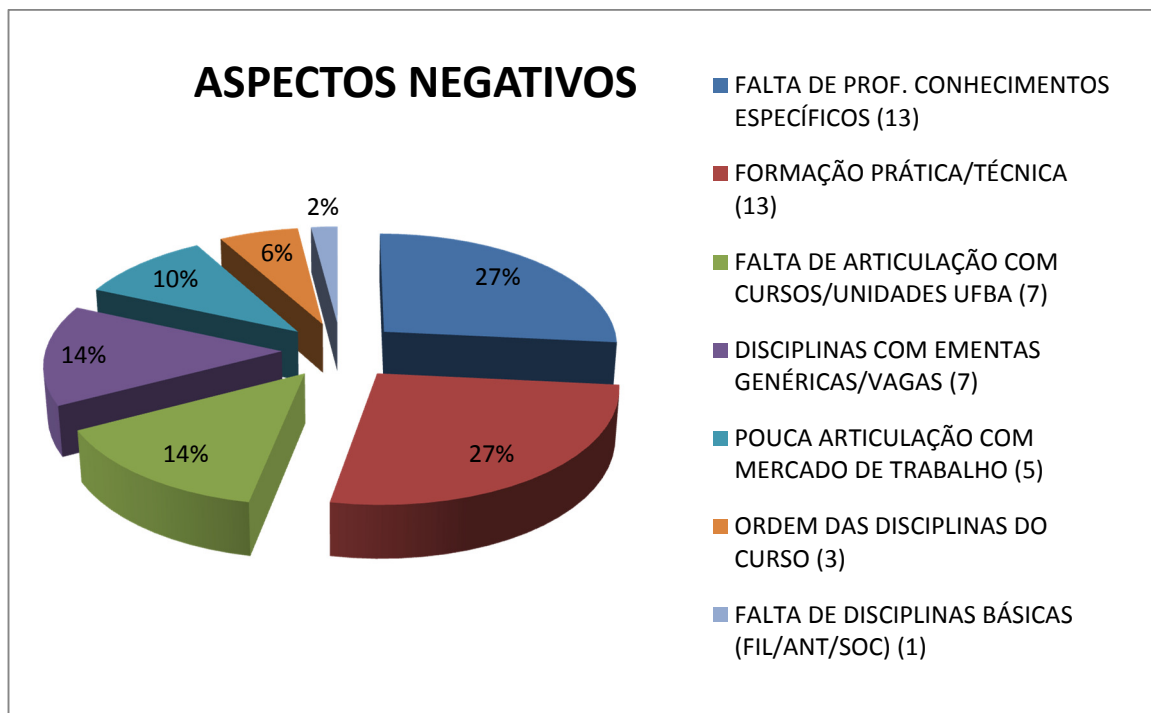
O curso de produção cultural tem muito que melhorar, mas eu ainda sim o acho um curso muito bom. Principalmente na formação em comunicação e política, ajudou a me formar enquanto pensador da cultura e não só produtor. A parte prática, realmente ainda deixa a desejar (informação por resposta escrita).

O embasamento teórico e as reflexões foram fundamentais para que eu conseguisse me estabelecer de forma diferenciada nesse mercado, embora ache que a universidade precisa oferecer, mesmo que como matérias eletivas ou optativas, a oportunidade do aluno ter uma relação prática e real com a profissão (informação por resposta escrita).

Quanto a valorização feita sobre a proposta do curso e a oferta dentro da área de comunicação e cultura, destacamos a seguinte resposta:

O curso de produção cultural da Universidade Federal da Bahia tem a sorte de estar dentro da Faculdade de Comunicação, que, na minha avaliação contribui para uma formação mais completa sobre o mundo contemporâneo e para interface entre a cultura e a comunicação, relação tão essencial no campo cultural. Entretanto, é importante ressaltar que, talvez por isso, a graduação seja incompleta e ainda tenha uma grade curricular imatura (informação por resposta escrita).

É possível observar nas falas destacadas acima que além dos aspectos positivos também são mencionados aspectos negativos que criticam a formação prática e técnica ofertada pelo curso. Como é possível observar no gráfico abaixo, essa questão foi a segunda mais mencionada, com um total de 27%. Outros três itens se referem às disciplinas e, portanto, a proposta curricular do curso e/ou a aplicação da mesma: disciplinas com ementas genéricas/vagas (7), ordem das disciplinas do curso (3) e falta de disciplinas básicas (1), que somam 22% das menções.



A falta de articulação com cursos/unidades da UFBA – questão já mencionada e discutida em outras perguntas abertas do questionário – aparece com sete menções, um total de 14%. Além disso, é evidenciada também a pouca articulação do curso com o mercado de trabalho (5) e como aspecto negativo mais destacado aparece a falta de professores com conhecimentos e experiências específicas no campo de atuação do profissional a ser formado, com 27% das menções. Apresentamos abaixo duas colocações que evidenciam e relacionam essa questão:

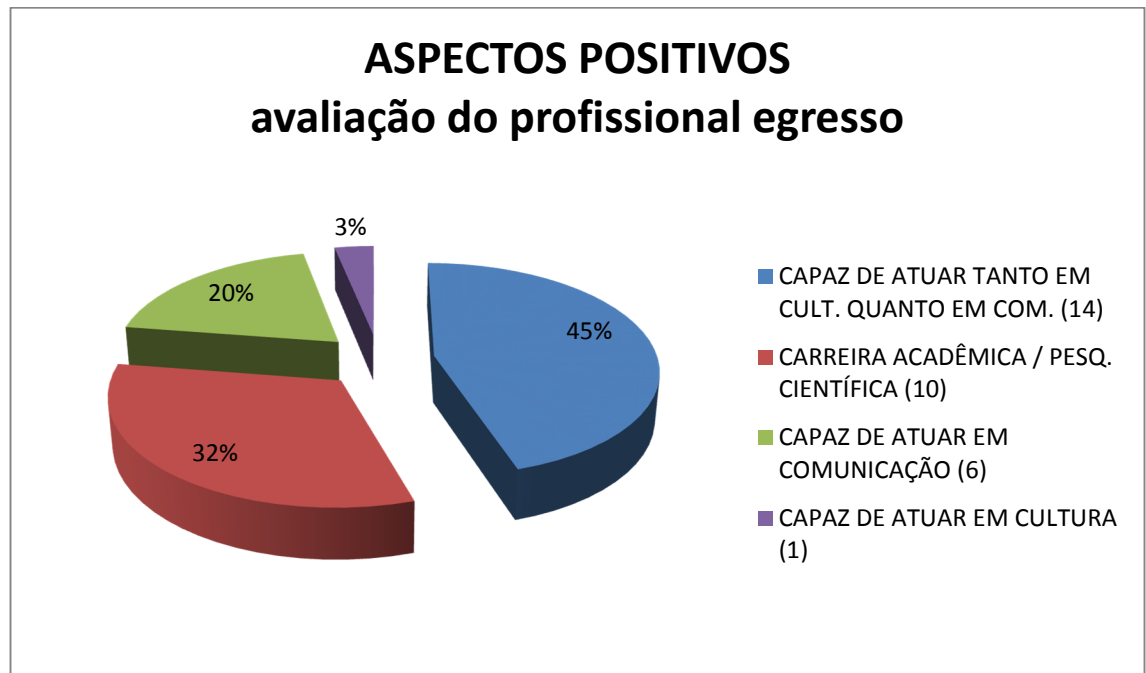
Quanto aos professores, apenas senti falta de ter mais contato com professores adjuntos, formados na área e que trabalham na área. Talvez por uma questão de ainda não ter havido tempo hábil de formação, mas acredito que professores com uma "vivência" mais completa poderão contribuir (e muito) para a formação dos futuros produtores culturais (informação por resposta escrita).

Acredito que nos últimos anos o quadro de professores e o programa do curso se aperfeiçoaram e as atividades extracurriculares fortaleceram a formação dos estudantes (informação por resposta escrita).

Na questão de número 8.1 do questionário de pesquisa foi perguntado ao entrevistado como ele avaliava o profissional que sai egresso do referido curso. Aqui

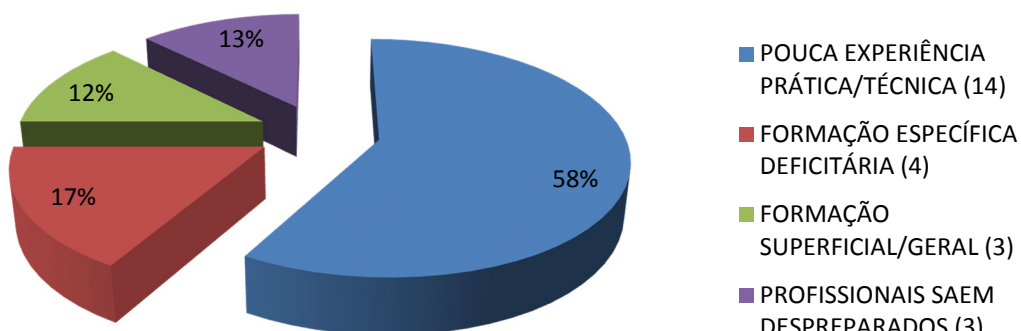


também foram identificados tanto aspectos positivos quanto aspectos negativos nas opiniões, como é possível verificar nos gráficos abaixo:



Os aspectos positivos destacados pelos entrevistados se referiam a capacidade de atuação do profissional egresso tanto em cultura quanto em comunicação (14), ou apenas na comunicação (6) ou na cultura (1), o que totaliza 68% das menções. Um outro aspecto mencionado e que emergiu com destaque foi o fato de a formação proporcionada pelo curso possibilitar a entrada dos egressos na pesquisa científica e, posteriormente, desenvolverem uma carreira acadêmica.

## ASPECTOS NEGATIVOS avaliação do profissional egresso



A leitura dos aspectos negativos evidenciam dados apresentados e discutidos ao longo desse texto, como por exemplo, o item mais citado sobre a pouca experiência prática e técnica adquirida pelo profissional durante o curso, com 58% das menções. Além disso, foi também citada a deficiência da formação específica em produção cultural (4), ou então indicada que a formação do curso é superficial e generalista (3), e ainda que os profissionais saem despreparados (3) para a atuação no mercado de trabalho, que somam 42% das menções.

Observa-se que os aspectos positivos e negativos analisados são diametralmente opostos, e que atestam itens discutidos pelas demais perguntas abertas do questionário aplicado.

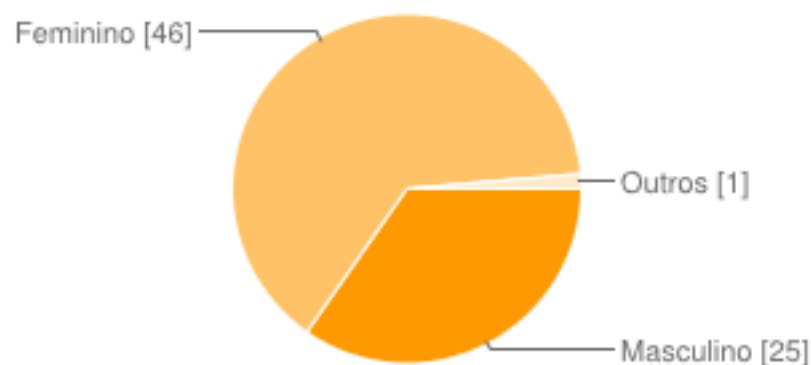
## FORMAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL NA UFBA: UMA ANÁLISE DOS ALUNOS INGRESSOS

Larissa Novais

Leonardo Costa

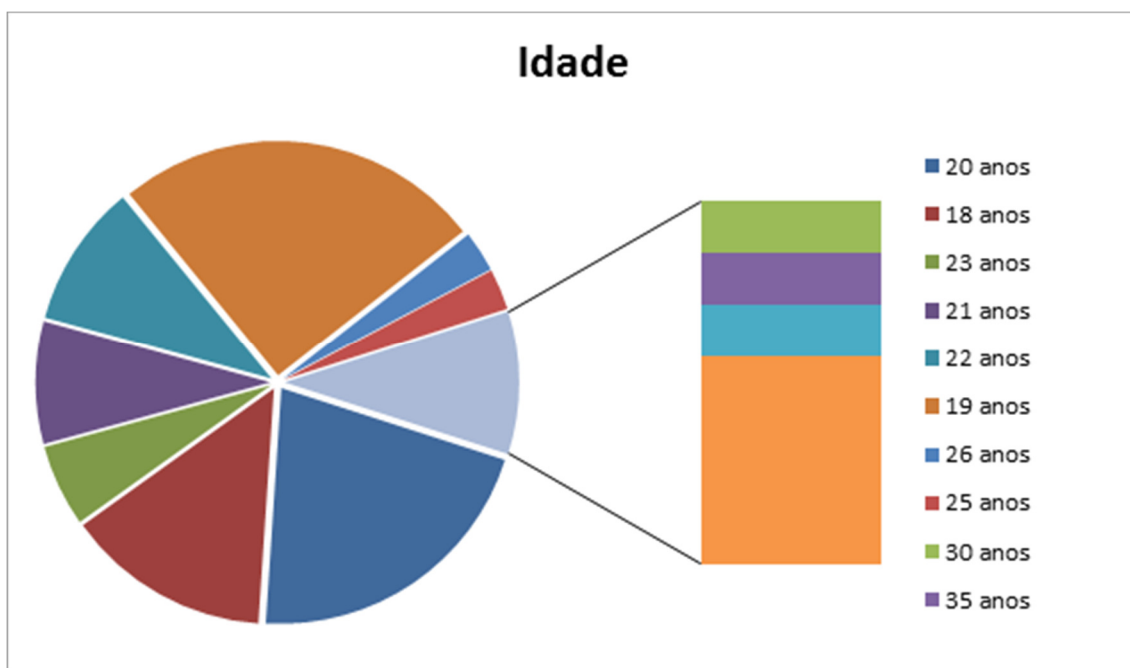
Buscando conhecer o perfil dos alunos ingressos do curso de Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia, foi realizada a pesquisa seguinte. Para isso, foi aplicado questionário aos alunos ingressos do curso entre os semestres de 2012.1 a 2013.2, sendo o questionário subdividido em dois momentos. A primeira parte tem como objetivo conhecer o perfil social e econômico dos entrevistados; já o segundo momento do questionário busca compreender os processos de escolha e de qualificação dos futuros agentes atuantes no campo cultural.

A pesquisa foi aplicada em dois semestres distintos, sendo necessário a mudança de dados durante a compilação destes. No total, 72 estudantes responderam a pesquisa, sendo que 31% (22 alunos) eram, no momento da segunda aplicação, estudantes do quarto semestre. Dentre os alunos para os quais o questionário foi aplicado, 32% (23 alunos) são estudantes do terceiro semestre, 19% (14 alunos) são estudantes do segundo semestre e 18% (13 alunos) estão no primeiro semestre do curso.

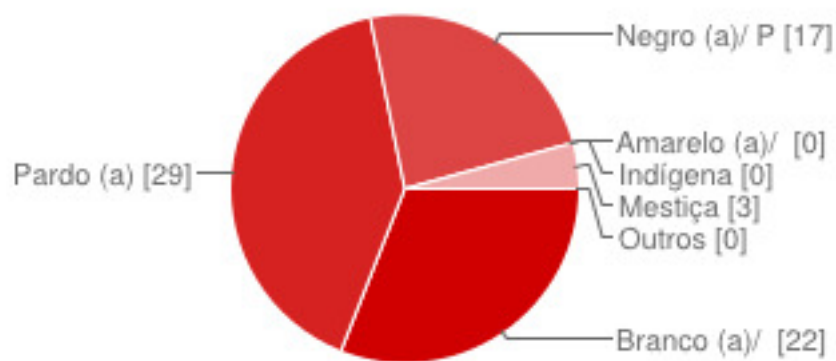


Dentre os entrevistados, a maioria é do sexo feminino, correspondendo a 64% ou 46 alunas; o restante (35% ou 25 alunos) é do sexo masculino. Uma pessoa marcou a opção outro, porém não informou qual seria o seu sexo. Já a respeito da idade dos

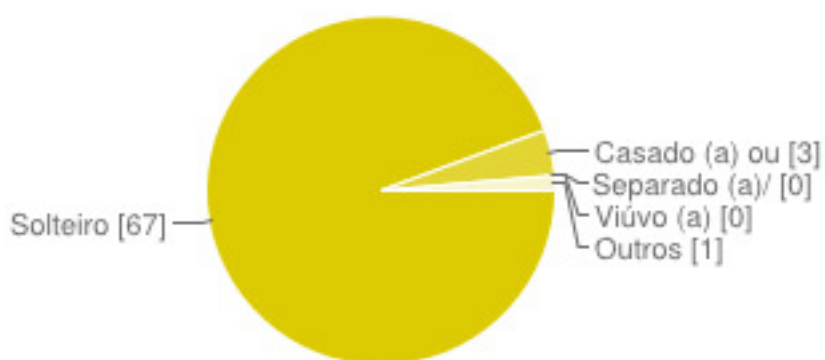
estudantes do curso, 25,4% (18 alunos) tem 19 anos; 21,2% (15 alunos) tem 20 anos; 14,1% (10 alunos) tem 18 anos; 9,8% (7 alunos) tem 22 anos; 8,5% (6 alunos) tem 21 anos; 5,6% (4 alunos) tem 23 anos; 2,8% (2 alunos) tem 25 anos e 2,8% (alunos) tem 26 anos; apenas 1,4% (1 aluno) tem 30 anos, 35 anos e 42 anos, cada. Do universo total, 5,6% (4 alunos) não responderam a questão. Maior parte dos alunos ingressos entrevistados ocupa a faixa etária entre 18 e 20 anos, correspondendo a 60,7% dos alunos.



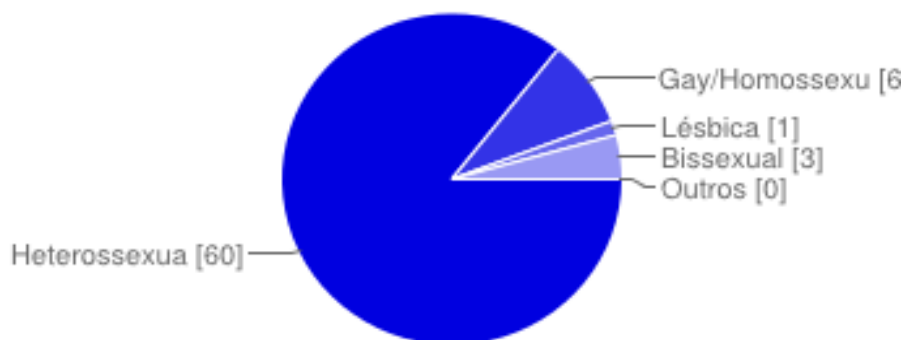
Quando questionados sobre sua etnia, as respostas foram as seguintes: 31% (22 alunos) se consideram brancos, 41% (29 alunos) se consideram pardos, 24% (17 alunos) se consideram negros, 4% (3 alunos) se consideram mestiços; sendo assim, nem 1/3 dos alunos se identificam como negros ou mestiços. Dentre os entrevistados, ninguém se considera amarelo/asiático ou indígena.



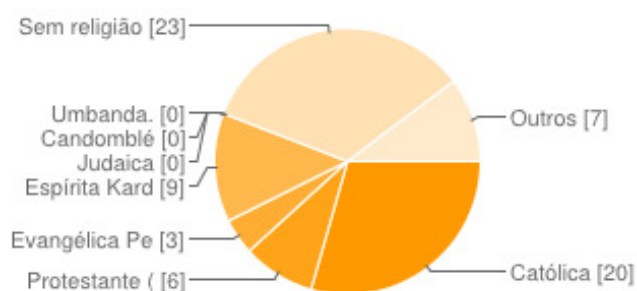
Sobre o estado civil dos alunos, 94% (67 alunos) estão solteiros, 4% (3 alunos) são casados/vivem com alguém. Apenas 1 aluno marcou outra opção, porém não informou qual seria o seu estado civil. Dos alunos que responderam sobre filhos, 100% (71 alunos) informou não tê-los, sendo este o mesmo total das respostas quando questionados sobre possuir alguma deficiência: 100% (71 alunos) informou não possuir deficiência alguma.



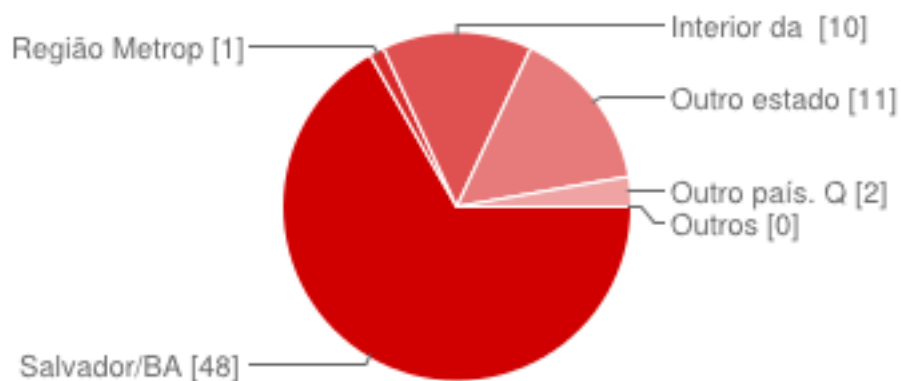
Do número total de aplicação da pesquisa, 70 pessoas responderam qual a sua orientação sexual. Dentro deste universo, 86% (60 alunos) afirmam ser heterossexual, correspondendo à maioria. Os alunos que afirmam ser gay/homossexual corresponde a 9% (6 alunos), 4% afirma ser bissexual e 1% (1 aluna) afirmou ser lésbica.



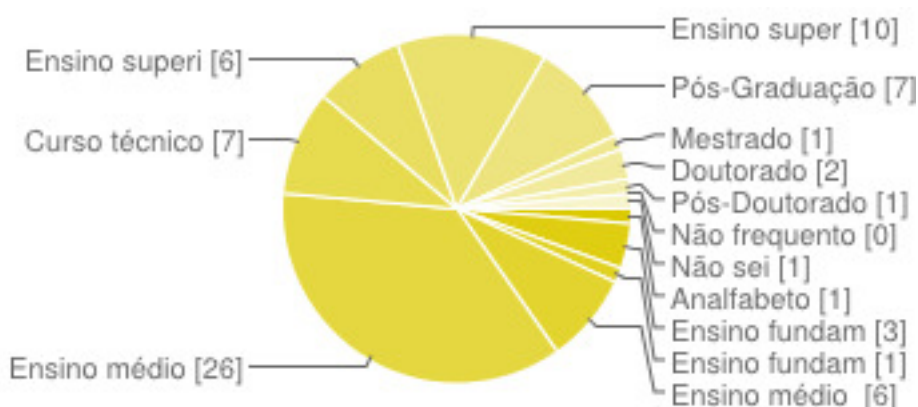
No aspecto religioso, 29% (20 alunos) seguem a religião Católica, 9% (6 alunos) se dizem protestantes, 4% (3 alunos) são evangélicos, 13% (9 alunos) são Espiritas Kardecistas e 34% (23 alunos) afirmam não ter religião/ser ateu. Além desses dados, 10% (7 alunos) afirmam ter outra religião, sendo que 3 desses alunos se afirmaram como agnósticos.



Sobre a naturalidade dos estudantes, 67% (48 alunos) são oriundos de Salvador, 1% (1 aluno) é da região metropolitana, 14% (10 alunos) são oriundos do interior da Bahia, 15% (11 alunos) vieram de outro estado e 3% (2 alunos) vieram de outro país. Dentre os alunos que são do interior da Bahia, 3 alunos vieram da cidade de Feira de Santana e 1 aluno de Vitória da Conquista. Dos alunos que vieram de outro estado, os estados citados foram: Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Goiás. Já os estudantes estrangeiros são todos oriundos da Itália.

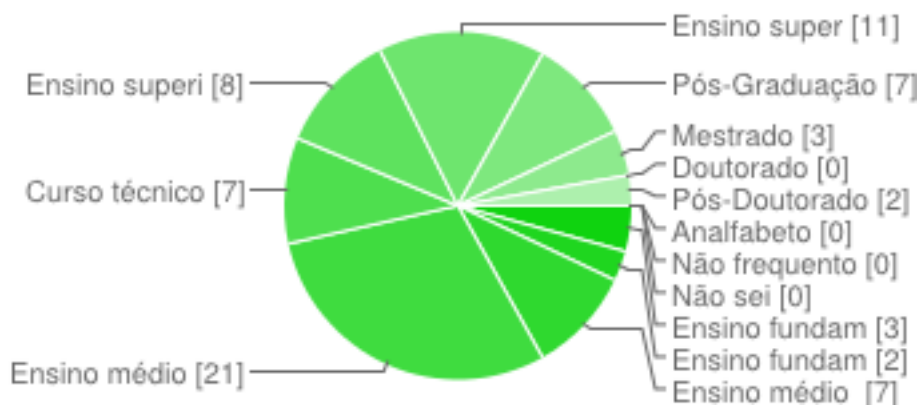


Em relação a escolaridade dos pais destes estudantes, os dados obtidos foram que 1% (1 pai) é analfabeto, 4% (3 pais) tem o ensino fundamental incompleto, 1% (1 pai) tem o ensino fundamental completo, 8% (6 pais) tem o ensino médio incompleto, 36 % (26 pais) concluíram o ensino médio. Do total, 10% (7 pais) tem curso técnico, 8% (6 pais) tem ensino superior incompleto, 14% (10 pais) concluíram o ensino superior, 10% (7 pais) tem pós-graduação/especialização, 1% (1 pai) tem mestrado, 3% (2 pais) tem doutorado e 1% (1 pai) tem pós-doutorado. Apenas um estudante não soube informar a escolaridade do pai.

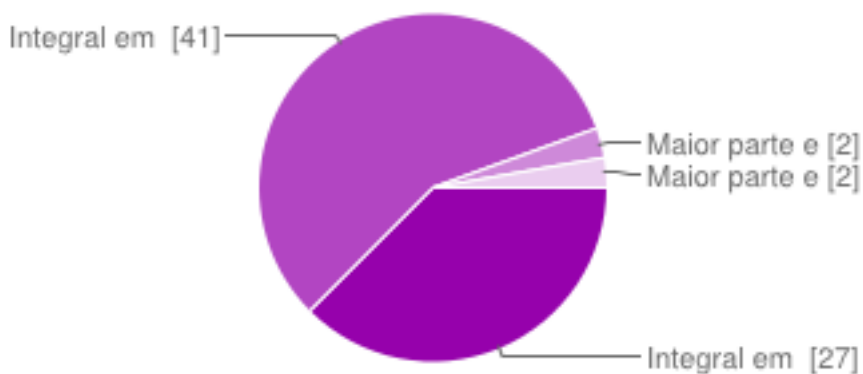


Já em relação à escolaridade das mães, 4% (3 mães) não concluíram o Ensino Fundamental, 3% (2 mães) concluíram o ensino o ensino fundamental, 10% (7 mães) tem o ensino médio incompleto e 30% (21 mães) concluíram o ensino médio. Em relação ao curso técnico, 10% (7 mães) fizeram. Sobre o ensino superior, 11% (8 mães) não completaram a graduação e 15% (11 mães) concluíram o ensino superior, 10% (7 mães) tem Pós-Graduação/ Especialização, 4% (3 mães) tem mestrado e 3% (2 mães) tem o Pós-Doutorado. Não há caso de analfabetismo e nem de doutorado. Traçando um comparativo

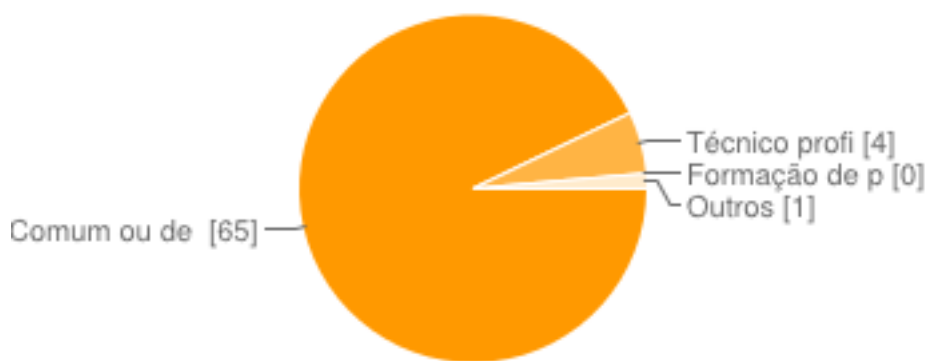
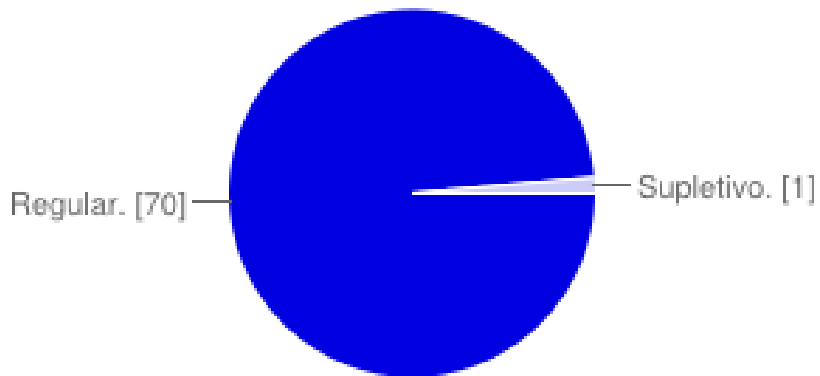
entre a escolaridade das mães e dos pais dos alunos ingressos, as mães possuem maior grau de escolaridade, correspondendo a 32% as mães que completaram a graduação e/ou fizeram pós-graduação, mestrado, e doutorado; já o total de pais na mesma situação é inferior, totalizando 29%.



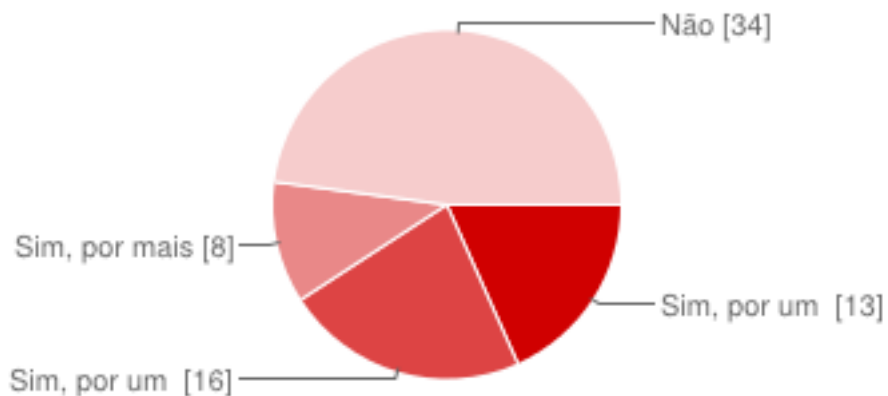
Em relação ao ensino médio dos estudantes de Produção Cultural, 38% (27 alunos) estudaram integralmente em escola pública, 57% (41 alunos) estudaram integralmente em escola particular, 3% (2 alunos) estudaram em maior parte em escola pública e 3% (2 alunos) estudaram em maior parte em escola particular. A conclusão do ensino médio foi regular para 99% (70 alunos) e supletivo para 1% (1 aluno). 93% (65 alunos) cursou o ensino comum ou de educação geral, 6% (4 alunos) concluíram o ensino médio do tipo técnico profissionalizante e 1% (1 aluno) concluiu em outro tipo curso.

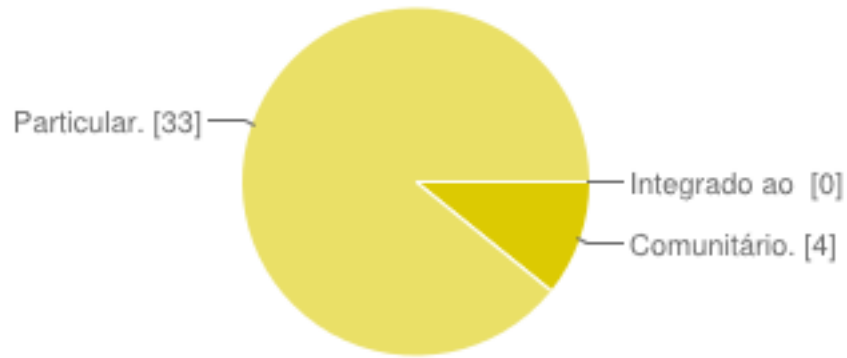




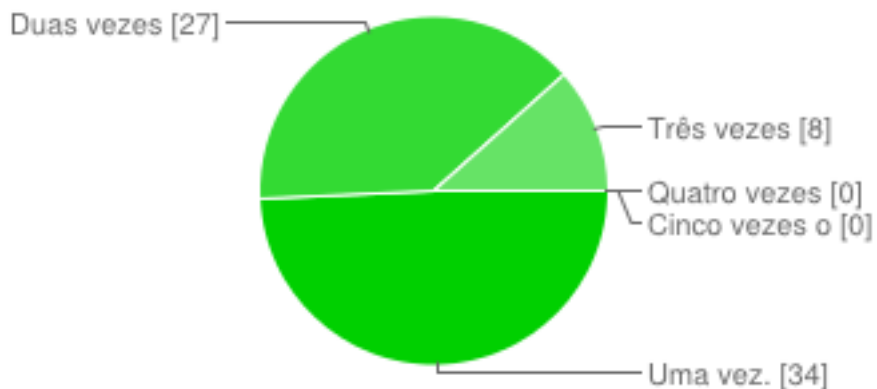


Sobre os cursos preparatórios para o vestibular/ENEM e o seu tempo de duração, 18% (13 alunos) fizeram curso por um semestre, 23% (16 alunos) fizeram curso preparatório por um ano, 11% (8 alunos) fizeram curso por mais de um ano e 48% (34 alunos) não fizeram curso preparatório. Sendo assim, mais da metade dos alunos passou por cursos preparatórios. Do universo de 37 estudantes que fizeram curso preparatório para o vestibular, 11% (4 alunos) fizeram em um curso comunitário, enquanto 89% (33 alunos) cursaram pré-vestibular particular.

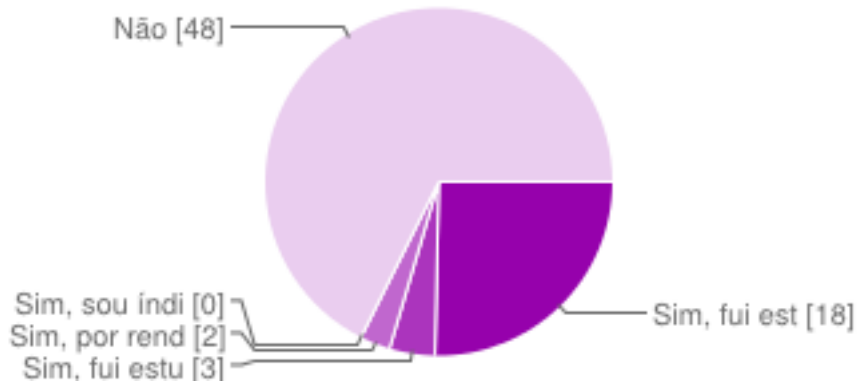




Em relação a quantidade de vestibulares prestados/inscrição no ENEM, 49% (34 alunos) fizeram a prova apenas uma vez, 39% (27 alunos) fizeram o exame duas vezes e 12% (8 alunos) prestaram vestibular três vezes. Nenhum estudante fez quatro ou mais provas.

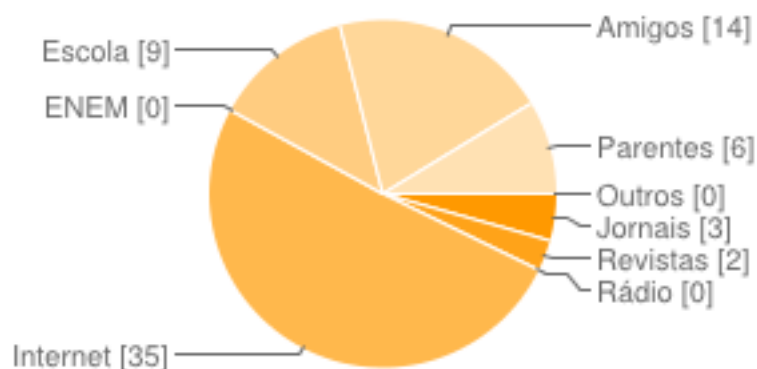


Os número de estudantes ingressos no curso a partir de cotasse divide em 25% (18 alunos) através da escola pública, preto ou pardo; 4% (3 alunos) ingressaram por ser estudante de escola pública de qualquer etnia e 3% (2 alunos) pela renda per capita. No total, 68% (48 alunos) nãoingressaram pelas cotas, correspondendo à maioria dos alunos.



Sobre a escolha da UFBA para ser a universidade da formação dos estudantes, poderiam ser escolhidas mais de uma resposta. A principal resposta sobre a escolha da Universidade é pelo fato da mesma ser pública e gratuita, sendo esse o motivo citado por 31% dos entrevistados ou 40 alunos. Em seguida, 27% (36 alunos) escolheram a universidade por oferecer curso/ensino de qualidade, 24% (32 alunos) alegaram escolher por oferecer o curso de interesse e 9% (12 alunos) por ser a única a fornecer a habilitação de Produção Cultural na Bahia.

Em relação à forma com que os estudantes descobriram o curso, 51% (35 alunos) afirmam ter conhecido na internet, 20% (14 alunos) através de amigos, 13% (9 alunos) tiveram conhecimento na escola, 9% (6 alunos) conheceram o curso através de parentes, 4% (3 alunos) através de jornais e 3% (2 alunos) através de revistas. Nenhum estudante conheceu o curso através do ENEM e Rádio.

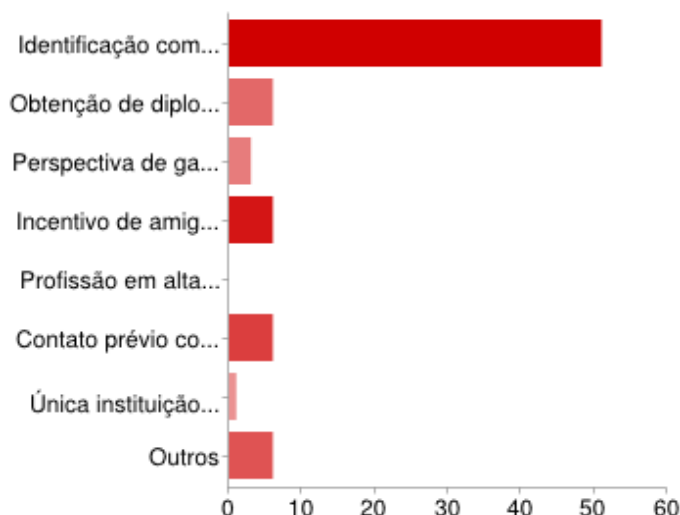


Além desses principais motivos, 4% (5 alunos) escolheram a UFBA por oferecer curso no horário adequado às necessidades, 2% (2 alunos) por estar próxima às suas

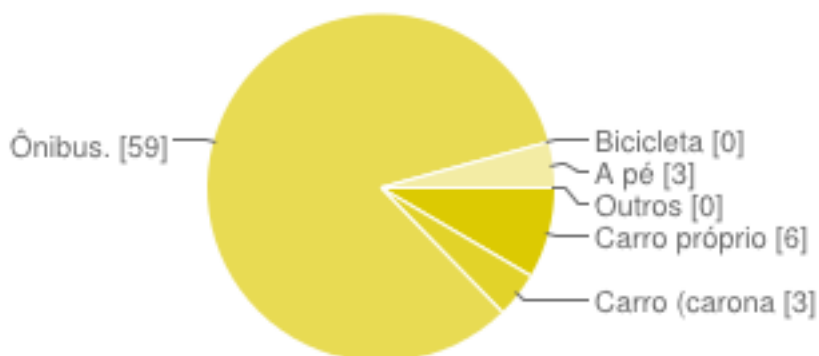
residências, 2% (3 alunos) por ser a única instituição que obtiveram aprovação e 1% (1 aluno) optou por outro motivo não especificado.



A escolha do curso pelos estudantes foi feita por 65% (51 alunos) devido a identificação com a profissão, 8% (6 alunos) optaram pelo curso para obter diploma de graduação, 8% (6 alunos) escolheram o curso por incentivo de amigos ou familiares e outros 8% (6 alunos) optaram pelo curso por já ter tido um contato prévio com a área. Do total, 4% (3 alunos) escolheram o curso pela perspectiva de ganhos financeiros e 1% (1 aluno) por ser a única instituição que obteve vaga. Nenhum estudante optou pelo curso por ser uma profissão em ascensão no mercado de trabalho e 8% (6 alunos) escolheram o curso por outros motivos.

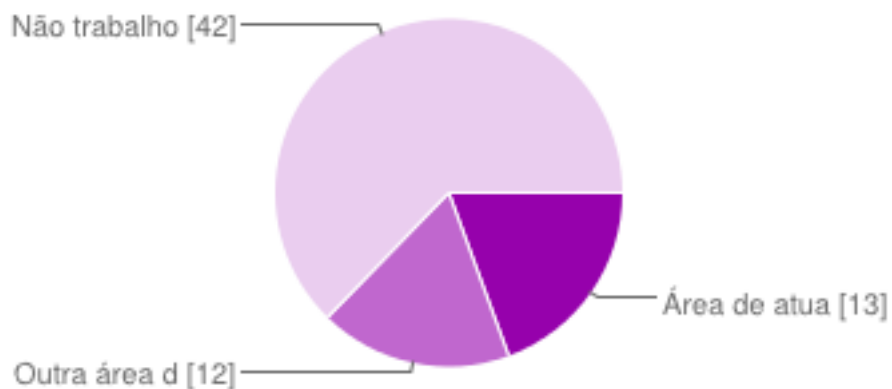


Em relação aos meios de transporte, 83% (59 alunos) utilizam o ônibus para chegar na universidade, 8% (6 alunos) tem carro próprio, 4% (3 alunos) chegam na universidade através de carro (carona) e 4% (3 alunos) vão a pé.

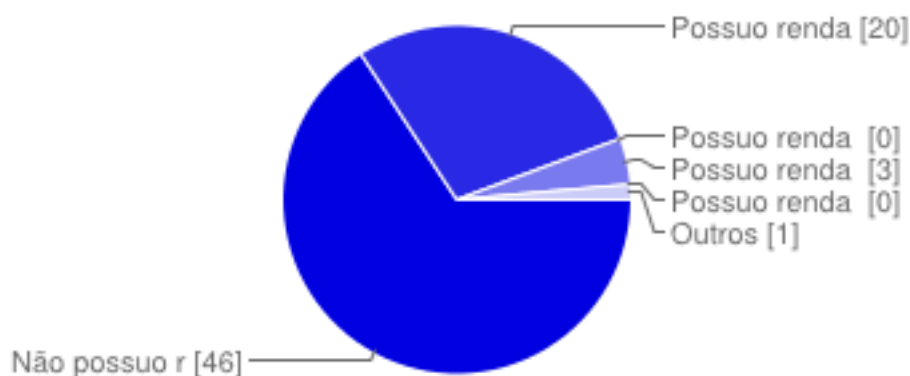


Sobre os estudantes que trabalham, sem considerar estágio, 75% (53 alunos) não trabalham no momento e 25% (18 alunos) estão trabalhando. Na questão seguinte, na qual buscamos saber dos alunos que trabalham qual a sua área de atuação, 63% (42 alunos) não trabalham no momento, 19% (13 alunos) trabalham em área de atuação relacionada à Produção Cultural e 18% (12 alunos) trabalham com outra área de atuação.

Dentre os alunos que trabalham em áreas relacionadas ao curso, os trabalhos citados por eles foram de Produção Executiva, Música, Eventos/Moda, e Produção Audiovisual. Já os alunos que trabalham com outras áreas atuam em áreas como administração, Call Center, Comércio/Terceiro Setor, Colaboração de Site e Jornalismo.



Quando questionados sobre sua renda, 66% (46 alunos) afirmaram não possuir renda própria, sendo seus gastos financiados pela família. 29% (29 alunos) possuem renda própria e recebem ajuda da família, 4% (3 alunos) possuem renda própria e contribuem com o sustento da família. 1% (1 aluno) optou por outra situação, porém não descreveu. Não há casos de alunos que possuam renda própria e que se sustentam ou que são os principais responsáveis pelo sustento da família.



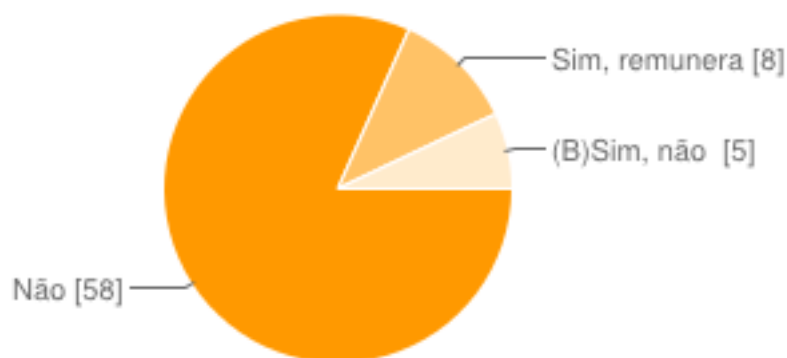
Ao ser questionados sobre estágio, 82% (58 alunos) disseram não fazer estágio, 11% (8 alunos) estagiam com remuneração e 7% (5 alunos) estagiam, porém não são remunerados. Em relação aos alunos que estagiam, 12 responderam as seguintes questões:

1 - Em que área/local? Aproximadamente 33% (4 alunos) trabalham na UFBA, 17% (2 alunos) trabalham na Faculdade de Comunicação, sendo um deles na Produtora Junior e as demais áreas/locais citados foram PIBIC/CNPq, atendimento/gerenciamento de redes sociais, história, cinema, Jornal A tarde e eventos.

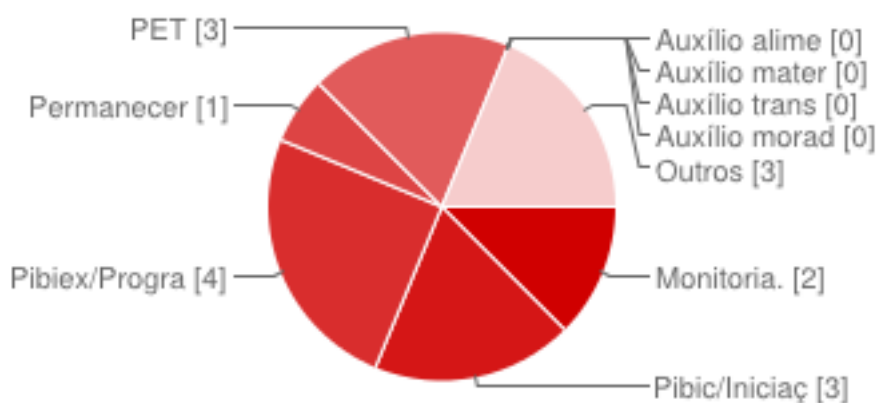
2 - Há quanto tempo? 25% (3 alunos) estagiam há 2 meses, 17% (2 alunos) estagiam há 5 meses, 17% (2 alunos) estagiam há 1 mês e 17% (2 alunos) estagiam há um ano. Os demais alunos estagiam há 2 anos (1 aluno), 6 meses (1 aluno) e um aluno afirma trabalhar há “pouco tempo”.

3- Este é seu primeiro estágio? Apenas 10 alunos responderam essa questão, dentro desse universo 60% (6 alunos) já estagiaram anteriormente e 40% (4 alunos) estão no seu primeiro estágio.

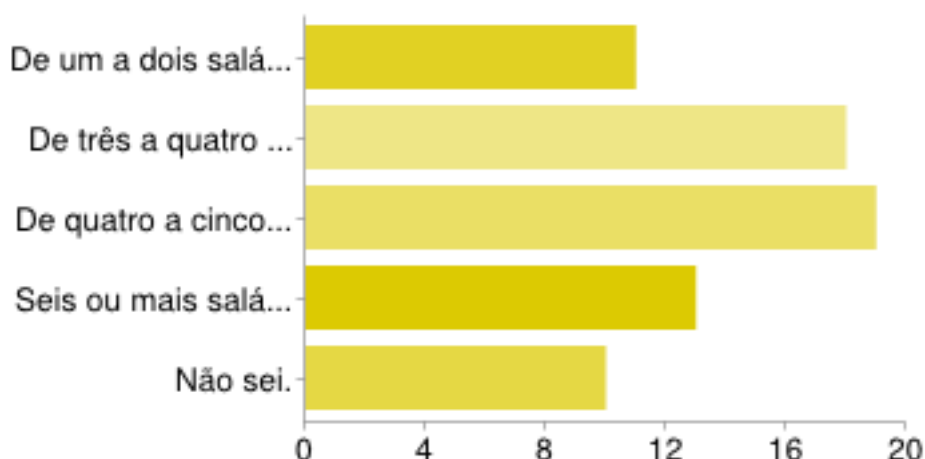
4- Em que semestre foi seu primeiro estágio? Apenas 6 alunos responderam essa questão, sendo que 50% (3 alunos) começaram a estagiar no primeiro semestre do atual curso, 1 aluno começou no segundo semestre, 1 aluno no primeiro semestre de 2010 e, por fim, 1 aluno começou a estagiar na graduação anterior.



Em relação a bolsas ou auxílios, 13% (2 alunos) recebem bolsa por monitoria, 19% (3 alunos) recebem bolsa PIBIC/Iniciação Científica, 25% (4 alunos) recebem bolsa Pibiex/Programa de Extensão, 6% (1 aluno) recebe do Permancer, 19% (3 alunos) são bolsistas PET e 19% (3 alunos) recebem outra bolsa/auxílio. Nenhum estudante recebe qualquer tipo de auxílio.

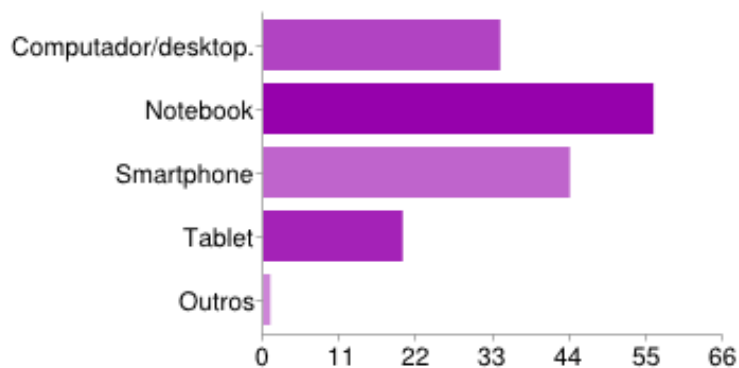


Sobre a renda mensal dos estudantes, 15% (11 alunos) tem renda familiar de um a dois salários mínimos, e 70% (50 alunos) possuem renda familiar superior a 3 ou mais salários mínimos: 25% (18 alunos) tem renda de três a quatro salários mínimos, 27% (19 alunos) de quatro a cinco salários mínimos e 18% (13 alunos) tem renda de seis ou mais salários mínimos. 14% (10 alunos) não souberam informar a renda familiar.

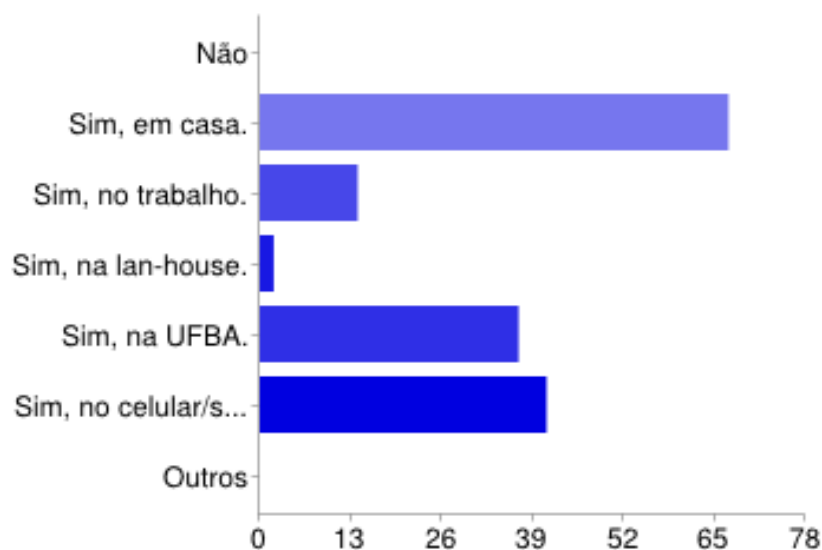


Sobre possuir computadores em sua residência, 99% (70 alunos) afirmam possuir, e apenas 1% (1 aluno) não possui computador. A questão dos aparatos tecnológicos que os estudantes possuem foi de múltipla escolha, sendo assim temos o resultado de que 22% (34 alunos) possuem Computador/desktop, 36% (56 alunos) possuem notebook, 28% (44 alunos) possuem Smartphone e 13% (20 alunos) possuem *tablet*. 1% (1 aluno) possui outro aparato tecnológico, porém não foi informado qual seria este.

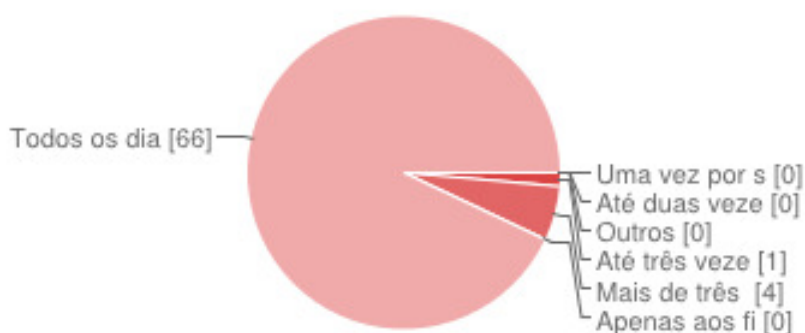
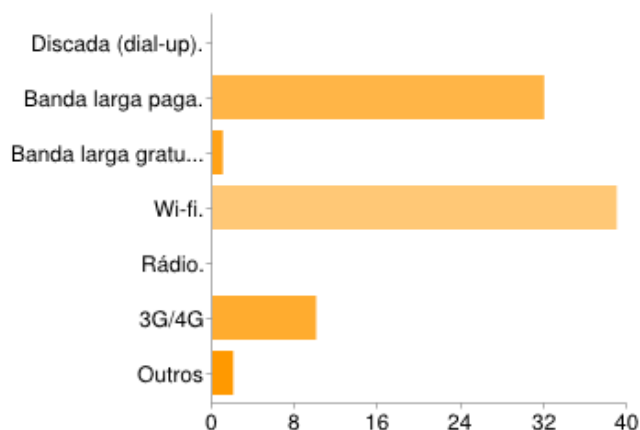




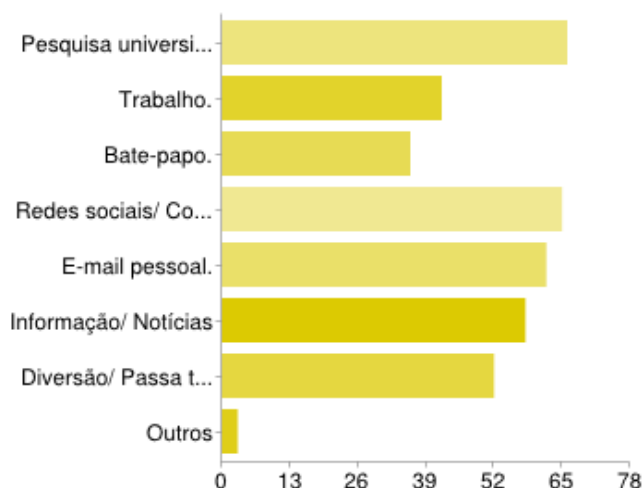
Em relação ao acesso à internet, que no questionário poderia selecionar mais de uma opção, temos que 42% (67 alunos) afirmam ter acesso em casa, 9% (14 alunos) têm acesso no trabalho, 1% (2 alunos) acessam através da *lan-house*, 23% (37 alunos) têm acesso à internet na UFBA e 25% (41 alunos) acessam pelo celular/*smartphone/tablet*. Dentre os alunos interrogados, não há caso de estudante que não possui acesso à internet.



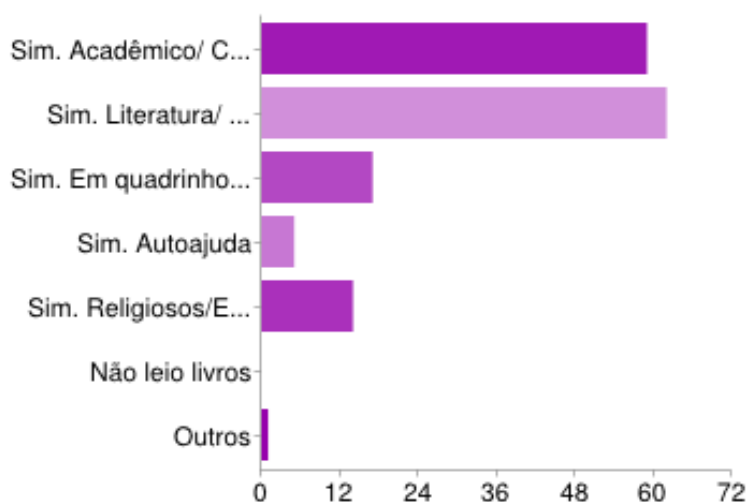
Para os estudantes que tem acesso à internet em casa, foi questionado qual a conexão utilizada por eles. No total, 38% (32 alunos) tem banda larga paga, 1% (1 aluno) tem banda larga gratuita, 46% (39 alunos) tem conexão *wi-fi*, 12% (10 alunos) utilizam 3G/4G e 2% (2 alunos) afirmam utilizar outras conexões. Sobre a frequência de acesso à internet, 93% (66 alunos) afirmam utilizar todos os dias, 6% (4 alunos) acessam mais de três vezes por semana e apenas 1% (1 aluno) acessa até três vezes por semana.



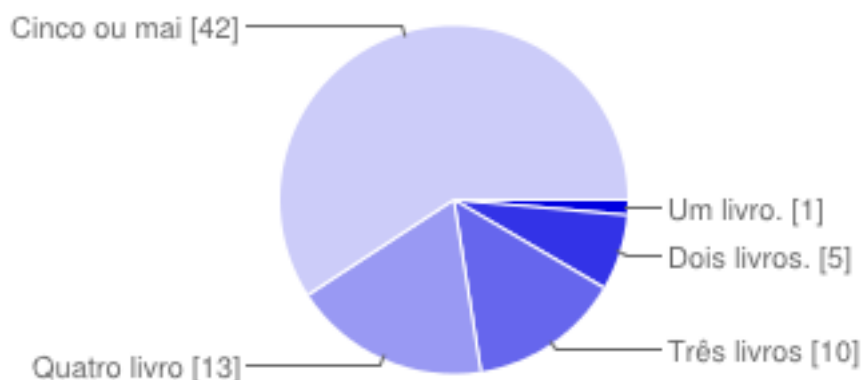
Em relação aos objetivos dos estudantes ao acessar a internet, temos os dados que 17% (66 alunos) acessam para pesquisa universitária/acadêmica, 11% (42 alunos) utilizam para o trabalho, 9% (36 alunos) utilizam para o bate-papo, 17% (65 alunos) acessam para utilizar redes sociais/contato, 16% (62 alunos) utilizam para o e-mail pessoal, 15% (58 alunos) utilizaram para obter informação/notícias, 14% (52 alunos) para diversão/passatempo e 1% (3 alunos) acessam com outros objetivos. Para manter-se informado, 7% (7 alunos) utilizam o jornal impresso, 23% (24 alunos) se informam através da TV, 5% (5 alunos) utilizam a rádio, 59% (63 alunos) buscam informações pela internet e 7% (7 alunos) obtém informações através de revistas semanais.



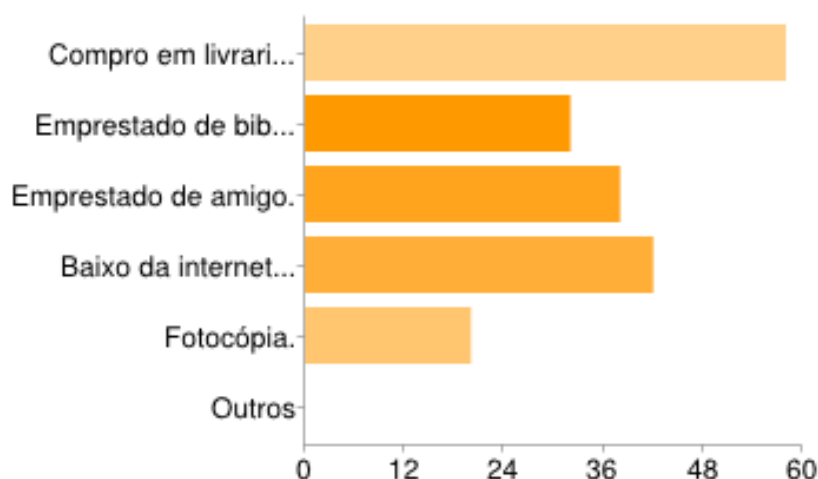
Todos os estudantes afirmam ler livros, sendo que 37% (59 alunos) leem os de conteúdo Acadêmico/ Científico/ Didático/ Solicitado pelo professor/ do curso, 39% (62 alunos) de Literatura/Ficção/ Romance, 11% (17 alunos) Em quadrinhos/ HQ/ Mangá, 3% (5 alunos) leem livros de autoajuda, 9% (14 alunos) leem livros religiosos/espiritualista e apenas 1% (1 aluno) afirma ler outros tipos de livros.



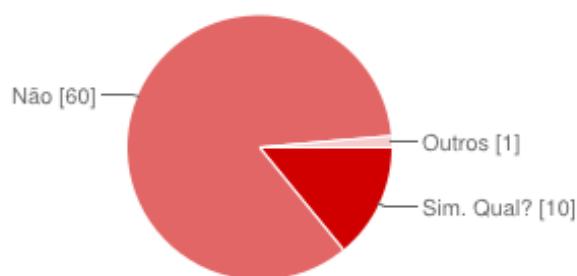
Sobre a quantidade de livros que cada estudante lê durante o ano, 1% (1 aluno) lê apenas um livro, 7% (5 alunos) dois livros, 14% (10 alunos) leem três livros por ano, 18% (13 alunos) quatro livros e a maior parte, 59% (42 alunos) fazem a leitura de cinco ou mais livros por ano.



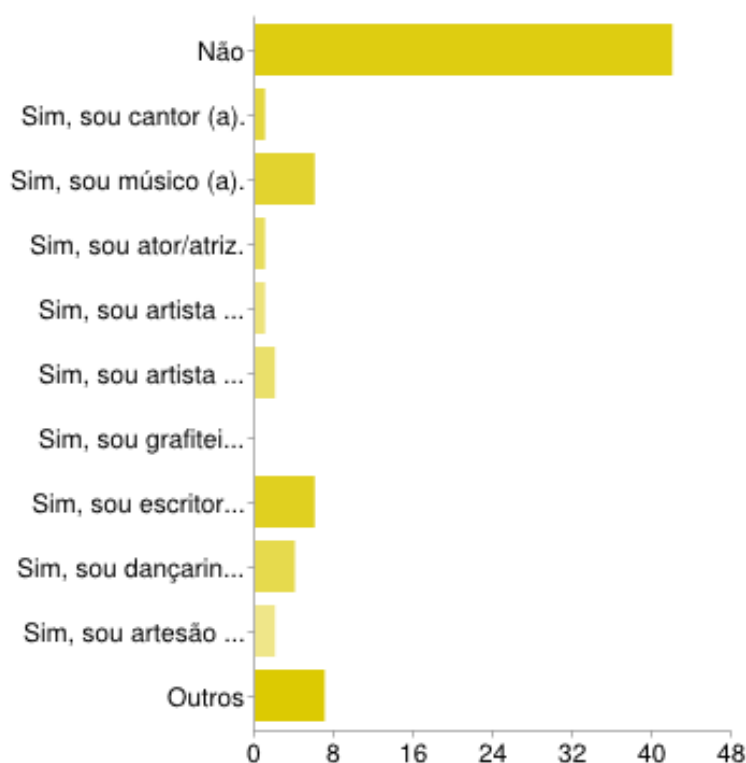
Para adquirir os livros, 31% (58 alunos) compra em livrarias/sebos, 17% (32 alunos) fazem empréstimos de bibliotecas, 20% (38 alunos) leem livros de amigos, 22% (42 alunos) fazem *download* na *internet/Ebook* e 11% (20 alunos) utilizam a fotocópia para adquirir seus livros.



Quando os alunos foram questionados se fazem cursos fora da UFBA, 14% (10 alunos) afirmaram fazer cursos fora da universidade, 85% (60 alunos) não fazem outros cursos fora da universidade e 1% (1 aluno) optou pela alternativa "Outro", porém não especificou. Dos estudantes que afirmaram fazer curso fora da universidade, apenas 6 responderam qual curso seria. Nesse universo, aproximadamente 84% (5 alunos) afirmam fazer curso de língua estrangeira, sendo que 4 alunos especificaram cursar inglês e 1% (1 aluno) faz, em outra universidade, graduação em Direito.

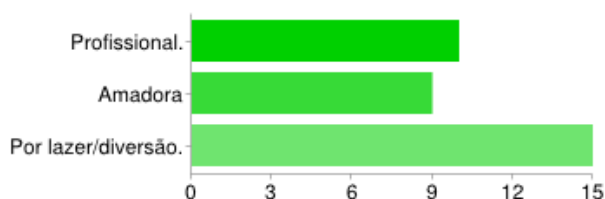


Em relação aos alunos de Produção Cultural que desenvolvem algum trabalho artístico, 1% (1 aluno) afirma ser cantor, 8% (6 alunos) afirmam ser músicos, 1% (1 aluno) é ator/atriz, 1% (1 aluno) é artista circense, 3% (2 alunos) são artista visual/plástico, 8% (6 alunos) afirmam ser escritores/poetas, 6% (4 alunos) são dançarinos, 3% (2 alunos) se consideram artesão e 10% (7 alunos) realizam outros trabalhos artísticos. Do universo dos alunos que afirmam realizar outros trabalhos, apenas uma informou em qual área desenvolve seu trabalho, que é a fotografia. A maior parte dos alunos, 58% (42 alunos), não desenvolve trabalho artístico.

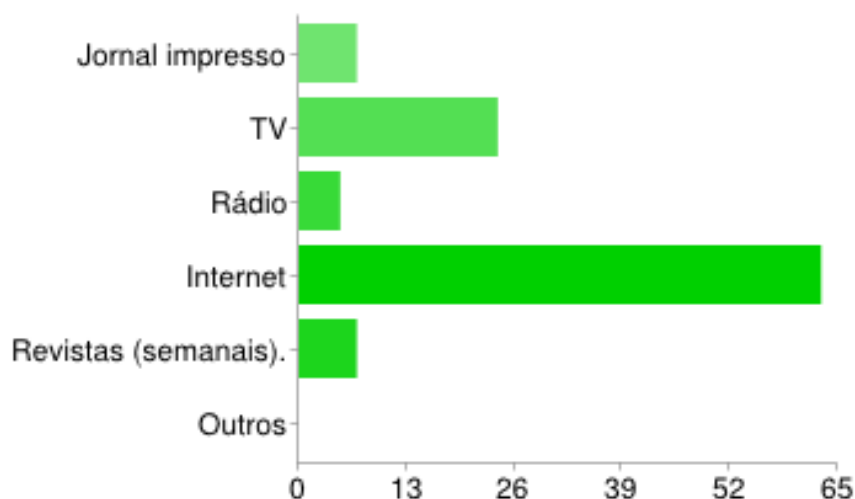


Apesar de 30 alunos responderem que realizaram alguma atividade artística, 34 alunos responderam o motivo da realização dessas atividades.

No total, 29% (10 alunos) afirmam realizar essas atividades de forma profissional, 26% (9 alunos) fazem de forma amadora e 44% (15 alunos) realizam as atividades por lazer/diversão.



Em relação à frequência de consumo de veículos de comunicação pelos estudantes, temos os seguintes dados:



A frequência da leitura do jornal de uma a duas vezes por semana é feita por 33% (23 alunos), 14% (10 alunos) leem de três a quatro vezes por semana, apenas 6% (4 alunos) leem apenas aos finais de semana. O consumo diário é feito por 11% (8 alunos), 11% (8 alunos) utilizam uma ou duas vezes por mês e, por fim, 24% (17 alunos) não realizam essa ação.



Os alunos que leem jornal poderiam citar quais utilizam. Aproximadamente 31% (10 alunos) leem o Correio da Bahia, 40% (13 alunos) utilizam o A Tarde, 10% (3 alunos) leem Folha de São Paulo, 7% (2 alunos) consomem o Estadão e 1% (1 aluno) consomem Zero Hora, Lance, Meia-Hora e Tribuna Feirense, cada.

A frequência do consumo de rádio é feita por 26% (18 alunos) uma a duas vezes por semana, por 14% (10 alunos) de três a quatro vezes por semana, 3% (2 alunos) escutam apenas aos finais de semana, 3% (2 alunos) apenas na sexta-feira e 7% (5 alunos) escutam uma ou duas vezes por mês. No total, 27% (19 alunos) escutam rádio diariamente e 20% (14 alunos) não realizam essa ação.



Os estudantes que escutam rádio poderiam citar quais costumam ouvir e, dentre as citadas, temos que a radio A tarde e Metr pole, que são escutadas por 14% (5 alunos), cada; 17% (6 alunos) escutam Nova Brasil e Globo FM, 11% (4 alunos) escutam a Transamérica, 9% (3 alunos) escutam a Educadora, 6% (2 alunos) escutam Band FM e CBN e, por fim, apenas 3% (1 aluno) ouvem a Jovem Pan e Bahia FM.

A frequência de consumo da TV   feita por 20% (14 alunos) de uma a duas vezes por semana, de três a quatro vezes por semana por 20% (14 alunos), apenas aos finais de semana por 4% (3 alunos), apenas na sexta-feira por 1% (1 aluno) e uma ou duas vezes por mês por 6% (4 alunos). Por fim, 42% (30 alunos) assistem TV diariamente e 7% (5 alunos) não realizam essa a o.





Em relação aos canais assistidos pelos estudantes, 42% (8 alunos) afirmam assistir a Globo, 11% (2 alunos) assistem MTV, GNT e HistoryChannel, cada; e 5% (1 aluno) assiste FOX, Band, HBO, Canais abertos e Canais Fechados, em geral. Foram citadas também as programações assistidas, sendo elas Cartoon, Jornal, Novela e Globo News.

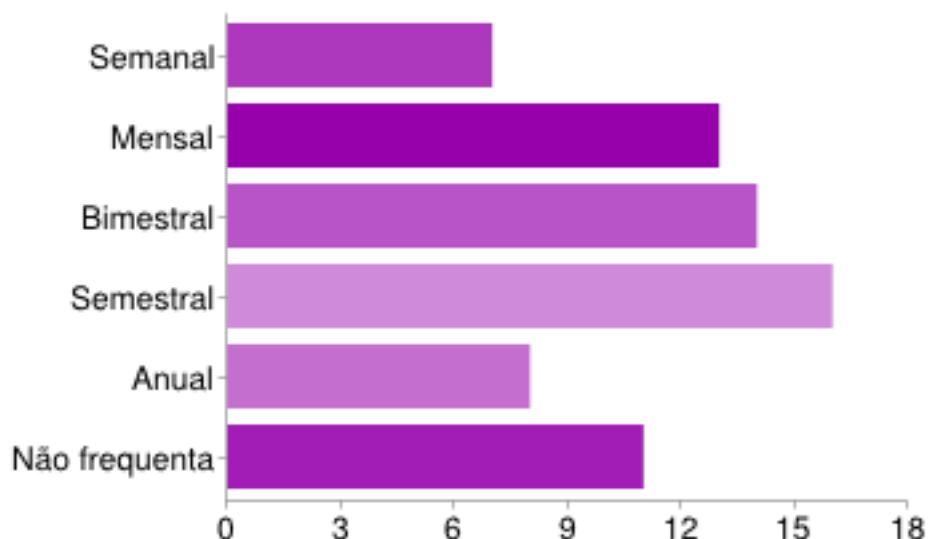
A frequência de leitura de revistas é feita por 29% (20 alunos) uma a duas vezes por semana, 13% (9 alunos) leem de três a quatro vezes por semana, 7% (5 alunos) afirmam que leem apenas aos finais de semana, 35% (24 alunos) leem uma ou duas vezes por mês e apenas 1% (1 aluno) lê diariamente. 14% (10 alunos) não realizam essa ação.



Das revistas citadas pelos estudantes, 14% (5 alunos) afirmam ler a revista Piauí, 6% (2 alunos) afirmam ler Caros Amigos, 6% (2 alunos) leem Rolling Stones, 6% (2 alunos) lêem Carta Capital e 6% (2 alunos) leem Época. As revistas Vogue e Bravo são lidas por 9% (3 alunos), cada. A Revista Veja é lida por 17% (6 alunos) e, por fim, temos as revistas Capricho, Caras, Super Interessante, Trip, Super Aventuras na História, Istoé, Gloss, Vogue Paris, Casa Claudia e Contigo, lidas por 3% (1 aluno), cada.

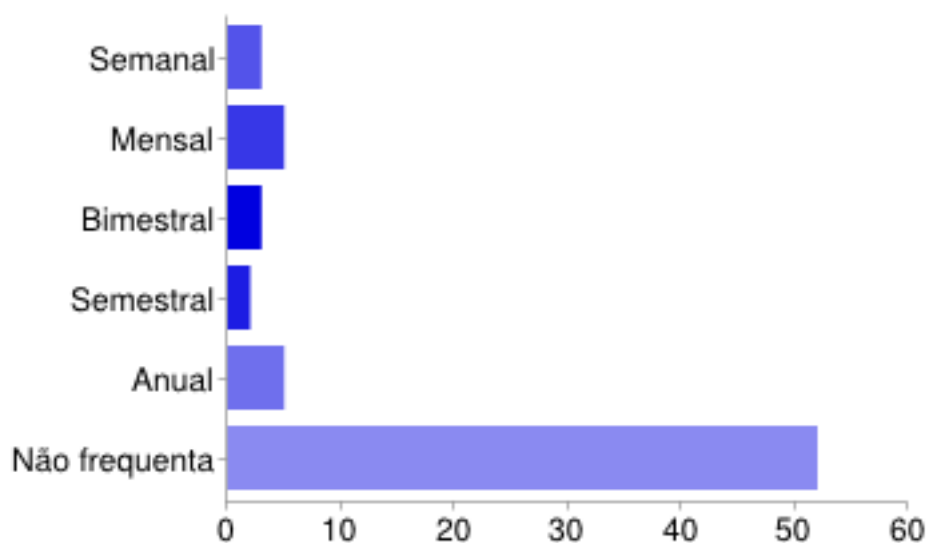
Em relação a frequência dos alunos em determinadas atividades culturais/entretenimento, temos os seguintes dados:

Os alunos que frequentam o teatro semanalmente totalizam 10% (7 alunos), 19% (13 alunos) vão ao teatro mensalmente, 20% (14 alunos) frequentam bimestralmente, 23% (16 alunos)vão semestralmente ao teatro, 12% (8 alunos) anualmente.16% (11 alunos) afirmam não frequentar o teatro.

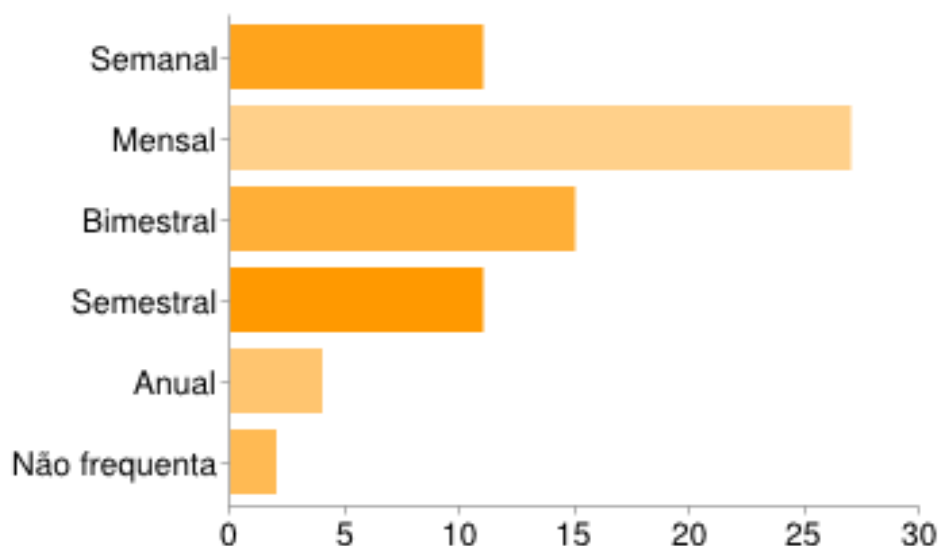


Dos teatros citados pelos estudantes, 26% (7 alunos) frequentam o Teatro Castro Alves, 21% (6 alunos) frequentam o Teatro Vila Velha, 15% (4 alunos) vão ao Teatro Jorge Amado, 10% (3 alunos) vão ao Módulo e 4% (1 aluno) vai ao ACBEU, Gamboa, Sala do Coro, Isba, Sesc, Sesi e Cidade do Saber, cada.

Sobre a participação em rodas de leitura/sarau, 74% (52 alunos) afirmam não frequentar, 4% (3 alunos) vão semanalmente, 7% (5 alunos) vão mensalmente, 4% (3 alunos) frequentam bimestralmente, 3% (2 alunos) vão semestralmente e 7% (5 alunos) vão apenas uma vez ao ano. Não houve citações de locais nem de rodas de leitura/sarau pelos estudantes.

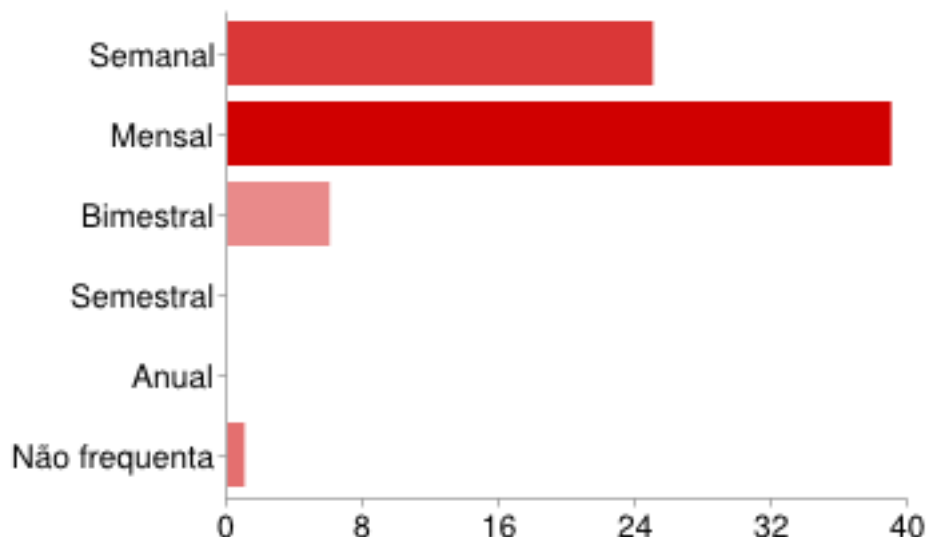


A frequência nos Shows de Música é semanal para 16% (11 alunos), mensal para 39% (27 alunos), bimestral para 21% (15 alunos), semestral para 16% (11 alunos) e anual para 6% (4 alunos). Por fim, 3% (2 alunos) afirmam não frequentar shows de Música.

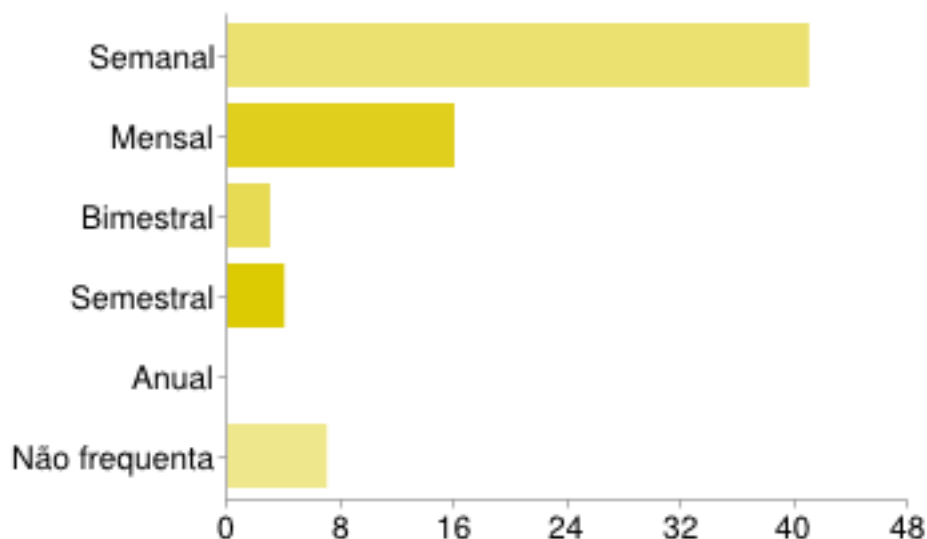


Dos espaços que os estudantes costumam frequentar durante os shows, temos que 22% (3 alunos) frequentam a Concha Acústica, 15% (2 alunos) frequentam o Teatro Castro Alves e 15% (2 alunos) vão ao Pelourinho. 8% (1 aluno) frequenta o Bahia Café Hall, The Hall, Festivais, Bar 30", Groove Bar e o Parque de Exposições, cada. Também foram citados estilos de músicas, sendo elas Metal, Internacionais, MPB e um dos estudantes afirma frequentar show de todos os estilos.

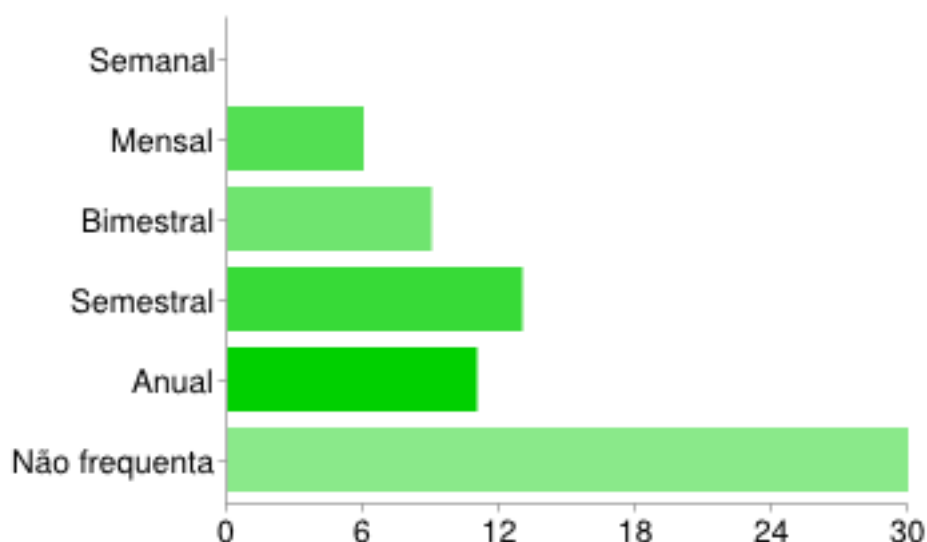
A frequência dos estudantes no cinema é semanal para 35% (25 alunos), mensal para 55% (39 alunos) e bimestral para 8% (6 alunos). Apenas 1% (1 aluno) não frequenta cinema. Dos cinemas frequentados pelos estudantes, 10% (2 alunos) frequentam o UCI, 16% (3 alunos) frequentam o Iguatemi/Multiplex, 16% (3 alunos) frequentam as Salas de Arte, 6% (1 aluno) vai ao Cine Vivo, 26% (5 alunos) vão ao Cinemark, 10% (2 alunos) vão ao Cinema Itaú, 6% (1 aluno) frequenta o Cinema da UFBA e 10% (2 alunos) vão ao Bela Vista/ Cinepolis.



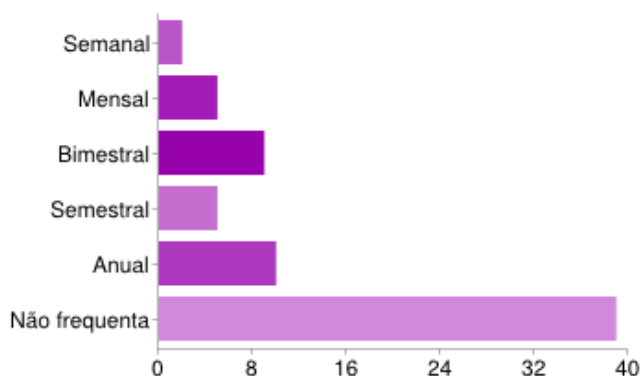
A respeito do consumo de DVD/VHS/Blu Ray/ Filme em casa, 58% (41 alunos) assistem semanalmente, 23% (16 alunos) mensalmente, 4% (3 alunos) bimestralmente, 6% (4 alunos) semestralmente e 10% (7 alunos) não fazem essa atividade. Foram citados pelos estudantes os seguintes gêneros: Comédia, Drama, Cult e Clássico.



A frequência de consumo de espetáculos de dança é mensal para 9% (6 alunos), 13% (9 alunos) frequentam bimestralmente, 19% (13 alunos) semestralmente, 16% (11 alunos)anualmente e 43% (30 alunos) afirmam não frequentar essa atividade. Apenas um aluno citou um espaço que frequenta para esse fim, que é o Teatro Castro Alves.

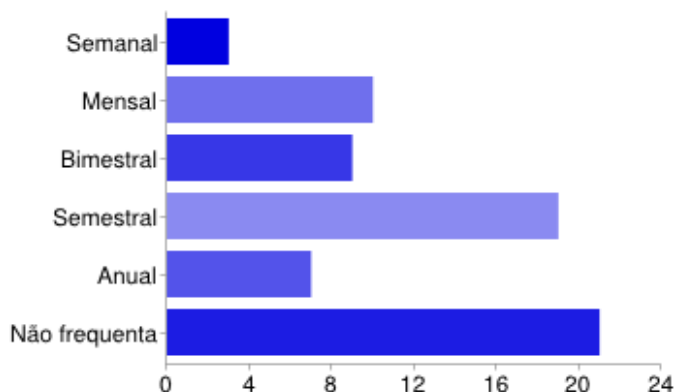


A frequência em eventos esportivos pelos estudantes é semanal por 3% (2 alunos), mensal por 7% (5 alunos), bimestral por 13% (9 alunos), semestral por 7% (5 alunos), anual por 14% (10 alunos). No total, 56% (39 alunos) não frequentam essa atividade. Os estudantes citaram Jogos de Futebol e Surf Eco como eventos frequentados por eles. A Arena Fonte Nova também foi citada como espaço frequentado por um estudante.

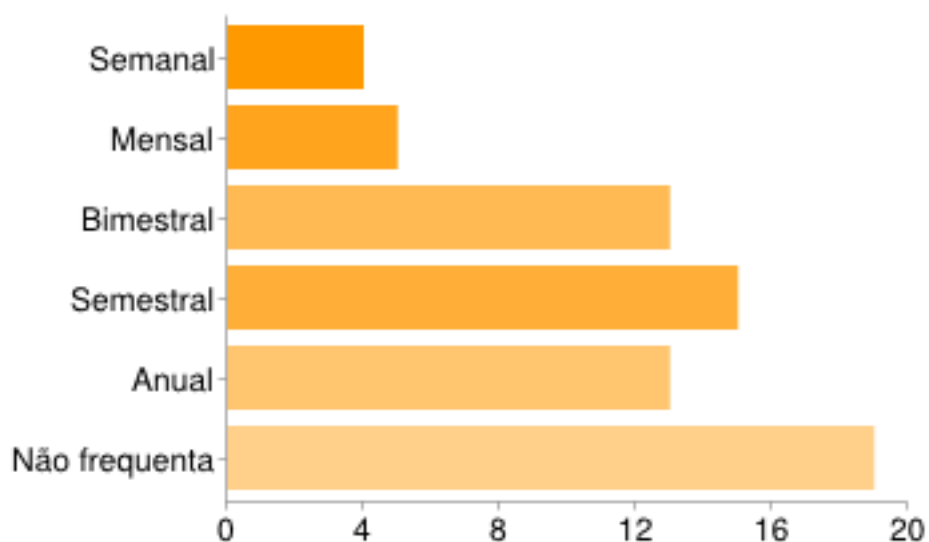


A frequência da ida dos estudantes em Exposições/Artes Visuais/Plásticas é de 4% (3 alunos) semanal, 14% (10 alunos) mensal, 13% (9 alunos) bimestral, 28% (19 alunos) semestral, 10% (7 alunos) frequentam anualmente e 30% (21 alunos) não frequentam essa atividade. Dos locais citados pelos estudantes, 50% (2 alunos) consomem essas atividades no MAM, 25% (1 aluno) em Museus e 25% (1 aluno) afirma frequentar qualquer lugar que exista exposição. Um aluno informou que frequenta exposições de

## Graffiti.

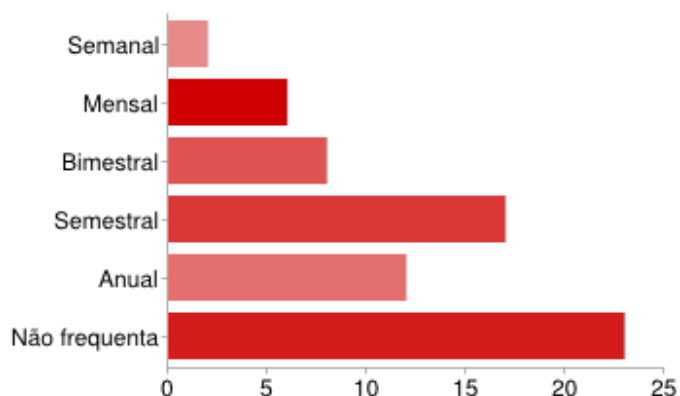


A frequência de ida aos museus é semanal para 6% (4 alunos), mensal para 7% (5 alunos), bimestral para 19% (13 alunos), semestral para 22% (15 alunos) e anual para 19% (13 alunos). Por fim, 28% (19 alunos) não frequentam museus. Entre os museus citados, 43% (3 alunos) afirmam frequentar o MAM, 29% (2 alunos) vão ao Museu Rodin, 14% (1 aluno) vai ao Museu de Arte da Bahia e 14% (1 aluno) vai ao Museu Carlos Costa Pinto.

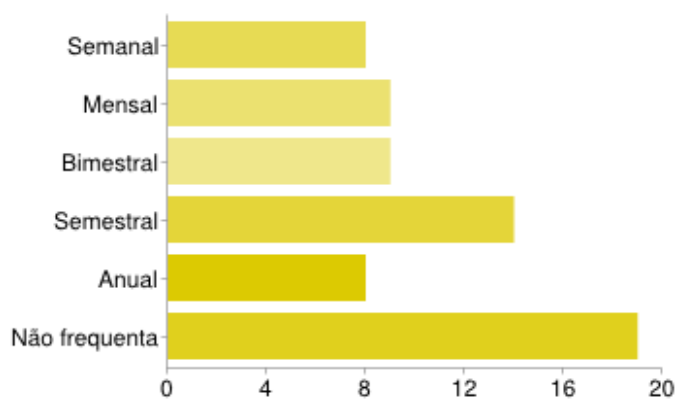


A ida às feiras de artesanato é semanal para 3% (2 alunos), mensal para 9% (6 alunos), bimestral para 12% (8 alunos), semestral para 25% (17 alunos) e anual para 18% (12 alunos). 34% (23 alunos) afirmam não frequentar. Dos alunos que frequentam, um informou que vai ao Rio Vermelho para ter acesso às feiras e outro afirma

frequentar qualquer uma que esteja em seu caminho.

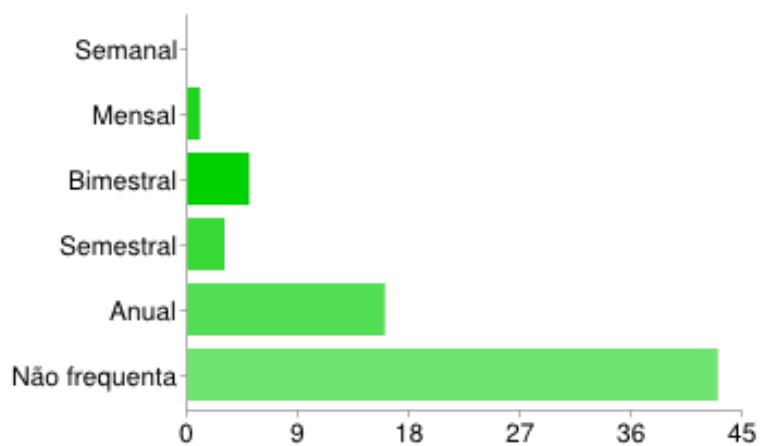


A frequência em apresentações / manifestações de cultura popular é, para 12% (8 alunos), semanal; mensal para 13% (9 alunos), bimestral para 13% (9 alunos), semestral para 21% (14 alunos) e anual para 12% (8 alunos). No total, 28% (19 alunos) afirmaram não frequentar essas atividades. Não houve exemplos de espaços ou apresentações frequentadas pelos estudantes.

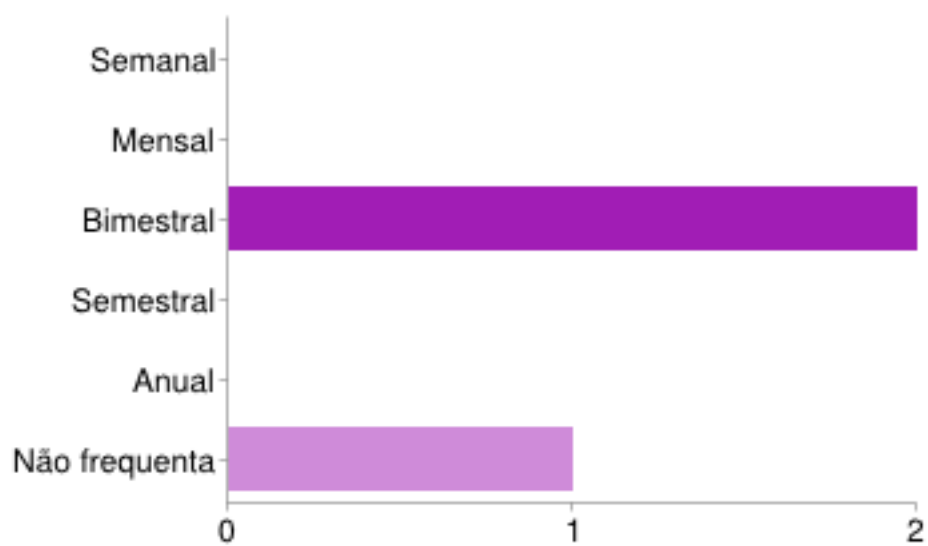


1% (1 aluno) vai ao Circo mensalmente, 7% (5 alunos) bimestralmente, a frequência é semestral para 4% (3 alunos) e anual para 24% (16 alunos); 63% (43 alunos) não frequentam o circo. Não houve exemplos de frequência nessa atividade.





Poucos estudantes responderam sobre a participação em outras atividades. Dentro desse universo, 67% (2 alunos) responderam frequentar outras atividades bimestralmente e 33% (1 aluno) afirmou não frequentar outros tipos de atividades. Não houve exemplo.



## FORMAÇÃO EM POLÍTICAS E GESTÃO DA CULTURA NA UFBA: UMA ANÁLISE DOS ALUNOS EGRESSOS<sup>9</sup>

Alice Pires de Lacerda

Clélia Côrtes

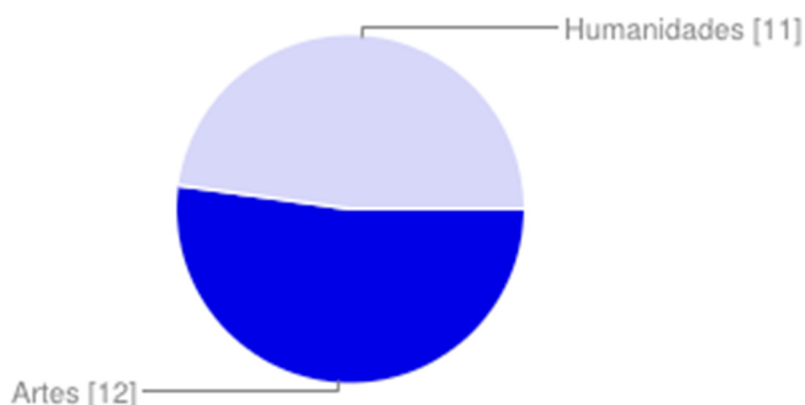
Leonardo Costa

Maria Gabriela Gomez Romero

Renata Leahy

Ricardo Soares

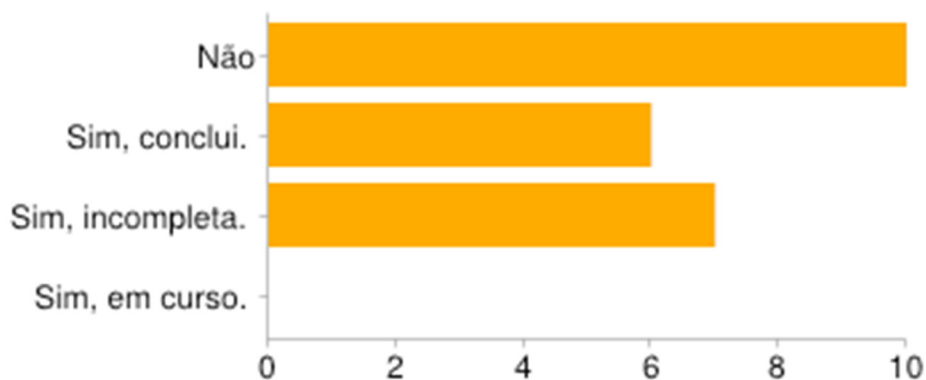
Buscando conhecer o perfil dos alunos egressos da Área de Concentração (AC) em Políticas e Gestão da Cultura (PGC) da Universidade Federal da Bahia, foi realizada a pesquisa seguinte. Para isso, foi aplicado questionário aos alunos egressos no semestre 2013.2. No total tivemos 23 respondentes. 52% dos estudantes egressos tinha como Bacharelado de origem o de Artes, e 48% de Humanidades.



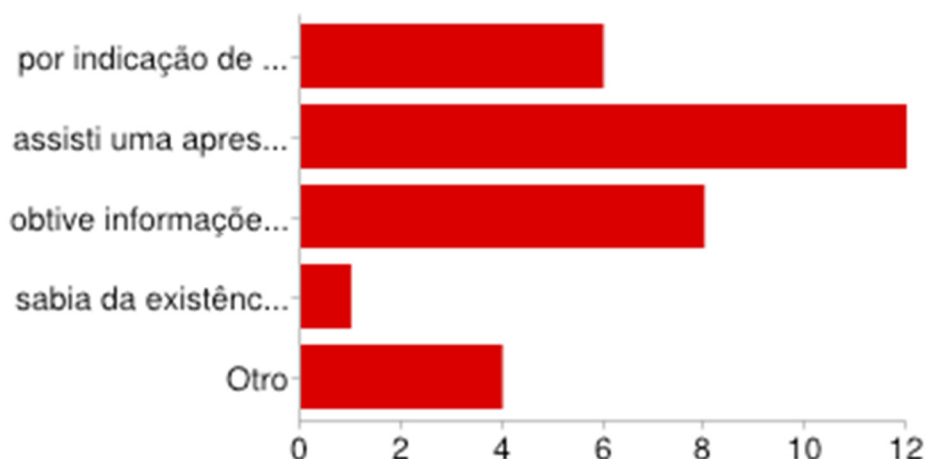
Segundo a pesquisa 43% dos egressos não tinham cursado outra graduação antes do BI e 56% sim, dos quais, 26% concluiu e 30% deixou incompleta.

---

<sup>9</sup> Pesquisa em fase de conclusão dos resultados obtidos.



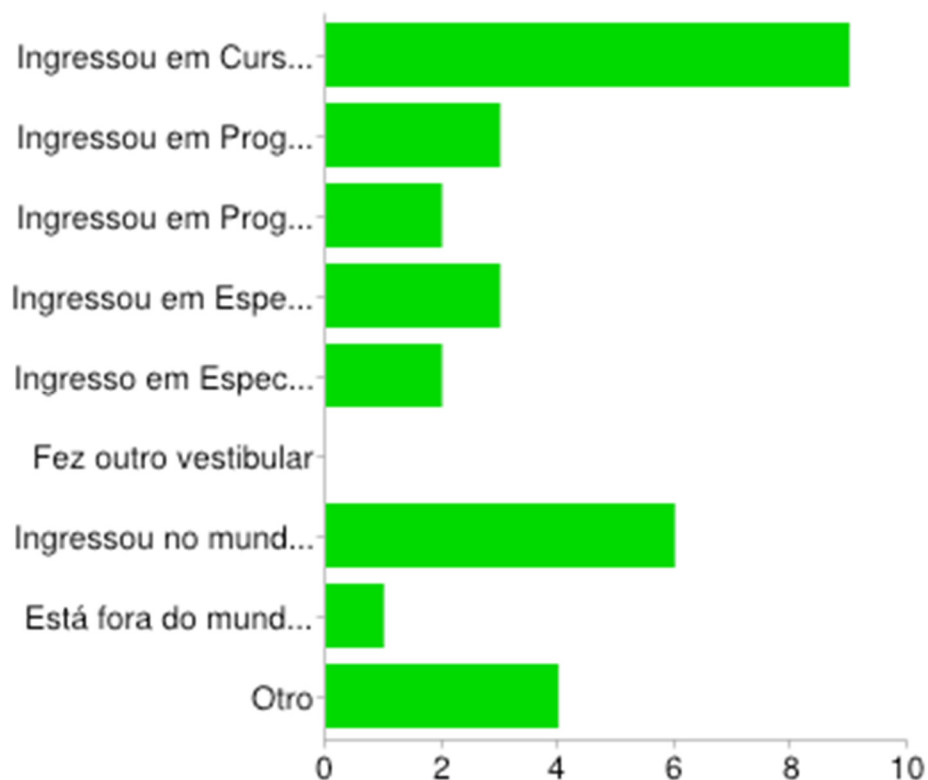
Ao indagar sobre a forma como ficaram sabendo da existência da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura, 39% afirmou ter assistido uma apresentação sobre a AC, 26% obteve informações sobre a AC durante a orientação e 19% por indicação de colegas que cursam ou cursaram a área. Apenas 3% sabia da existência da AC antes de ingressar no BI.



Sobre o motivo de escolha da área de concentração, 29% gostou do projeto da AC, 23% já trabalhava na área de cultura antes, 20% afirmou ter sido influenciado de alguma maneira pela etapa de formação geral, enquanto que 14% pretendia a área de cultura desde o início e 6% decidiu através da orientação. 9% restante não é especificado.



Após concluir o BI na ACPGC, 64% dos consultados continuou estudando, si se soma 30% que ingressou em Curso de Progressão Linear (CPL) da UFBA, 10% que ingressou em Programa de Mestrado na área de cultura e outro 7% em mestrado em outra área, 10% que ingressou em especialização na área de cultura e 7% em especialização em outra área. Enquanto que 20% ingressou no mundo de trabalho.

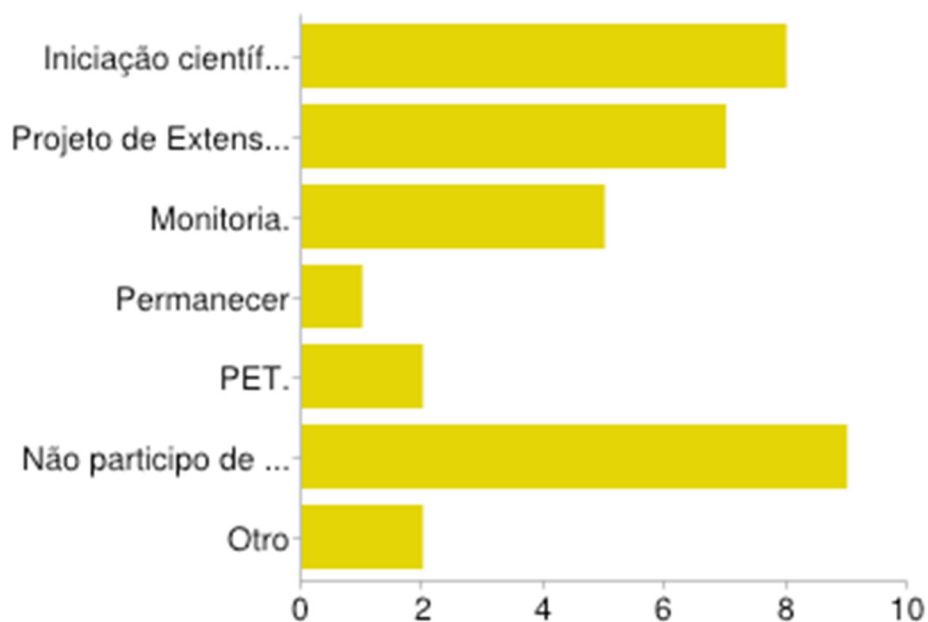


Sobre a situação laboral dos estudantes egressos, a pesquisa indicou que 39% não esta trabalhando atualmente, enquanto que 61% sim, dos quais 39% na área de cultura e 22% em outra área. Desses que estão trabalhando, 42% tem mais de dois anos nessa área, 11% tem menos de seis meses e outro 11% tem entre um ano e dois na área. 5% tem entre 6 meses e 1 ano e 32% corresponde a “sem resposta”.

Segundo a maioria dos egressos, o período de formação na Área de Concentração contribui de maneira positiva na atuação profissional (78%), enquanto que 22% considera que não contribuiu.

A pesquisa indica que 39% dos egressos pesquisados não desenvolve algum trabalho social, cultural e/ou artísticos. 60% restante sim, e se divide entre os que estão remunerados (30%) e o voluntários (30%).

Durante a graduação na Área de Concentração, o percentual de participação dos estudantes em atividades relacionadas à universidade foi relativamente alto, sendo que 24% participou de iniciação científica, 21% de projetos de extensão, 15% fez monitoria, 6% no PET, e 3% em Permanecer. Enquanto que 26% não participou de atividade nenhuma.



Dentro do 55% que participou em alguma dessas atividades, 50% foi bolsista e 50% não.

A pesquisa sinaliza que 65% dos pesquisados não desenvolveu atividade de estágio durante a graduação no BI /ACPGC; o percentual restante se divide entre os que desenvolveram na área de cultura (30%) e os que desenvolveram em outra área (4%). Dentro da população que fez estágio, 70% foi em organização governamental, 20% em empresa privada e 10% em organização não governamental. 90% foi remunerada por tal atividade e 10% não.

Observa-se que 72% dos pesquisados complementaram sua formação seja na área de cultura (36%) ou em outras áreas (36%). 29% afirmou não ter realizado outros cursos. Igualmente se indagou sobre si os estudantes participaram ou não de eventos acadêmicos como seminários, congressos, encontros ou simpósios, e os resultados indicam que 97% dos egressos participou, bem na área de cultura (58%) como em outras áreas (39%).

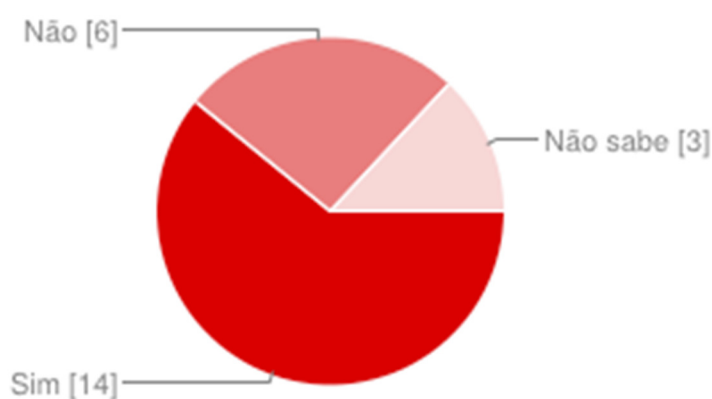
A quinta parte do questionário (E – Formação na Área de Concentração) busca uma avaliação de parte dos estudantes para a formação geral, a formação específica, os conhecimentos teóricos, os conhecimentos práticos, a atuação dos professores e cada um dos componentes obrigatórios da ACPGC. Sobre a formação geral, o balanço é positivo sendo que 35% qualificou de excelente e 65% de boa. Enquanto à formação específica, 17% considera que é excelente, e 65% que é boa. O percentual restante corresponde a regular (17%). Sobre os conhecimentos teóricos trabalhados durante a formação na AC, 35% acredita que foram excelentes, 61% que foram bons e 4% os qualifica como regulares. No entanto, a etapa dos conhecimentos práticos não obteve um balanço tão positivo quanto os teóricos, sendo que 9% qualificou como excelente, 35% como boa, 43% achou regular e 13% acredita que foi ruim. Os professores receberam uma boa qualificação por parte dos estudantes. 39% acredita que sua atuação foi excelente e 43% que foi boa. 17% restante acredita que foi regular.

Dentro dos componentes obrigatórios na ACPGC, as que obtiveram maior percentual de excelência foram Políticas Públicas (57%), Teorias da Cultura (48%), e Cultura e Desenvolvimento (48%). Gestão de Organizações Culturais obteve 35% e por

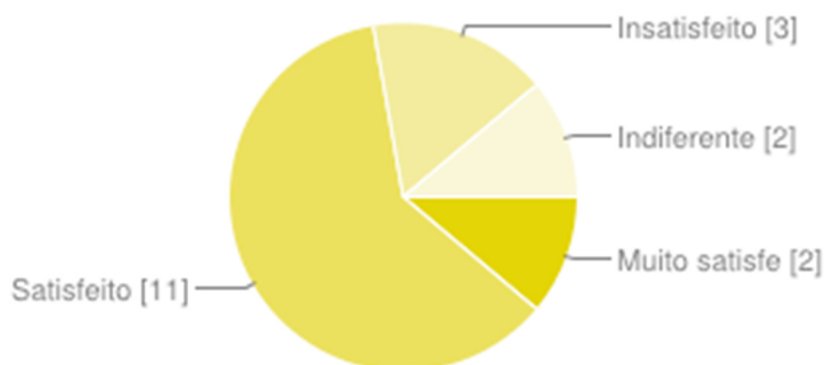
ultimo Organizações e Sociedade com 26%.

Os componente que saíram pior ranqueados foram Organizações e Sociedade e Gestão de Organizações Culturais. A primeira levou 4% de qualificação ruim, 22% regular, 48% boa e 26% excelente. A segunda, obteve 4% como ruim, 13% regular, 48% boa e 35% excelente. A melhor ranqueada foi Políticas Públicas que indicou 57% de nível de excelência e 43% bom.

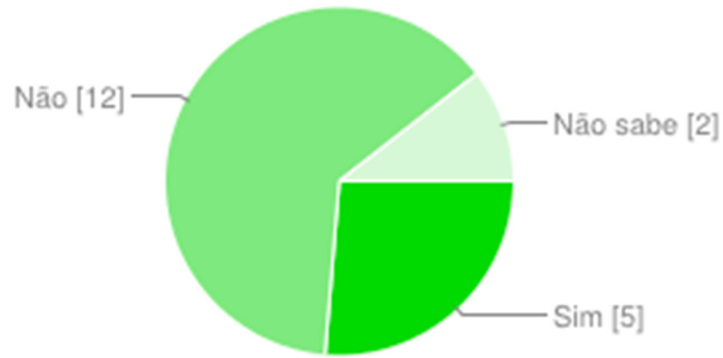
Ao indagar sobre o mundo de trabalho, 61% dos consultados se sente profissional na área da cultura, 26% não se sente e 13% não sabe.



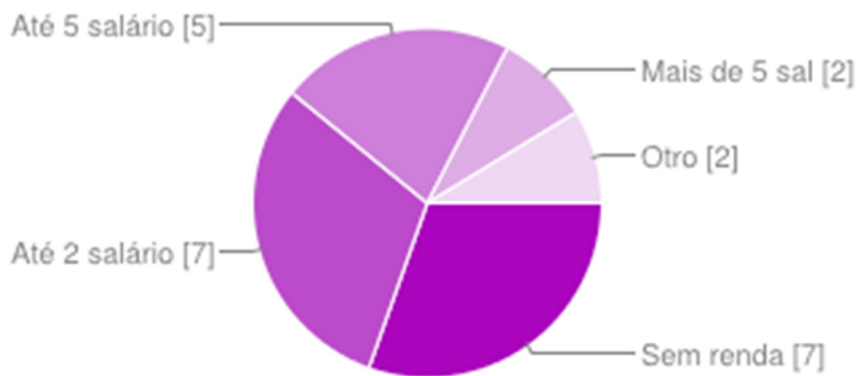
De modo geral o grau de satisfação é bom, pois 61% se considera satisfeito, 11% muito satisfeito e 17% insatisfeito. O porcentual restante (11%) se considera indiferente.



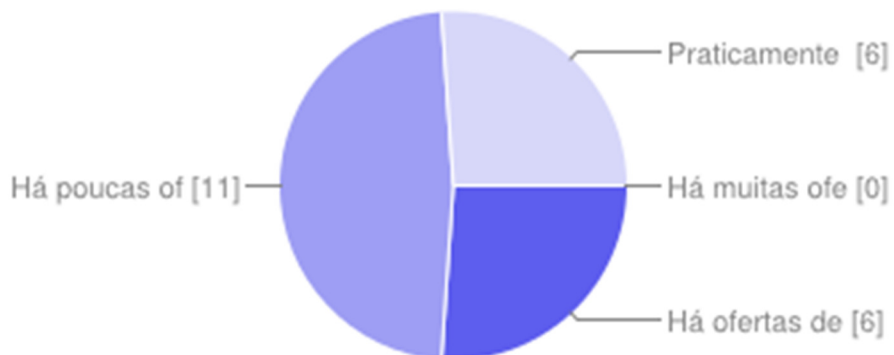
Em relação à remuneração, 63% considera que não é compatível com a média do mercado, enquanto 26% considera que sim e 11% não sabe.



Dentre os consultados, 30% encontra-se sem renda mensal, outro 30% possui uma renda de até dois salários mínimos, e 22% de até cinco salários mínimos. 9% possui renda de mais de cinco salários mínimos e 9% restante não especifica.

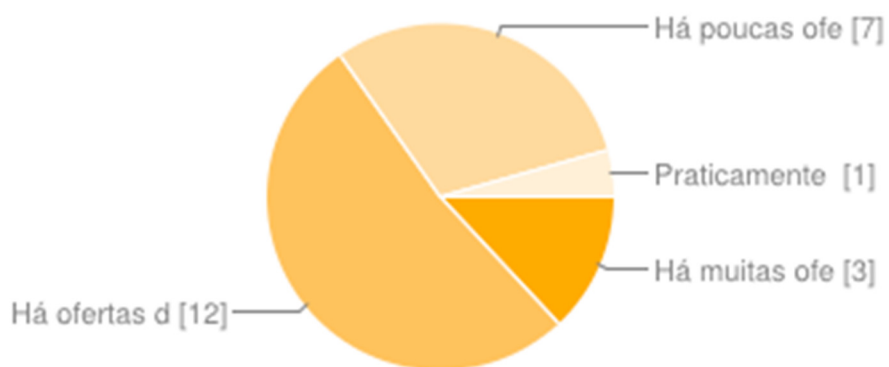


Sobre as ofertas de trabalho em Salvador, 48% dos egressos considera que há poucas ofertas, 26% acredita que praticamente não há ofertas e outro 26% que afirma que há sim.





Fora de Salvador, 52% dos consultados considera que há ofertas, e 13% afirma que são muitas ofertas. 30% acredita que não há e apenas 4% assegura que praticamente não há ofertas de emprego.



## FORMAÇÃO EM POLÍTICAS E GESTÃO DA CULTURAL NA UFBA: UMA ANÁLISE DOS ALUNOS INGRESSOS<sup>10</sup>

Alice Pires de Lacerda

Clélia Côrtes

Leonardo Costa

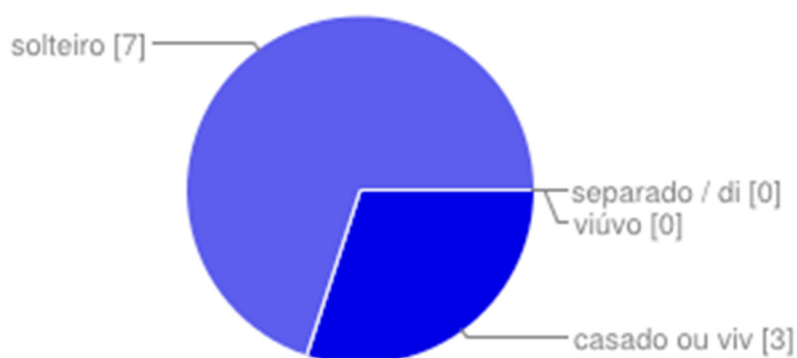
Maria Gabriela Gomez Romero

Renata Leahy

Ricardo Soares

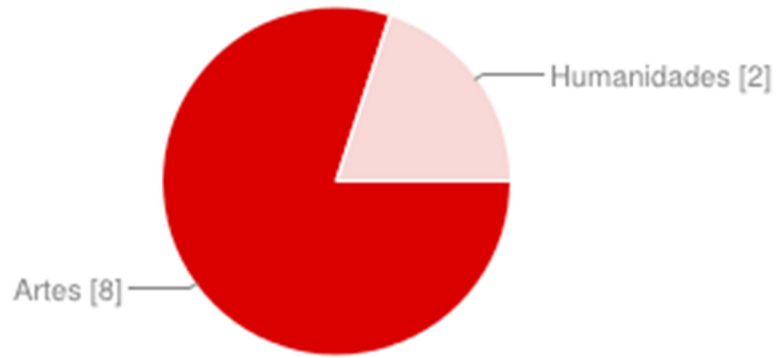
Buscando conhecer o perfil dos alunos ingressos da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura da Universidade Federal da Bahia, foi realizada a pesquisa seguinte. Para isso, foi aplicado questionário aos alunos ingressos no semestre 2013.2. No total tivemos 10 respondentes.

Do total de estudantes que responderam o questionário, 70% são solteiros e 30% estão casados ou vivem com alguém. Dentro dos consultados, a totalidade (100%) respondeu não ter filhos. 80% dos estudantes da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura provêm do bacharelado em Artes. 20% restante têm origem no bacharelado em Humanidades.

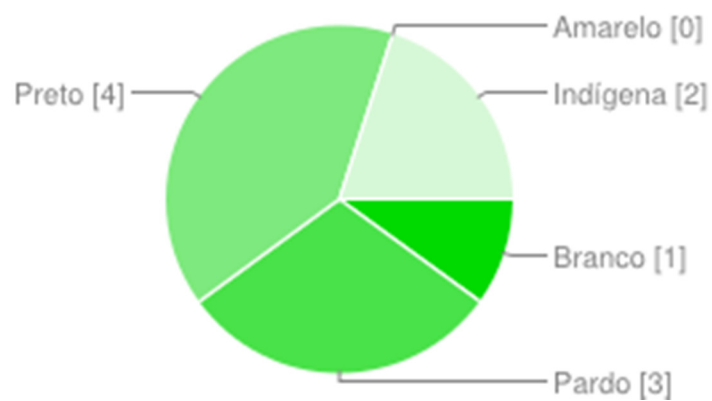


---

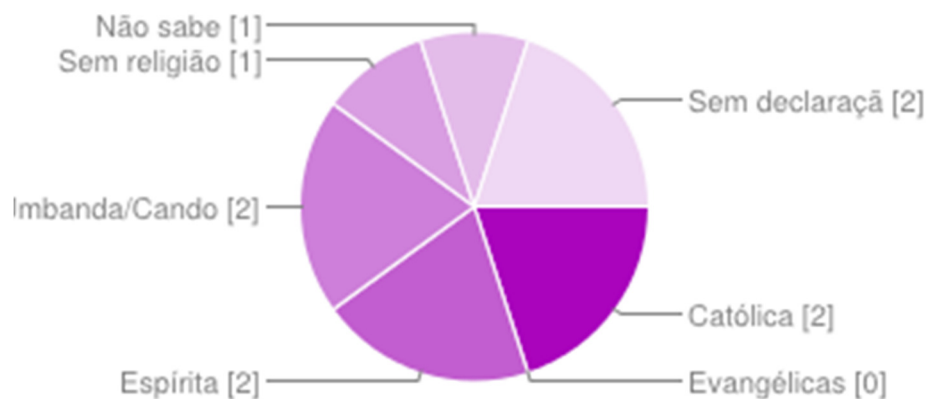
<sup>10</sup> Pesquisa em fase de conclusão dos resultados obtidos.



Dentro da população pesquisada predominam os que se identificam étnico-racialmente como negros(as), com 40%. E chama a atenção que unicamente uma pessoa se identifique como branca.

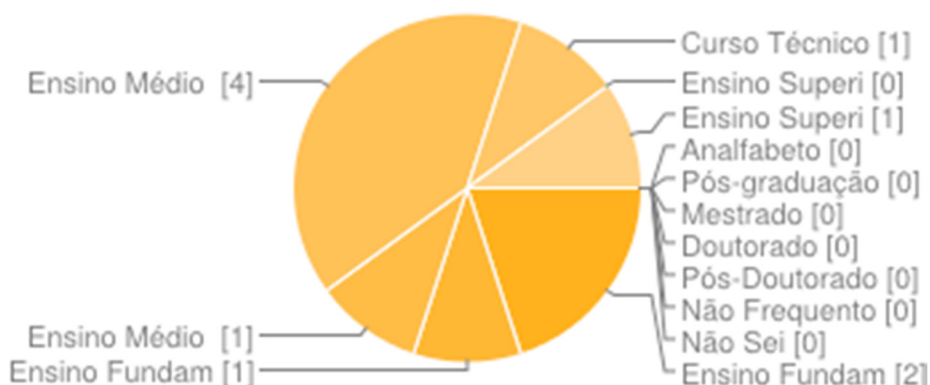


Quanto à opção religiosa se observa ampla variedade nas respostas. Sendo que 60% dos consultados pertencem a três religiões diferentes. Nenhum dos estudantes se declarou como evangélico, segunda religião de maior presença no país.

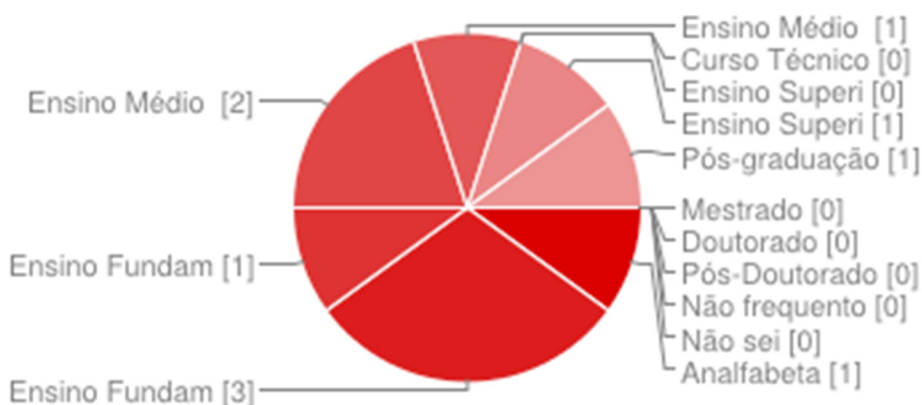


O último dado deste segundo bloco permite observar que não ingressaram pessoas com alguma deficiência física ou mental à Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura no ano em curso.

Observa-se que dentro dos progenitores existe maior nível de escolaridade entre os pais, enquanto que maior porcentagem completou até ensino médio.

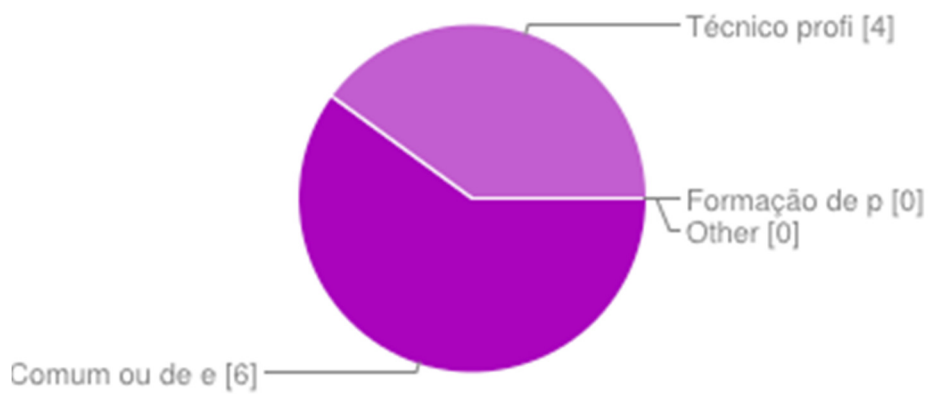
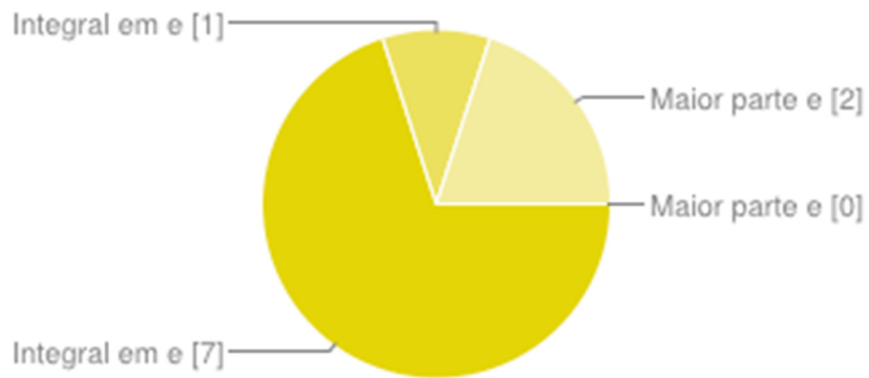


Se considerar a soma das opções “analfabeta” e “ensino fundamental incompleto”, o qual equivale a 40%, o nível de escolaridade dentro das mães é menor embora unicamente uma delas tenha completado pós-graduação/especialização dentro do grupo referido.

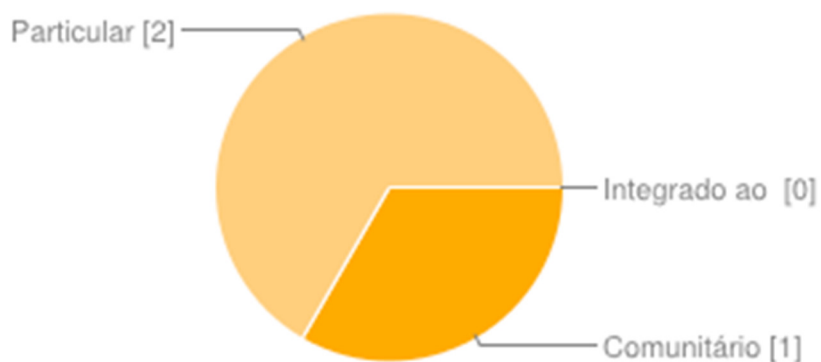
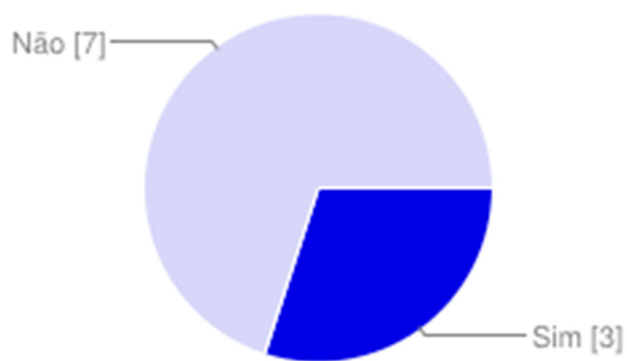


Enquanto ao ensino médio dos estudantes ingressantes da ACPCG, entre os 10 inquiridos, sete estudaram em escola pública e dois mais que estudaram a maior parte em escola pública; nove concluíram em curso regular. Ao perguntar sobre o tipo de curso, 6 responderam ter concluído curso comum ou de educação geral e quatro como técnicos

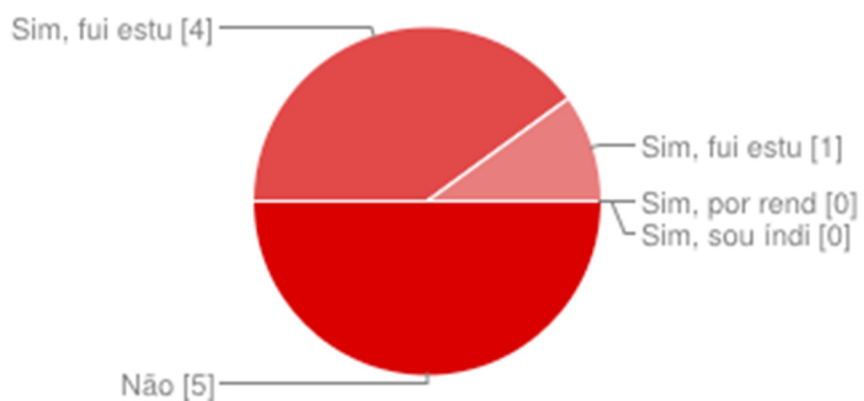
profissionalizantes.



Ao perguntar sobre o curso preparatório para o ENEM, encontra-se que unicamente 30% respondeu afirmativamente e dentro desses 30%, 20% fez curso particular.



Referente ao ingresso pelas cotas, observa-se que metade (50%) dos estudantes ingressantes à ACPGC respondeu negativamente a pergunta. O 50% restante divide-se entre 40% que ingressou pelas cotas como estudante preto ou pardo de escola pública e 10% como estudante de escola pública de qualquer etnia.



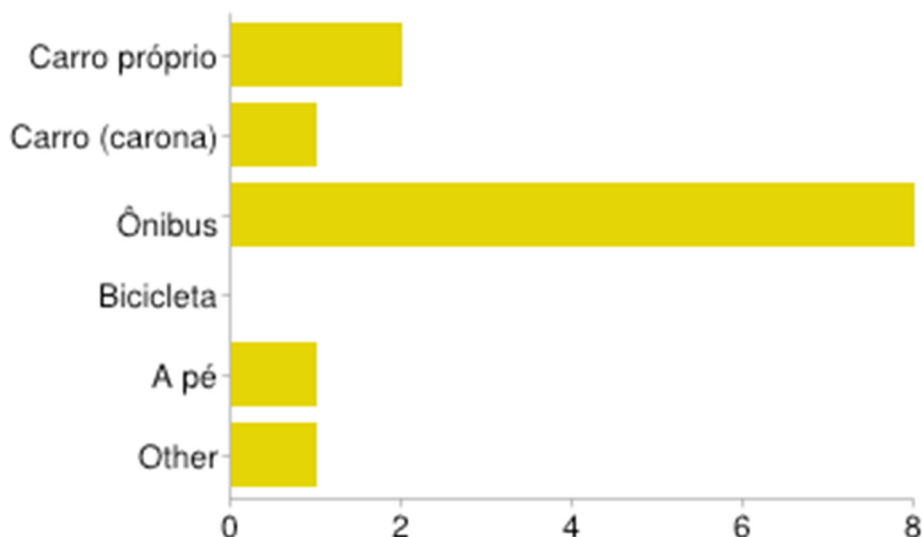
Ao questionar sobre as atividades culturais e entretenimento, a pesquisa sinaliza que dentro das menos frequentadas estão a roda de leitura, os eventos esportivos, circo e

museus. A primeira, demonstrou uma frequência anual de 40% e 30% demonstraram não frequência na atividade roda de leitura. Os eventos esportivos não são frequentados pela metade dos estudantes inquiridos (50%) assim como o circo, que demonstrou também uma não frequência de 50% e uma frequência anual de 30%. Embora os museus são frequentados semanalmente (10%), mensalmente (20%) e trimestralmente (10%), o maior número corresponde a assistência anual de 50%.

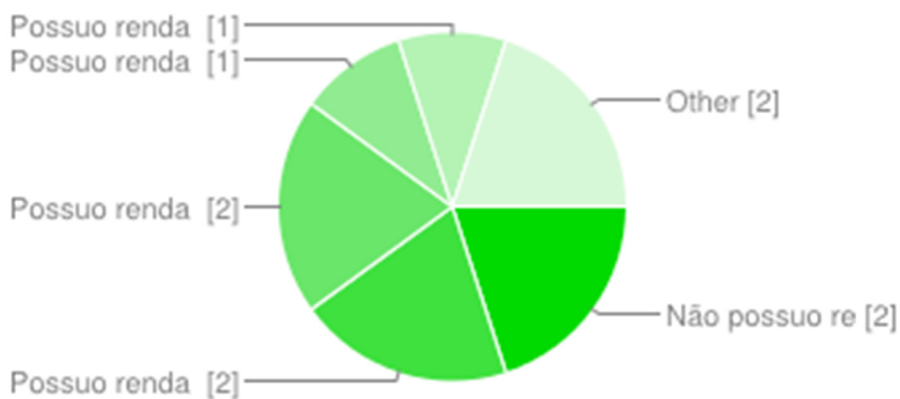
As atividades mais frequentes entre os estudantes ingressantes na ACPGC são: os shows musicais, cuja assistência é a mais distribuída equitativamente entre as outras atividades, com 20% para cada intervalo de tempo, e 0% para não frequenta e 0% para frequência anual; DVD/VHS/Blu-Ray em casa com 90% da população assistindo semanalmente e as exposições/artes visuais plásticas que estão divididas com 20% assistência semanal, 20% trimestral, 20% semestral e 20% anual.

Enquanto teatro, feiras de artesanato e apresentações e manifestações de cultura popular, os gráficos expõem que 40% assiste ao teatro mensalmente e logo se dividem entre semanal, quinzenal e semestral com 10% para cada um. As feiras de artesanato se divide entre os que não frequentam (20%), os que frequentam mensalmente (20%) e os que frequentam semestral e anualmente (30%) cada um.

Sobre os meios de transporte utilizados para chegar na UFBA, predomina o uso de ônibus (62%), seguido por carro próprio (15%); carro de carona, a pê e outros meios não especificados correspondem 8% respectivamente. Chama a atenção que o uso da bicicleta obtenha 0%.

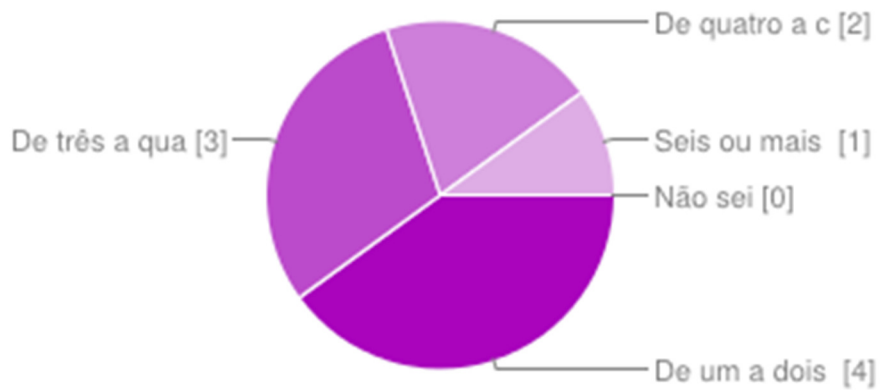


O gráfico sobre a situação financeira que melhor descreve o caso dos estudantes apresenta resultados equitativos, enquanto que quatro das seis opções receberam a mesma pontuação (20%), embora os resultados os dois restantes, obtiveram 10% e correspondem às opções “posso renda própria e contribuo com o sustento da família” e “posso renda própria e sou o principal responsável pelo sustento da família”.

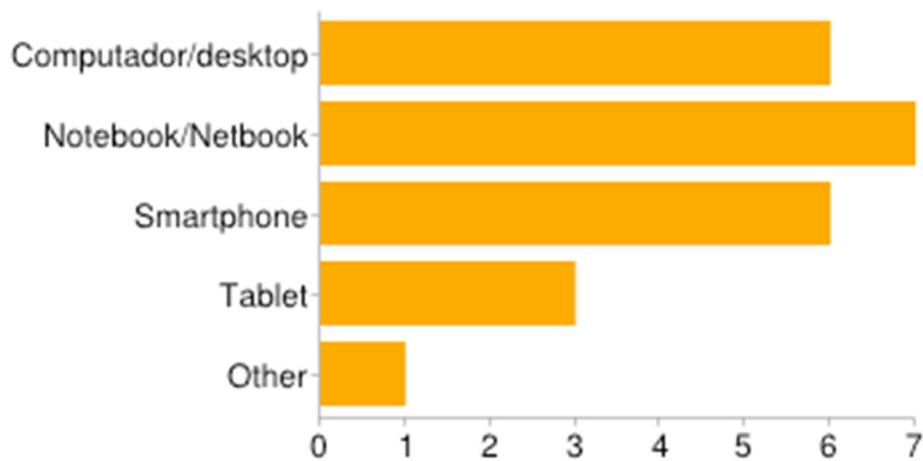


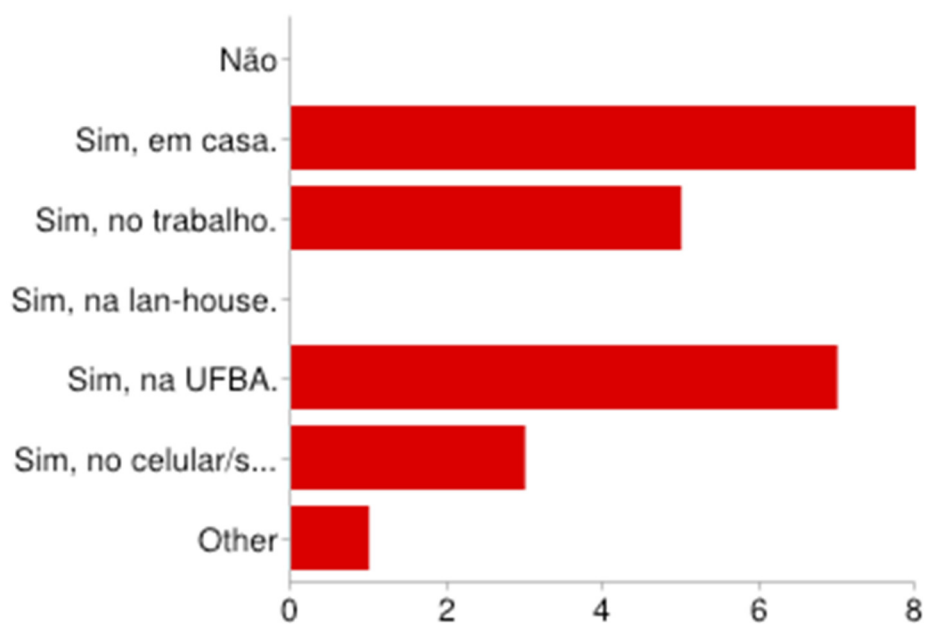
A pesquisa permite sinalizar que 40% das famílias dos estudantes ingressantes na ACPGC possuem uma renda mensal familiar entre um a dois salários mínimos, seguidos por 30% cuja renda familiar é de três a quatro salários mínimos. De quatro a cinco salários mínimos corresponde 20%. Apenas 10% possui renda familiar entre seis ou mais salários mínimos.



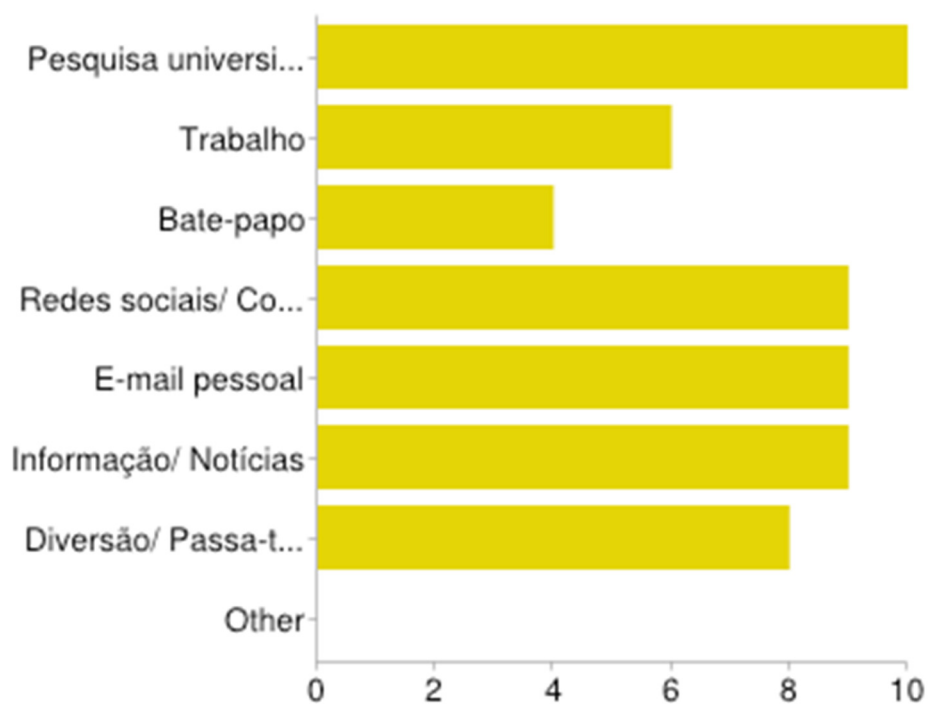


A pesquisa revelou que 90% dos ingressantes possuem computador em casa. Além disso, revelou-se o alto uso de aparatos tecnológicos sendo que 26% tem computador desktop, 30% notebook, 26% possuem smartphone, 13% tablet e 4% respondeu outro, não especificado. Do total dos consultados, 33% tem internet em casa, 29% na UFBA, 21% no trabalho e 13% utilizam o internet desde o smartphone.

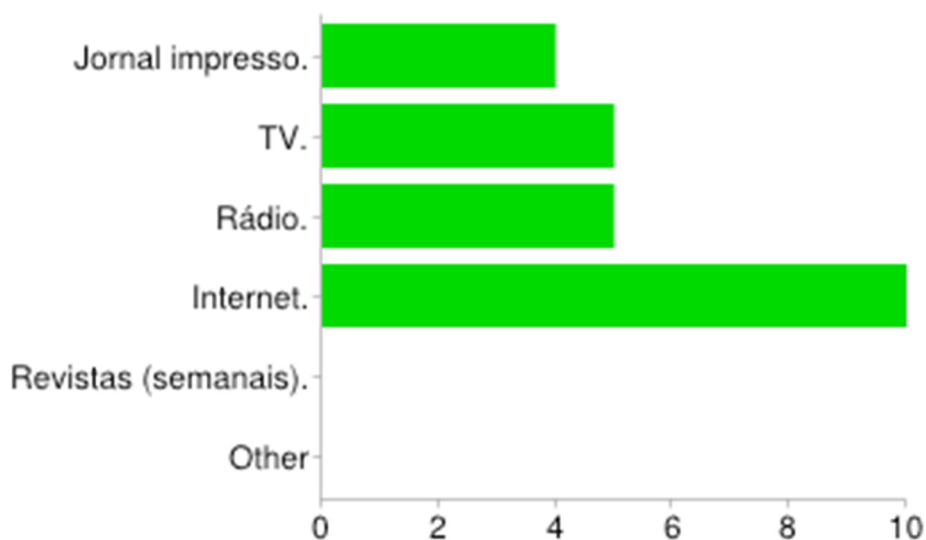




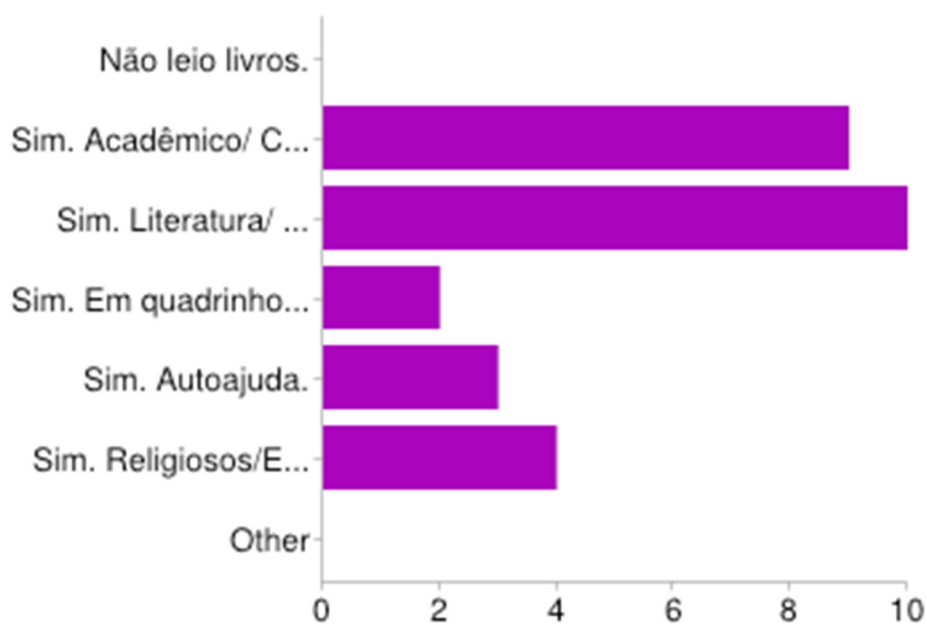
Enquanto aos objetivos para acessar a internet, prevalece a pesquisa universitária/acadêmica para o total de estudantes consultados (18%), e com mesma porcentagem cada uma continuam as redes sociais (16%), e-mail pessoal (16%) e informação/notícias (16%). 15% responderam como quarta opção a diversão e passatempo e por último o bate papo (7%).



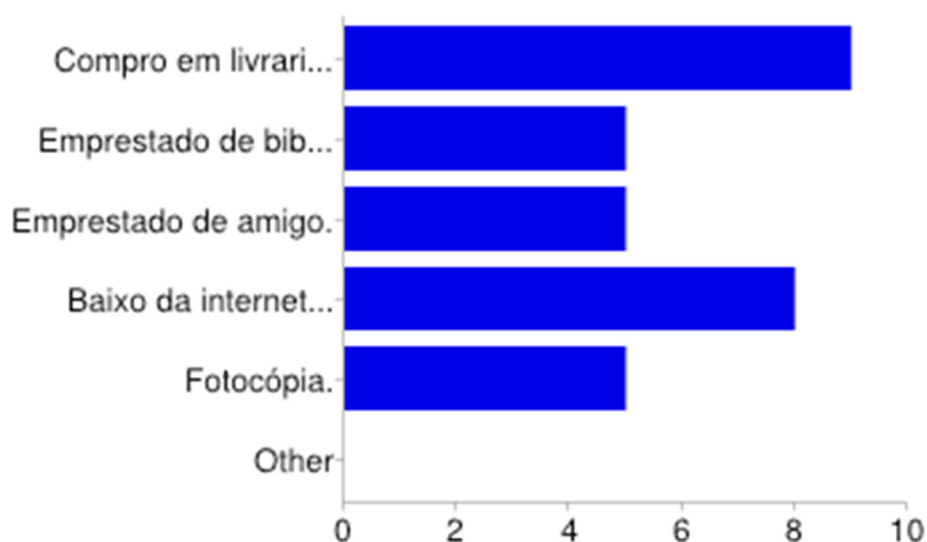
42% da população ingressante se mantem informada através da internet. A seguir, rádio e televisão ocupam o mesmo lugar com 21% e por último o jornal impresso com 17%.



Ao perguntar sobre a frequência e preferência na hora da leitura, a opção de livros de literatura/ficção/romance obteve a porcentagem mais alta com 36%, em segundo lugar observa-se que os estudantes (32%) preferem os textos acadêmicos/científicos/didáticos e/ou solicitados pelo professor do curso. Os textos religiosos/espiritualistas ocupam o terceiro lugar com 14%, seguidos dos textos de autoajuda que receberam 11%. Por último, os livros em quadrinhos/HQ/mangá obtiveram a menor porcentagem nas preferencias com 7%. Do total da população consultada, ninguém assegurou não ler livros.



Como pode ser visto no gráfico, 28% dos estudantes adquirem seus livros comprando-os em livrarias e sebos e 25% baixam da internet ou consomem Ebooks. A percentagem restante se divide equitativamente com 16% para empréstimo de bibliotecas, empréstimo de amigos e fotocópias respetivamente.



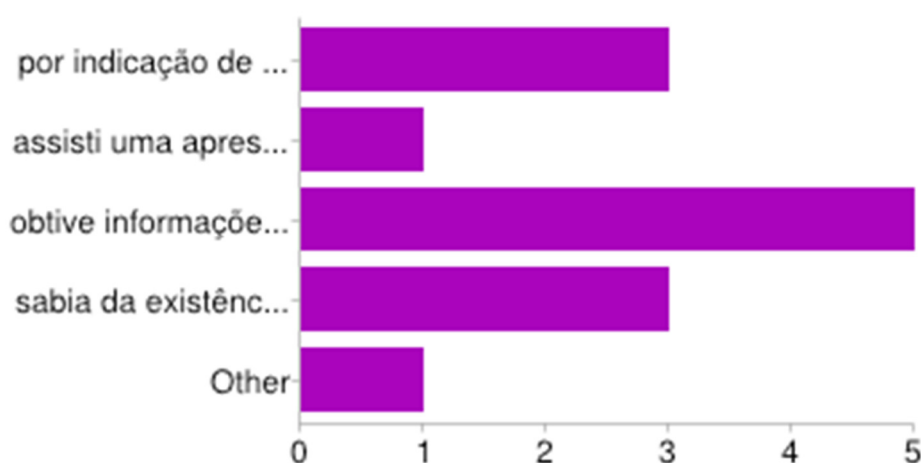
Dentre das atividades que foram consultadas (ler jornal, ler revista, escutar rádio, assistir TV), a que teve resultados mais equitativos foi a leitura de jornal. 30% respondeu que lia duas vezes por semana e outro 30% todos os dias. 20% só finais de semana e 20% restante respondeu que nunca.

De acordo com os gráficos 38, 39, 40 e 41 a atividade realizada mais frequentemente pelos estudantes ingressantes é escutar rádio com 80% de assiduidade diária. Segue a TV, que é assistida diariamente por 40% dos consultados e a leitura diária de jornal com 30%. A atividade com maior percentual na opção “nunca” foi a leitura de jornal com 20%.

A leitura de revistas demonstrou ser uma das atividades mais fracas hoje em dia dentro dos estudantes. Sendo que 50% lêem uma vez no mês, 20% 4 vezes por semana, e entre “nunca”, “2 vezes por semana” e “só finais de semana” somam 30% equitativamente.

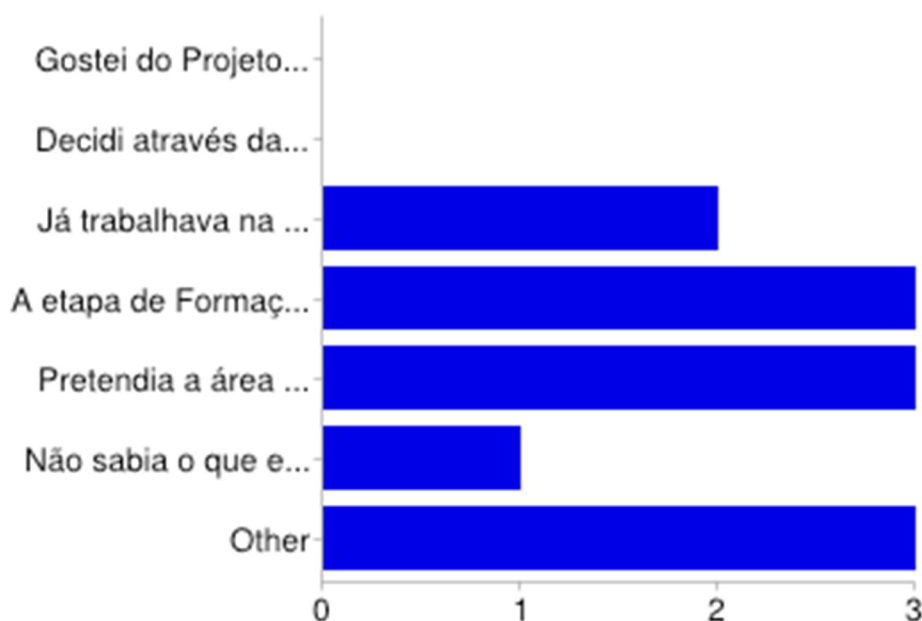
Assistir a TV demonstrou ser uma atividade muito popular dentro da população consultada. 40% assiste diariamente, 30% quatro vezes na semana, só finais de semana 20% e 10% que assiste duas vezes na semana.

Observa-se que a maioria dos estudantes (38%) obteve informações sobre a área de concentração durante a orientação acadêmica. Com mesmo percentual (23%) ficaram sabendo por indicação de colegas que cursam ou cursaram a Área e porque sabiam da existência da AC antes de ingressar no BI. Apenas 8% afirmou ter escolhido a área porque assistiu uma apresentação sobre a área de concentração.



Dentro dos motivos de escolha da Área de Concentração em Políticas e Gestão Da Cultura 25% declarou que a escolha aconteceu durante o processo de formação geral, o

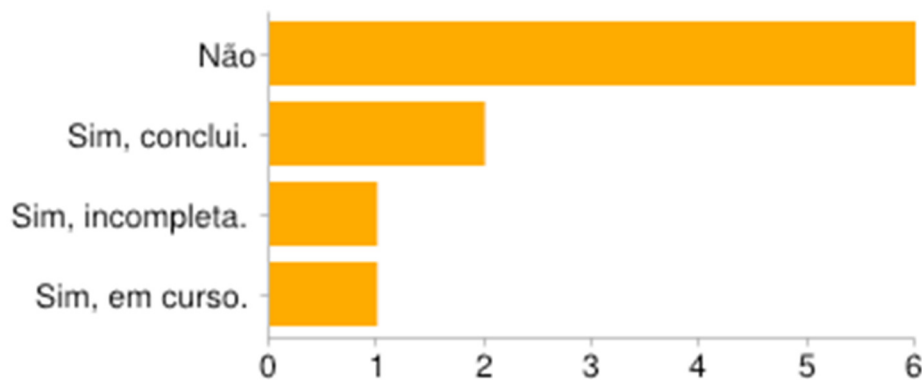
mesmo percentual respondeu que desde o início tinha a pretensão de ingressar na área de cultura, ressalta-se que também 25% marcou a opção motivos não especificados. A seguir, constata-se que 17% dos consultados já trabalhava na área de cultura antes de ingressar na área e por último, 8% respondeu que não sabia o que escolher ou não tinha outra opção.



Ao somar o percentual dos estudantes que tinha pretensão de entrar na área de concentração desde o início (25%) mais o 17% que já trabalhava na área de cultura antes de ingressar, percebe-se que o interesse e/ou envolvimento prévio na área de cultura foi a motivação principal para a escolha.

25% dos alunos responderam que a principal motivação foi a influência da formação geral. Isso pode ser explicado pela existência de componentes curriculares como políticas culturais nessa etapa de formação geral que contribui para o interesse mais aprofundado pela área da cultura na Área de Concentração. Esses componentes são obrigatórios no BI de Arte, o que de certa forma explica o fato de 80% dos alunos ingressantes na ACPG serem desse curso e apenas 20% de Humanidades. Porém devemos verificar se dentro desse percentual de 25%, qual a parcela que refere-se a Artes e Humanidades para validar essa hipótese.

À pergunta sobre se já tinham cursado ou estavam cursando outra graduação, 60% dos estudantes responderam que não, 20% que sim e concluída, 10% sim mas incompleta e o 10% restantes sim, em curso. Dentro dos que responderam sim, os cursos cursados são história, administração de empresas e licenciatura em história. O fato de 40% responder que cursa ou cursou, completo ou incompleto, outra graduação é um numero relevante e deve ser comparado com os números do IHAC (artes 52,5% e humanidades 60,1%) e da Facom (39%), pois a hipótese é que esse número elevado pode ser explicado pela pressão social e familiar pelo aluno cursar um curso novo, ainda não consolidado na universidade e na sociedade, ou seria a dúvida no processo de formação.

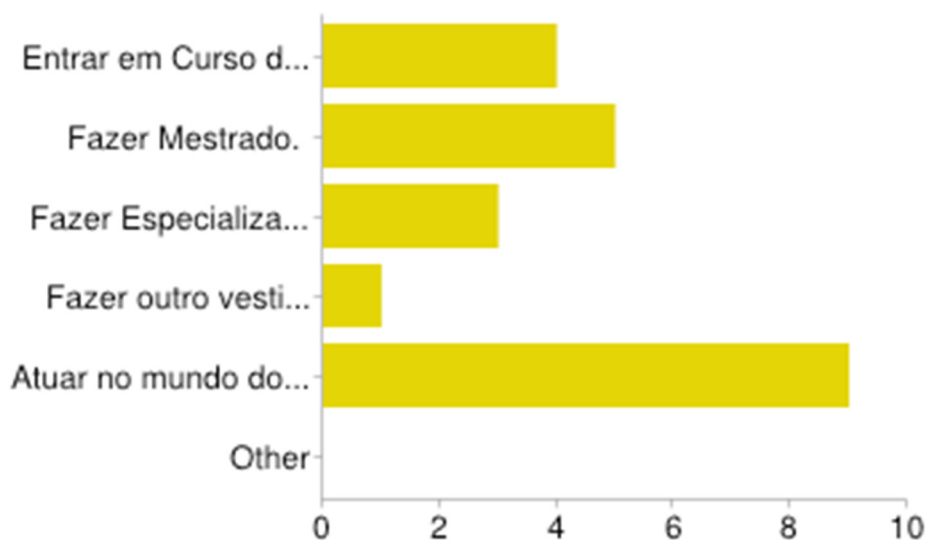


Ao perguntar se estavam fazendo algum curso de formação complementar dentro ou fora da UFBA, 80% respondeu que não e 20% que respondeu afirmativamente adicionou que era um curso extra em produção da cultura.



Observa-se que a principal pretensão dos estudantes após concluir o BI nessa área de concentração é atuar no mundo de trabalho na área de cultura (41%), seguido pela

vontade de realizar mestrado (23%). Entrar em curso de Progressão Linear (CPL) da UFBA ocupa o terceiro lugar com 18%, seguido por especialização com 14% e por último a opção de fazer outro vestibular com apenas 5%.

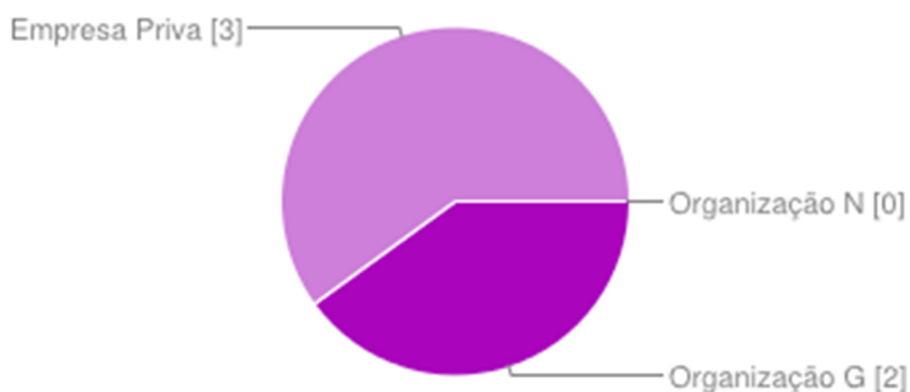
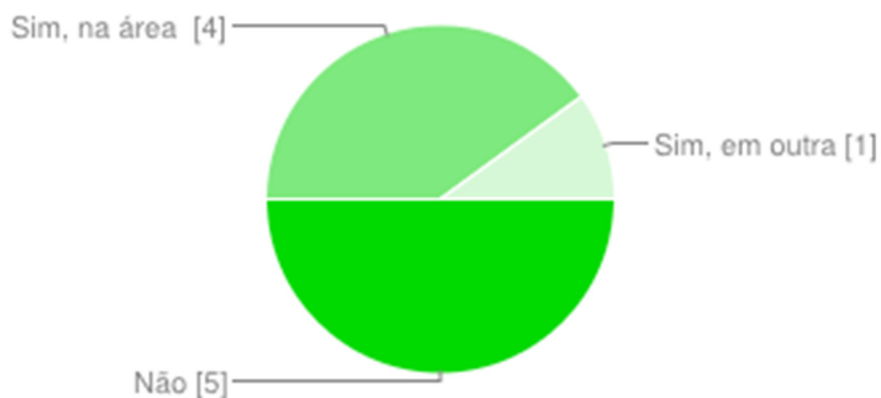


Ao somar os percentuais das opções de continuar estudando, mesmo seja especialização, mestrado, CPL ou outro vestibular, o resultado é maior (60%) que o de entrar no mercado de trabalho na área de cultura (41%).

Ao especificar o curso/atividade relacionado com a questão anterior as respostas foram licenciatura em dança, cultura, psicologia, produção cultural e museologia.

Ao consultar sobre atividades de estágio, as respostas estão divididas equitativamente. 50% assegurou não estar desenvolvendo atividades de estágio, e o outro 50% se divide entre 40% que estão desenvolvendo na área de cultura e 10% que estão desenvolvendo em outra área.





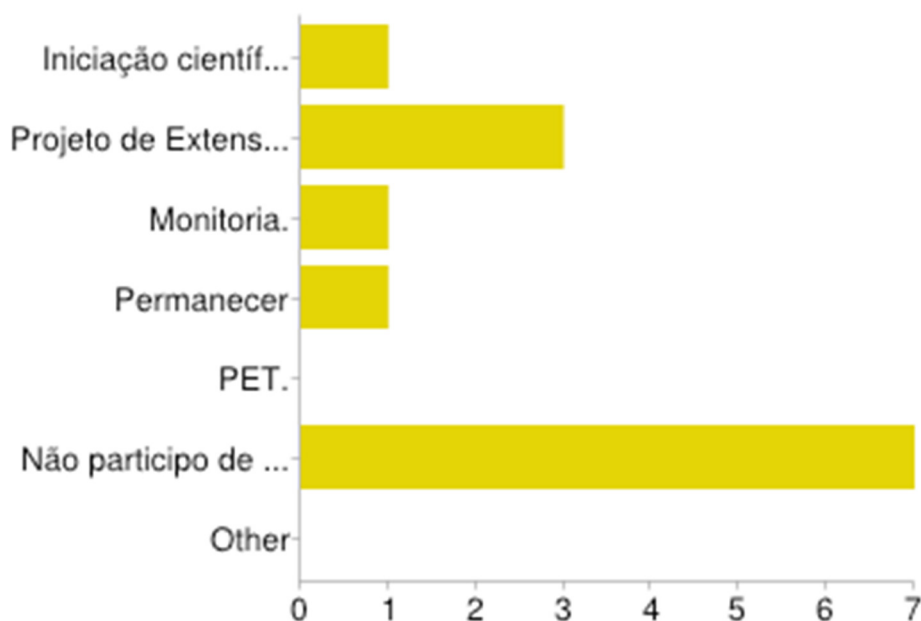
Dentro do 50% que vem desenvolvendo atividades de estágio, 60% o está fazendo dentro de uma empresa privada e 40% em organizações governamentais. Dos estudantes estagiários, 80% são remunerados e 20% não.

Observa-se que ao perguntar sobre trabalho (não considerado estágio) as respostas voltam a estar niveladas entres os que não trabalham (50%) e os que sim (50%). Dentro dos que sim trabalham, 30% é na área de cultura e 20% em outra área e as atividades que exercem são no setor público municipal e setor privado .

43% dos estudantes consultados tem mais de dois anos de atuação no campo de trabalho. 14% tem entre um ano e dois anos e outros 14% tem menos de seis meses. 29% restante não respondeu.

Os dados indicam que mais da metade da população consultada (54%) não participa de nenhuma atividade como iniciação científica, projeto de extensão, monitoria, permanecer ou PET. 23% participa de projetos de extensão e com percentual equitativo

(8%) participam de iniciação científica, monitoria e Permanece, e nenhum declarou participar em Programa de Educação Tutorial.



Baseados na questão anterior, dentro do grupo de estudantes que realiza alguma das atividades relacionadas anteriormente, 50% recebe bolsa e 50% não.

Com o objetivo de conhecer as motivações e interesses dos estudantes ingressantes na ACPGC na hora de realizar algum trabalho social, artístico e/ou cultural, a pesquisa demonstrou que os interesses estão divididos entre os que não (50%) e os que sim (50%). Desses últimos, são todos voluntários e correspondem a produção de um grupo de coros, atriz, trabalhos artísticos, grupos de dança e atuação e produção num grupo de teatro.

A terceira parte do questionário está voltada para avaliar a formação antes da entrada na área de concentração e sondar os interesses voltados para escolha das optativas da ACPGC. Inicialmente se solicitou avaliar a formação geral no BI antes da entrada na área de concentração e o resultado foi positivo, sendo que 50% avaliou excelente e 50% como boa. Nenhum ingressante qualificou como regular ou ruim.

A pesquisa permitiu conhecer os componentes optativos dentro da área de

concentração que despertam maior e menor interesse nos estudantes. Dentro do primeiro grupo se destacam Produção Cultural (17%), Patrimônio Cultural (13%) e Diversidade Cultural (10%) com maior interesse. Seguidos por Direitos Culturais e Legislações da Cultura e Arte e Cidade com 7% cada um. Ateliê do Empreendedor, Crítica Cultural, Cultura e Cidade, Cultura e Mídia, Culturas baianas, Culturas Brasileiras, Culturas Populares, Economia da Cultura, Espetáculos Culturais Contemporâneos, Estudos das Culturas, Estudos das Sociedades, Políticas Culturais, Propriedade Intelectual, Tópicos especiais em Cultura receberam cada um 3%. Os componentes restantes que não aparecem resenhados no gráfico obtiveram 0%.

Na hora de responder sobre os componentes que despertam menor interesse dentro dos estudantes, o primeiro lugar foi ocupado por Arqueologia das Artes e Tecnologias (17%), seguido por Ateliê do Empreendedor (10%) e Cidade e Narrativas Gráficas (10%). Estudos das subjetividades (7%), Migrações Internacionais Nacionalidades (7%), Propriedade Intelectual (7%), Públicos da Cultura (7%), Redes e Culturas Urbanas(7%) ocuparam o terceiro lugar com a mesma porcentagem. Por ultimo, Arte e Cidade, Cultura e Mídia, Cultura e Turismo, Espetáculos Culturais Contemporâneos, Estudos do Desenvolvimento, Estudos dos Poderes, Tecnologias das Informações e as Artes, Tópicos Especiais em Cultura e Trabalho de Conclusão de Curso obtiveram 3% respectivamente. Os componentes restantes que não aparecem resenhados no gráfico obtiveram 0%.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que os dados da pesquisa sejam utilizados como forma de melhor compreender essa área de formação no interior da Universidade Federal da Bahia, auxiliando no fortalecimento do reconhecimento que essas iniciativas são cruciais para a profissionalização da organização da cultura na Bahia.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Candido José Mendes de (org.). **Marketing cultural ao vivo: depoimentos**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1992.

ALMEIDA, Marcia de. **Afinal, o que é produção?** Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 1998.

AVELAR, Rômulo. **O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural**. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2008

CALABRE, Lia. Profissionalização no campo da gestão pública da cultura nos municípios brasileiros: um quadro contemporâneo. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**. N° 6 (jul./set. 2008). São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

CESNIK, Fábio de Sá; e MALAGODI, Maria Eugênia. **Projetos culturais: elaboração, administração, aspectos legais, busca de patrocínio**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

CUNHA, Maria Helena. **Gestão cultural: profissão em formação**. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2007.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Teoria e prática da gestão cultural**. Fortaleza: UNIFOR, 2002.

LEITÃO, Cláudia Sousa (org.). **Gestão cultural: significados e dilemas na contemporaneidade**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.

MELLO, Ugo Barbosa de. Formação em Produção Cultural – UFBA: uma análise dos alunos egressos entre 1999 - 2008. Monografia, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2009.

NATALE, Edson; e OLIVIERI, Cristiane. **Guia Brasileiro de Produção Cultural 2004**. São Paulo: Editora Zé do Livro, 2003.

OLIVEIRA, Afonso. **Método Canavial: introdução a produção cultural**. Olinda: Associação Reviva, 2010.

**REVISTA OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL – REVISTA OIC**. N° 6 (jul./set. 2008). São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. Gestão cultural e seus eixos temáticos. In: CURVELLO, Maria Amélia et al. (orgs.). **Políticas públicas de cultura do Estado do Rio de Janeiro: 2007-2008**. Rio de Janeiro: UERJ/Decult, 2009.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. In: RUBIM, Albino; e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: Edufba, 2007a.

\_\_\_\_\_. Políticas culturais: entre o possível e o impossível. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org.). **Teorias & políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: Edufba, 2007b.

\_\_\_\_\_. Formação em Organização da Cultura no Brasil. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**. N° 6 (jul./set. 2008). São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

SILVA, Maria da Glória Santos da; e PICCOLO, Fernanda Delvalhas. As motivações na escolha da formação profissional dos alunos do CST em Produção Cultural do IFRJ. In: **VIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT)**. Salvador, 2012.